

revista QUARUP

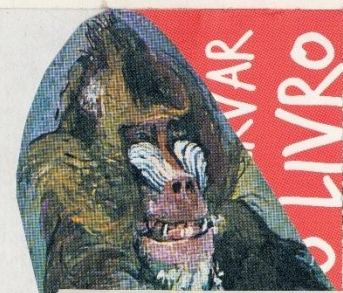
v. 1, n. 5 | março 2025 | ISSN 2965-792X

OUT. CECÍLIA MEIRELES
Je parle français.
 rioaliancafrancesa.com.br

PLATA BÁSICA
"CÂMARA DE MOSCOU"
 CONSTANTINE ORBELIAN
 ARTHUR MOREIRA LIMA
Jornal do Brasil
 Sexta-feira, 17 de setembro de 1993 - Às 19:30 hs.
 Não será permitido o ingresso na sala após o início do espetáculo
Platéia Q - 13
 GOVERNO DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO
 SECRETARIA DE ESTADO DE CULTURA
 FUNDAÇÃO DE APOIO DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO - FUNARJ



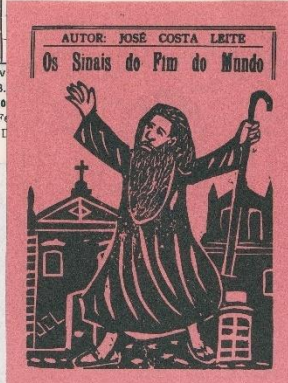
Cooperativa Editora e de Cultura Médica Ltda.
 AUTOR: VARISSIMO
 TÍTULO: O COMINENTE VOL. 1
 A VISITA CR\$ 520,00
 A PRAZO CR\$ 650,00



O BRASIL É CAMPEÃO EM CONSTRUIR OBRAS SEM MANTÊ-LAS. É UMA TENDÊNCIA HISTÓRICA.

AGÊNCIA VAN DAMME LTDA.
 Rua Guajajaras, 505 - C. Postal, 1037 e 2262
 Fone: (031) 226-6492 - Fax: (031) 226-6636
 30180-100 — BELO HORIZONTE — MINAS GERAIS

Quant	Nº	Código	MERCADORIAS
01	exp		Entre o tempo e a
01	exp		Rodney Mathew
01	exp		A vida do espir



ELETRIC. AO SEU DISPOR EMERGÊNCIA 24hs. TODOS OS DIAS
 • Aumento de carga
 • Requerimento junto à UGII
 • Projetos e instalações ELÉTRICA
 • REDE DE COMPUTADORES
 • Reforma de PC

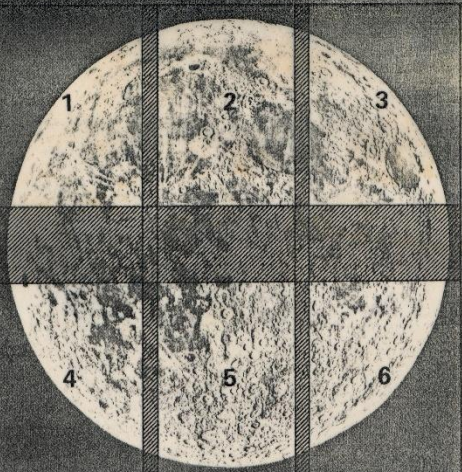
STRAND BOOKS
 8 Broadway at New York, NY 10013
 - Sat 9:30am-11:00am
 - Sun 11:00am-10:00am
STRAND PARK
 60th St at 5th Ave
 open on fair weather
 9:30am-6:00pm
 212.473.1415
strandbooks.com
 Online. On the web visit us on the web for your mobile phone

Agência Status
 LIVROS, JORNAIS E REVISTAS NACIONAIS E IMPORTADAS
AGÊNCIA STATUS LTDA.
 Av. Cristóvão Colombo, 280 - Tel.: 261-6045 - Bairro Funcionários
 CEP 30140-150 — BELO HORIZONTE — MINAS GERAIS
 CGC (MF) 21.450.937/0001-39 — INSC. EST. 0622441350055

NOTA FISCAL - SÉRIE D
 VENDAS A CONSUMIDOR
 1ª VIA - Consumidor
 Nº 024193
 Data 13/10/1995

Nome: Paulo M. S. Feijó
 Endereço: _____
 Vendedor: _____ CGC: _____ Insc. E: _____

Quant.	Unid.	Descrição das Mercadorias	Preço
01		livro: O Matador	
01		" Entre Amigos	
01		" Sobre o Rio Ligeiro	
01		" Sinais sobre o fim do mundo	
01		CD-ROM - II Guerra Mundial	



Editorial

Nicole Alvarenga Marcello

Quando eu era pequena, meu pai levava suas roupas de trabalho para ajustar com um alfaiate do bairro. Um dia, eu e minha irmã acompanhamos meu pai até seu ateliê. Era um senhor já mais para idoso, atendia em casa, e na fachada havia uma placa de madeira, simples mas de confecção cuidada, que dizia:

NESTOR ALFAIATE
AO SEU DISPOR

Eu e minha irmã, ao ler a placa, voltamos para casa rindo (ah, os clichês da publicidade!). E foi isso. Faz muito tempo e foi apenas isso. Mas hoje, enquanto escrevia para vocês e pensava sobre o quinto número da **Revista Quarup** me lembrei desse evento. E fez tanto sentido que eu me lembrasse dele justamente agora.

Primeiro por conta da tarefa da alfaiataria, em ações muito similar à da edição. Assim como o alfaiate, o editor precisa selecionar, medir, cortar, justapor, sobrepor, costurar, acomodar... Mas para além disso, o que me chamou a atenção foi, sobretudo, essa atitude, de estar *ao dispor*.

No sentido do anúncio de seu Nestor, colocar-se à disposição é estar à conveniência das vontades de alguém. É portanto estar de prontidão para o atendimento, no caso em questão, do cliente. E esse "estar a postos", na alfaiataria, quer dizer estar pronto para operar montagens e fazer combinações e ajustes, com vistas a criar uma peça. Um trabalho que exige "escuta", ou seja, estar com a atenção completamente dispo-

nível e disposta ao que os elementos pedem, sugerem (por vezes gritam, imploram).

Essa escuta de máxima disponibilidade envolve também a coragem da experimentação, afinal, há momentos em que a intuição responde ao que a racionalidade não capta. Nesse movimento de fazer experiências, essa é a primeira mudança que vocês devem perceber: para a quinta edição da **Revista Quarup**, os trabalhos selecionados foram dispostos por Eixo, estando apresentados na seguinte ordem: Tradução, Prosa, Artes, Ensaio e Poesia [1]. Essa troca de parâmetro de disposição traz também consigo um efeito de alinhamento visual. Como em uma cartela de canetas ou lápis de cor, cada Eixo é parte integrante de uma linha sequencial, que faz com que as cores pousem sobre a revista como em um arco-íris.

Essa novidade combinatória, a meu ver — diferente do que se possa imaginar num primeiro momento —, permite que as obras de cada Eixo dialoguem mais intensamente entre si, criando então linhas de força capazes de ecoar de forma mais potente junto aos outros Eixos.

Além disso, agregar as obras por Eixo é também um ato de entrega. De entrega e de fé, na escuta que vocês leitores farão das obras presentes neste quinto número da **Revista Quarup**. Pois se escuto os "Gritos e Sussurros" da poeta ítalo-somali Rahma Nur junto aos recados de C.K. Williams em "Um dia pra Anne Frank", e estes parecem vibrar em ressonância com os contos de Emerson Caldas ("Bonecas brancas, crianças negras") e de Fábio Biondo ("Mão-de-homem"), e os poemas de "azulejos", de Gabriel Machado, e de "Quando o pai foi embora", de Thiago de Oliveira; se capto um campo harmônico sutil em "Reciclagem no Bairro das Flores", de José T. Pintos, "O poço de peixes", de Julio Pattio, e sinto um grito abafado para "O alimento quando saudade", de Aldene Rocha, e "A seca, o assombro e a morte", de Fernando José Cantele; ou então quando escuto o urro da pulsão de morte no ensaio de Pedro

Minet ("Conversando com gente morta") clamar por toda a vida presente na tríade "HUMMUS" (Negro SOOUSA) - "Feminal" (Rosa Ferreira) - "mulher fronteira, encruzilhada" (Andressa Rodrigues), e nos poemas de "biópsia", de Gabriele Rosa, "Cartas da Estrada", de Paula, e ainda "Pequi", de Gabriela Conrado... Pois se escuto e combino, ainda assim, essa terá sido a minha escuta e também minhas as ênfases e as combinações formadas.

E por ter como premissa maior enquanto editora a liberdade, decido entregar a vocês não a minha escuta, mas cinco conjuntos de obras, como naipes de uma orquestra, para que escutem e criem sua própria disposição.

Em liberdade,

Nicole A. Marcello
(ao seu dispor)

[1] Para este número da revista, o Eixo Agênero não figura, embora continue a existir em possibilidade.

Sumário

■ p. 2 **Editorial** – Nicole Alvarenga Marcello

■ p. 8 **Fazem a Revista Quarup n. 5** Autor_s

■ TRADUÇÃO

p. 18 **Os gritos e os sussurros** Júlia Batista B. Farias **traduz**
a poeta italiana de origem somali Rahma Nur

p. 30 **Um conto sobre a queda** Cintia Yamanaka **traduz**
Alice Oswald

p. 33 **[Testemunho]** michele **traduz** Rita Dove

p. 41 **Um Dia pra Anne Frank** Ricardo Escudeiro **traduz**
C. K. Williams

p. 54 **As Mamães** Alessandra Carolina Ramírez **traduz**
Soledad Castresana

p. 56 **O espremedor de laranja parou de funcionar**
Lucas Faria **traduz** A. E. Quintero

p. 63 **Retábulo de Maravilhas** Mylla Taynah **traduz**
Juana Castro

p. 65 **O Homem e a ação** Walisson Oliveira **traduz**
Paul Valéry

■ PROSA

- p. 70 **Reciclagem no Bairro das Flores** José T. Pintos
- p. 84 **Clarice**, Malu Hirsch
- p. 90 **As delícias** Leonardo Simões
- p. 92 **Bonecas brancas, crianças negras** dois contos de Emerson Caldas
- p. 97 **À deserta** dois contos de Catarina Lara Resende
- p. 100 **Mão-de-homem** dois contos de Fábio Biondo
- p. 107 **O poço de peixes** Julio Pattio
- p. 115 **Desejos** Luiz Rosa
- p. 120 **Um outro artista** José Ronaldo Siqueira

■ ARTES

- p. 132 **HUMMUS NEGROSOUSA**
- p. 135 **mulher fronteira, encruzilhada** Andressa Rodrigues
- p. 141 **Uma ilustração** Elisa Teruko Shibuya
- p. 142 **Do alimento quando saudade** Aldene Rocha
- p. 149 **Feminal** Rosa Ferreira
- p. 151 **Home** Krika Paskim
- p. 161 **A seca, o assombro e a morte** Fernando José Cantele

■ ENSAIO

- p. 167 **Conversando com gente morta: sobre cadáveres e veados** Pedro Minet
- p. 178 **Des-nomear, Desobedecer, Desfuncionalizar: a odisseia de se permitir autora e se reconhecer artista** Anna Luiza Guimarães

■ POESIA

- p. 193 **O começo** Inês Campos
- p. 198 **Cartas da Estrada** Paula
- p. 203 **Ao fechar os olhos imagina a água** Deanna Ribeiro
- p. 209 **azulejos** Gabriel Machado
- p. 214 **quando o pai foi embora** Thiago de Oliveira
- p. 218 **[Livrai-nos]** Anderson Cunha
- p. 219 **Já não quero escrever ou como sair do labirinto (práticas do papel e práticas de leitura)** Isabelle Scalabrini
- p. 228 **Haikais** Jaque Monteiro
- p. 229 **Os Artistas sob a Cúpula do Tempo** Fidia Balromb
- p. 236 **adagas** Samara Eva Santana
- p. 243 **biópsia** Gabriele Rosa
- p. 247 **Pequi** Gabriela Conrado
- p. 255 **Créditos**

Fazem a Revista Quarup n. 5:

ALDENE ROCHA artista multidisciplinar e professor de Fotografia no Instituto de Aplicação da UERJ (CAp-UERJ), onde finaliza doutorado em Artes no PPGArtes-UERJ. Sua pesquisa foca na cultura afro-brasileira nas paisagens urbanas, integrando teoria e prática. Utiliza conceitos como "encruzilhada", "ginga" e "malandragem" para criar narrativas visuais que valorizam o cotidiano da rua, transformando objetos comuns em reservatórios de memórias e de histórias.

ALESSANDRA CAROLINA RAMÍREZ nascida em Goiás e formada em Letras. Com seus 31 anos, é uma talentosa escritora que encanta leitores com seus contos e poemas. Sua escrita, marcada por uma sensibilidade única, explora as nuances da alma humana e as complexidades das relações interpessoais.
[@still_carolina](#)

ANDERSON CUNHA sou compositor, músico e integrante do grupo Sertanília. Minha poesia até então se restringia às músicas do grupo, que foi por duas vezes finalista do Prêmio da Música Brasileira com os discos *Ancestral* (2011) e *Gratia* (2016), disponíveis no [Spotify](#). Agora, pretendo divulgar meu lado poeta, que pode ter parte dele lido no seu [Instagram @undersoncunha](#). Sou também produtor musical, componho e produzo trilhas sonoras para filmes e séries.

ANDRESSA RODRIGUES mulher, branca, latina, cisgênero, hétero, sem deficiência, feminista decolonial, antirracista, artista visual, gestora cultural e curadora. Sente uma necessidade esmagadora de criar e é apaixonada por arte e cultura. Teceu sua trajetória através da Filosofia, da História e da Arte, confluindo

nos caminhos das poéticas do feminino. Graduada em Filosofia e Arte, especialista em Metodologia do Ensino de Artes e Gestão Cultural e mestra em História.

ANNA LUIZA GUIMARÃES é jornalista, especialista em literatura para a infância pela A Casa Tombada (FACONNECT-SP), mestranda no Programa de Literatura, Cultura e Contemporaneidade do departamento de Letras da PUC-Rio (PPGLCC / PUC-RIO), onde pesquisa os diálogos entre livros para a infância e livros de artista e suas formas de circulação. Idealizou *A Fabulosa Mala dos Menores Livros do Mundo*, um projeto que tem um acervo de minilivros para apreciação, e realiza oficinas de criação.

CATARINA LARA RESENDE é professora, tradutora e mestranda em Teoria da Literatura na UERJ. Graduada em Artes & Design pela PUC-Rio, tem textos e trabalhos visuais publicados em veículos como Ruído Manifesto, Jornal Relevo e Editora Fictícia.

CINTIA YAMANAKA nasceu em Piracicaba-SP, é formada em História pela Universidade de São Paulo e trabalha desenvolvendo projetos relacionados à memória, patrimônio e identidade. À parte, escreve e traduz, sempre que possível. Assina a maioria das letras do disco *Do amor e do tempo*, lançado em 2023 por Daniel de Paula.

DEANNA RIBEIRO é pernambucana e graduada em Letras pela UFPE. Publicou nas antologias *Quem dera o sangue fosse só o da menstruação* (Urutau, 2019); *Fotoescritos do confinamento* (Ganesha Cartonera, 2021); e *Poesia fora do eixo* (Toma Aí um Poema, 2021). É autora do livro *Ao fechar os olhos imagina a água* (Quintal Edições, 2024) e pode ser lida no *Instagram* [@deanna_ribeiro](https://www.instagram.com/deanna_ribeiro).

ELISA TERUKO SHIBUYA tenho 27 anos, sou amarela e formada em Artes Visuais pela UFJF. Venho de uma família birracial —

branca e amarela — e minha poética envolve a questão dessa identidade, utilizando dos conceitos de autoficção e exploração do espaço do feminino para desenvolver minha produção artística.

EMERSON CALDAS é de Belém do Pará. Cientista Social formado pela Universidade do Estado do Pará – UEPA. Pesquisa na área de Artes e Antropologia, é mestrando em Artes no PPGArtes – UFPA. Integrante do Coletivo Ilustra Pretice PA, do Centro de Estudos e Defesa do Negro do Pará (CEDENPA) e da Sala Tatá Kinamboji de Arte Afro-amazônica. Autor do livro *Complexo horizonte da atmosfera negra* (Patuá, 2024). Escreve crônicas, poesias e produz colagens analógicas e digitais.

FÁBIO BIONDO 44 anos. Nascido em Londrina e radicado em Curitiba. Formado em Marketing e Pós-Graduado em Direção de Arte para Cinema e TV e em Design Instrucional. Atua nas áreas das artes visuais, audiovisual e educação presencial e à distância. Participou de exposições solo e coletivas, festivais de audiovisual e animação em território nacional e estrangeiro. Escritor novato.

FERNANDO JOSÉ CANTELE sou um entusiasta e fascinado pela fotografia, graduado em História com especialização em Cultura Material e Arqueologia. Trabalho com pesquisa arqueológica no âmbito do licenciamento ambiental, o que me permitiu conhecer inúmeras paisagens pelo Brasil. Por todos os lugares que passei, sempre procuro fazer registros fotográficos da fauna, flora, paisagem, entre outras.

FIDIA BALROMB (Fábio Visnadi) é escritor, artista visual e pesquisador de arte. Tem Doutorado Direto pelo Programa de Pós-Graduação Interunidades em Estética e História da Arte da USP, com a tese *Forma da arte conceitual e minimalista*. Atua como coeditor da *Foco - Revista de Cinema*, tradutor e redator de material didático de artes para sistemas de ensino. Tem duas

obras publicadas de forma independente: *Tarambote* (2021), livro de poesias; e *Leonã, o Mata-Cavalo* (2021), novela.

GABRIEL MACHADO de Niterói-RJ. Faço Jornalismo na UFRJ, e por isso preciso também de poemas para ir além do fátual. Tenho 20 anos e um poema publicado na coletânea *Catarse - Além das palavras*. Selecionei seis novos poemas para a **Revista Quarup**; partem todos de (ou para) um eu criança.

GABRIELA CONRADO nascida em Belo Horizonte (MG), graduada em Direito (UFMG). Publicou pela Editora Patuá *Formigas gravetos folhas formigueiro* (2024); e pelo selo independente Mar Adentro publicou *Contos marítimos* (2019) e *Outras histórias* (2019).

GABRIELE ROSA carioca, poeta, historiadora e dramaturgista, assinou a dramaturgia da peça *Memórias de uma manicure* (BQ Teatro, 2023 – Projeto contemplado no Edital Eletrobrás 2021). Autora de *As avós não morrem nas canções de ninar* (Primata, 2024), *Afetos postiços* (Ofícios Terrestres, 2023), *Dias medidos em xícaras de café* (Urutau, 2023), entre outros livros. Foi aluna do CLIPE 2023 (Curso Livre de Preparação de Escritores) do Museu Casa das Rosas.

INÊS CAMPOS nasceu e mora em Belo Horizonte. É poeta e advogada. É autora dos livros *Geografia particular* (Cas'a edições, 2017), *Roca* (Cas'a edições, 2019) e *O músculo da escolha* (Corsário Satã, 2024). Alguns de seus poemas foram publicados também em revistas e coletâneas nacionais e estrangeiras.

ISABELLE SCALAMBRINI (1999) é poeta e pesquisadora em literatura na UFMG. Seu último livro de poesia, *Dias de pedra* (2023), foi publicado pela editora Ofícios Terrestres.

JAQUE MONTEIRO mãe, arte-educadora, nascida no cerrado do Planalto Central, em Brasília, a capital menina. Participante de antologias com poemas, contos e haicais. É encantada com a vida, praticante da alegria, amante da palavra, flerta com a fotografia, adora contar e ouvir histórias-estórias e conhecer outras terras. Deixo aqui, um taquinho de mim, dá-me um tiquinho d'ocê. [@jaquemonteiroescritora](#) e [@jaquefotoimagem](#).

JOSÉ RONALDO SIQUEIRA é carioca, professor de Língua Portuguesa e Literatura, reside no interior das Gerais. É autor dos livros *O prisioneiro* (contos, Cakibooks, 2012); *Historinha é o escambau!* (microcontos, Celacanto, 2016); *Manual não injuntivo de como criar um monstro* (romance, Patuá, 2018 - 3º lugar no concurso da Biblioteca Nacional 2019); *Atlas anatômico para almas puídas* (contos, Patuá, 2021); *Vida é este inferno de guerra que se perde todo santo dia* (poemas, Libertinagem, 2022); *Putofilis* (poemas, M.inimalismos, 2023).

JOSÉ T. PINTOS sou galego, moro em Vigo, na Galiza, muito perto de Portugal. Gosto da língua portuguesa por proximidade física, cultural e até sentimental. Sou casado e tenho duas filhas fantásticas. No tempo livre, toco saxofone na banda viguesa Thevagar Septeto e escrevo relatos. Tenho 17 escritos publicados em livros e revistas no Brasil, Portugal e Galiza. Dois deles foram vencedores de concursos.

JÚLIA BATISTA B. FARIAS (São Paulo, 1996) é escritora, pesquisadora e tradutora. É bacharel em Letras-Português/Italiano pela USP, onde faz mestrado em Literatura Brasileira. Já publicou poemas em revistas eletrônicas e nas antologias *Do que ainda nos sobra da guerra e outros versos pretos* (Ipê Amarelo, 2021) e *Estamos aqui* — antologia de jovens poetas negros (Cult Editora, 2022). Em 2024, publicou o seu primeiro livro de poesias, *Meu desejo*, pela Editora M.inimalismos.

JULIO PATTIO nasceu no norte quente capixaba, na cidade de Colatina, às margens do assassinado Watu. Foi punk e anarquista, produziu zines e trocou cartas. Formou-se em Filosofia pela UFMG, logo em seguida deixou o Brasil. Mestre e doutor em Filosofia do Renascimento pelo CESR – Tours (França), pesquisa ontologias e epistemologias decoloniais. Vive em Berlim, mas sonha em voltar para casa. Atualmente está correndo atrás de publicar seu primeiro romance e trabalhando em um volume de contos.

KRIKA PASKIM é artista plástica que vive e trabalha em São Paulo. Sua prática artística é baseada na observação do cotidiano, utilizando diversos materiais para explorar suas propriedades de maneira simples e direta. A geometria é um tema recorrente em suas obras, onde explora a interação entre a precisão matemática e as imperfeições da condição humana. Suas obras foram exibidas em várias exposições, sendo selecionadas para a XIV Bienal de Florença/Itália e para a 4ª No Name, na Cidade do México.

LEONARDO SIMÕES nascido em Patrocínio, Minas Gerais, mora em São Paulo desde 2010. Formado em jornalismo, é mestrando em Educação, Arte e História da Cultura pela Universidade Presbiteriana Mackenzie. Venceu o III Concurso de Dramaturgia Flávio Migliaccio com o texto "Arquipélago". Em 2023, publicou *Folha de rosto* (Mondru).

LUCAS FARIA nasceu em Nova Iguaçu, Rio de Janeiro. É graduado em Letras-Português/Espanhol/Literaturas pela UFRRJ/IM e pós-graduado em Tradução de Inglês pela UNESA. Atua como tradutor, revisor e professor de idiomas. Nas horas vagas, escreve poemas e resenhas sobre filmes e livros, além de realizar traduções voluntárias para a ONG Palavras de Paz e para a *Translators without Borders*.

LUIZ ROSA sou escritor e cientista social, escrevo contos e romances sociais que tratam de dar voz a figuras invisibilizadas em nossa sociedade. Escrevo sobre as periferias urbana e rural do Rio e da Baixada Fluminense.

MALU HIRSCH soteropolitana com 17 anos, apaixonada pelo lirismo e por política desde a infância, seguindo e buscando reconhecimento por poemas e prosas poéticas. Tenho, como lugar favorito, um palco em que me apresento como artista e interpreto o mundo pelas palavras. Estou no processo de escrita do meu primeiro livro, inspirado por um amor inconsolável e absoluto. Usei a escrita como conforto em momentos difíceis e ainda persisto em ser escritora.

MICHELE (Michele Soares) lê, escreve, traduz e pesquisa. É bacharela em Letras – Português/Grego pela Universidade de São Paulo (USP) e venceu o Prêmio Off Flip de Literatura 2024, categoria Poesia. [@michele.net.br](https://www.instagram.com/michele.net.br).

MYLLA TAYNAH tudo começou há um tempo atrás... Nascida e criada em Aracaju-SE. Mestranda em Cinema e Narrativas Sociais pela Universidade Federal de Sergipe (UFS). A singularidade é a essência do eu no mundo. Amante dos animais, encantada pelas artes e a literatura.

NEGROSOUSA Artista Visual, Fotógrafo, Performer. Construtor de narrativas a partir do diálogo entre história e cotidiano, referenciadas no acervo artístico mundial. Assina a criação da primeira galeria virtual de imagem do Ceará, e de exposições como Anjos Caídos (2020), Barracas (2021) e Pode Entrar (2023).

PAULA Andarilha. Forasteira. Imigrante. Migrante. Não nativa. Nômade. Peregrina. Retirante. Romeira. Viajante.

PEDRO MINET nasceu e vive atualmente no Rio de Janeiro-RJ. Em 2023, publicou seu primeiro livro, *Coleção de meninos mortos*, pela Editora Urutau.

RICARDO ESCUDEIRO (Santo André-SP, 1984) é (ex) metalúrgico, professor e editor. Trabalha na finalização do quarto livro de poemas, resultado do mestrado concluído em 2024 pelo Programa de Pós-Graduação em Estudos Comparados de Literaturas de Língua Portuguesa, na FFLCH-USP. Possui publicações em mídias diversas: Escamandro, Revista 7faces, Revista CULT, Soletras (Moçambique), Flanzine (Portugal), Enfermaria 6 (Portugal), Tlön (Portugal), entre outras. É vocalista e baixista da banda Ezúmia.

ROSA FERREIRA bacharel em Artes Plásticas pela Escola Guignard 2017-2021. Bacharel em Administração de Empresas pelo Instituto Izabela Hendrix 1998-2002. Exposições e atividades: Mostra Individual "Feminal": Assembleia Legislativa de Minas Gerais, Belo Horizonte-MG, 30/09/2024 a 18/10/2024; 3ª Bienal Black Brazil Art Centro Municipal de Artes Hélio Oiticica na cidade do Rio de Janeiro-RJ, 27/03/2024 a 16/06/2024; participação em Mesa de Conversação sobre o tema "Identidades Artísticas e Influências Culturais" 25/04/2024, transmitida pelo *YouTube*.

SAMARA EVA SANTANA 27 anos, carioca, nascida em um domingo de carnaval de 1998. Filha do meio, bacharela e licenciada em História pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Escreve por aí enquanto não pedem para ela parar.

THIAGO DE OLIVEIRA jornalista paranaense de 23 anos, natural de Guarapuava, é apaixonado pela leitura, pela escrita, por suas gatas e pelo Corinthians. Nascido em 21 de maio de 2001, e tendo por isso a influência do signo geminiano do zodíaco — não que isso importe — é mais um daqueles interioranos que ao descobrir a literatura se deparou com a vastidão do mundo.

WALISSON OLIVEIRA é doutorando em Estudos Literários (UFMG) e mestre em Letras – Estudos Literários (Unimontes). Possui graduação em Letras – Português (Uniube) e em Jornalismo (UniFunorte).

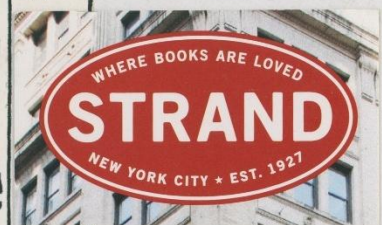
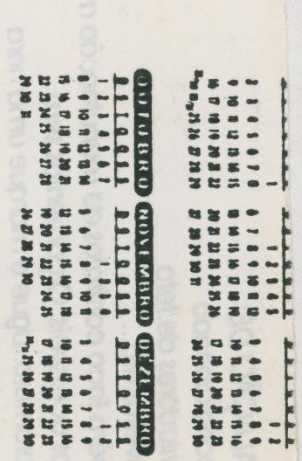


A **Revista Quarup** é uma publicação online e semestral sob licença Creative Commons CC BY-NC-SA 4.0. Para saber mais, acesse: <https://creativecommons.org/licenses/by-nc-sa/4.0/>

As opiniões e os posicionamentos expressos nesta edição são de responsabilidade exclusiva d_s autor_s, não refletindo necessariamente a opinião editorial e institucional da **Revista Quarup** e de seus membros.

TRADUÇÃO

Nomes gregos	Nomes hebraicos	Figurações aparentes	PROTO-SEMITICO	FENICIO			GREGO ARCAICO			HEBRAICO ANTIGO		ARAMAICO ANTIGO			HEBRAICO QUADRADO		PORTUGUES	
			Proto-semitico	HEBRAICOS DE CRETA	Inscrição de Yehemilk	Sarcófago de Ahiram	Inscrição de Meshu	Jônio	Azco	Corintho	Calendario de Gezer	Inscrição de Sibaom	Sec VIII a.C.	Sec VI a.C.	Sec IV a.C.	Monumental		Contemporâneo
1 alpha	âleph	boi	Α	𐤀	𐤁	𐤂	Α	Α	ΑΑ	𐤃	𐤄	𐤅	𐤆	𐤇	𐤈	Αα		
2 beta	bêth	casa	Β	𐤃	𐤄	𐤅	Β	Β	ΒΒ	𐤆	𐤇	𐤈	𐤉	𐤊	𐤋	Bb		
3 gamma	gimel	camelo	Γ	𐤆	𐤇	𐤈	Γ	Γ	ΓΓ	𐤉	𐤊	𐤋	𐤌	𐤍	𐤎	Γ, Γ, γ		
4 delta	dâleth	dobradica de porta	Δ	𐤉	𐤊	𐤋	Δ	Δ	ΔΔ	𐤊	𐤋	𐤌	𐤍	𐤎	𐤏	Dd		
5 epsilon	hê	armadura de janela (?)	Ε	𐤌	𐤍	𐤎	Ε	Ε	ΕΕ	𐤋	𐤌	𐤍	𐤎	𐤏	𐤐	Ee		
6 digamma	wâw	gancho, anzol	Υ	𐤏	𐤐	𐤑	Υ	Υ	ΥΥ	𐤌	𐤍	𐤎	𐤏	𐤐	𐤑	Ff		
7 zeta	zayin	arma (?) oliva (?)	Ζ	𐤑	𐤒	𐤓	Ζ	Ζ	ΖΖ	𐤍	𐤎	𐤏	𐤐	𐤑	𐤒	Zz		
8 eta	hêth	cerca (?)	Η	𐤓	𐤔	𐤕	Η	Η	ΗΗ	𐤎	𐤏	𐤐	𐤑	𐤒	𐤓	Hh		
9 theta	îêth	fardo (?)	Θ	𐤕	𐤖	𐤗	Θ	Θ	ΘΘ	𐤏	𐤐	𐤑	𐤒	𐤓	𐤔	hh		
10 iota	îôd	mão	Ι	𐤗	𐤘	𐤙	Ι	Ι	ΙΙ	𐤐	𐤑	𐤒	𐤓	𐤔	𐤕	ii		
11 kappa	kaph	palmão da mão	Κ	𐤙	𐤚	𐤛	Κ	Κ	ΚΚ	𐤑	𐤒	𐤓	𐤔	𐤕	𐤖	kk		
12 lambda	lâmed	agulhão	Λ	𐤛	𐤜	𐤝	Λ	Λ	ΛΛ	𐤒	𐤓	𐤔	𐤕	𐤖	𐤗	ll		
13 mu (mu)	mêm	água	Μ	𐤝	𐤞	𐤟	Μ	Μ	ΜΜ	𐤓	𐤔	𐤕	𐤖	𐤗	𐤘	ll		
14 nu (ny)	nûn	peixe	Ν	𐤟	𐤠	𐤡	Ν	Ν	ΝΝ	𐤔	𐤕	𐤖	𐤗	𐤘	𐤙	ll		
15 xi	îâmek	estaca (?)	Ξ	𐤡	𐤢	𐤣	Ξ	Ξ	ΞΞ	𐤕	𐤖	𐤗	𐤘	𐤙	𐤚	ll		
16 omicron	ayin	alho	Ο	𐤣	𐤤	𐤥	Ο	Ο	ΟΟ	𐤖	𐤗	𐤘	𐤙	𐤚	𐤛	ll		
17 pi	pê	boca	Π	𐤥	𐤦	𐤧	Π	Π	ΠΠ	𐤗	𐤘	𐤙	𐤚	𐤛	𐤜	ll		
18 (ver n.º 7)	îôdê	anzol (?)	Ρ	𐤧	𐤨	𐤩	Ρ	Ρ	ΡΡ	𐤘	𐤙	𐤚	𐤛	𐤜	𐤝	ll		
19 iappa	kâph	macaco (?)	Ι	𐤩	𐤪	𐤫	Ι	Ι	ΙΙ	𐤙	𐤚	𐤛	𐤜	𐤝	𐤞	ll		
20 iô	rêsh	cabeça	Θ	𐤫	𐤬	𐤭	Θ	Θ	ΘΘ	𐤚	𐤛	𐤜	𐤝	𐤞	𐤟	ll		
21 sigma	shin, sin	dente (?)	Σ	𐤭	𐤮	𐤯	Σ	Σ	ΣΣ	𐤛	𐤜	𐤝	𐤞	𐤟	𐤠	ll		
22 tau	tau	marca	Τ	𐤯	𐤰	𐤱	Τ	Τ	ΤΤ	𐤜	𐤝	𐤞	𐤟	𐤠	𐤡	ll		
23 ypsilon							Υ	Υ	ΥΥ							ll		
24 phi							Φ	Φ	ΦΦ							ll		
25 chi, êhi							Χ	Χ	ΧΧ							ll		
26 psi							Ψ	Ψ	ΨΨ							ll		
27 ômega							Ω	Ω	ΩΩ							ll		
I	II	III	IV	V	VI	VII	VIII	IX	X	XI	XII	XIII	XIV	XV	XVI	XVII	XVIII	XIX



O PALADAR TRADUZ O IMPRONUNCIÁVEL.



Os gritos e os sussurros

Júlia Batista B. Farias traduz a poeta italiana de origem somali Rahma Nur

Todos os poemas selecionados foram traduzidos do original em italiano, publicados em: NUR, Rahma. *Il grido e il sussurro*. Capovolte: Alessandria, 2022.

Fios linguísticos

No passo que se alonga
Entre a terra que te viu nascer
E o solo que te acolheu
Há um fio que os une
Como um soro.
Te nutre de palavras e frases
De proposições e longos períodos
Não pode analisá-los
E os deixa fluir em ti
Entre os glóbulos vermelhos que atravessam as tuas veias
Na tua epiderme escura e lisa
Que não permite conjecturas
Mas juízos peremptórios
hadaad somali tahay maxaad somali ugu hadlin? [1]
Ou
Come parli bene l'italiano! [2]

Daqui e de lá
O mutismo a faz mestre
A única resposta certa
É uma não-resposta
Dizem que as palavras são música
Dizem que as palavras são comida
Dizem que as palavras são arte
Mas não dizem que as palavras criam
Confusão Desordem Desconforto
Distanciam Atormentam Emudecem
Diante de outras palavras

Não te dizem que as palavras são língua
Que as línguas são tantas
Que nem todos as possuem
Que a língua mãe
Pode se tornar madrasta
E aquela madrasta se tornar mãe
Que nem sempre são intercambiáveis,
que se pode passar uma vida inteira
Sem falar nenhuma, mesmo que
Outras duas ou três estejam dentro de ti.
A língua mãe cuida
Mas pode adoecer se não a falas bem
e te ligas àquela madrasta como uma fonte que te nutre.

Quando a diáspora
Te transporta de um país a outro
Escolhes uma língua veicular
Que te faz atravessar fendas
Reais e imaginárias
Um código
Que abre portas
E nesse vácuo onde vives

Outros nascem e crescem
E a distância entre irmãos se dilata
Permanece um único fio que une
Não é o somali, o holandês, o sueco
mas as mãos, a pele, os olhos
o teu corpo inteiro
a preencher aquele vazio
de um país a outro.

É o invólucro externo
Que responde tácito às perguntas
que fala por ti
porque a tua boca ficou muda
pelas muitas línguas que a invadiram.

[1] *Se você é somali, por que não fala somali?*

[2] *Como você fala bem o italiano!*

Fili linguistici

Nel passo che allunghi
 Tra la terra che ti ha visto nascere
 E il suolo che ti ha accolto
 C'è un filo che le lega
 Come una flebo.
 Ti nutre di parole e frasi
 Di proposizioni e lunghi periodi
 Non puoi analizzarli e
 Li lasci fluire in te
 Tra i globuli rossi che attraversano le tue vene
 Nella tua epidermide scura e liscia
 Che non permette congetture
 Ma giudizi perentori:
 hadaad soomaali tahay maxaad somali ugu hadlin?
 Oppure
 Come parli bene l'italiano!

Di qua e di là
 Il mutismo la fa padrone
 L'unica risposta certa
 È una non risposta.
 Dicono che le parole sono musica
 Dicono che le parole sono cibo
 Dicono che le parole sono arte
 Ma non dicono che le parole creano
 Confusione Disordine Disagio
 Allontanano Tormentano Ammutoliscono
 Davanti ad altre parole

Non ti dicono che le parole sono lingua
 Che le lingue sono tante
 Che non tutti le posseggono

Che la lingua materna
Può diventare matrigna
E quella matrigna diventare materna
Che non sempre sono intercambiabili,
che si può trascorrere una vita intera
Senza parlarne una benché
Altre due o tre siano dentro te.
La lingua materna cura
Ma può far ammalare se non la parli bene
ti leghi a quella matrigna come una fonte che ti nutre.

Quando la diaspora
Ti trasporta da un paese all'altro
Scegli un linguaggio veicolare
Che ti fa attraversare varchi
Reali e immaginari
Un codice
Che apre porte
E in questo vacuum in cui vivi
Altri nascono e crescono
E la distanza tra fratelli si dilata
Rimane un unico filo che unisce
Non è il somalo, l'olandese, lo svedese,
ma le mani, la pelle, gli occhi,
il tuo intero corpo
a riempire quel vuoto
da un paese all'altro.

È l'involucro esterno
Che risponde tacito alle domande,
che parla per te,
perché la tua bocca è resa muta
dalle troppe lingue che l'hanno invasa.

Deixei a minha casa

Deixei a minha terra
aquele solo que eu calcava com os joelhos
Deixei rostos enevoados pelo oblívio
Deixei ali as minhas escassas palavras.

Cinco anos e há dois eu não via minha mãe
Deixei a minha terra para um recomeço
Rumo a um rosto que não recordo
Uma palavra esquecida: mamãe, *Hooyo*. [3]

Deixei a minha terra e um futuro incerto.
Deixei a minha terra porque os meus pés não sabiam calcá-la.
a minha barriga estava inchada de vazio, o meu coração
[silencioso.

Deixei a minha terra para curar as pernas
Me puseram de pé, ensinaram a andar, ensinaram uma outra
[língua

Mas eu perdi as palavras do passado

Não engatinho mais
Não polvilho de areia as minhas pernas
e tudo o que eu gostaria é mergulhar nas palavras perdidas
nadar nas fábulas perdidas, escalar acácias raquíticas
Me perder nos olhares que me reconhecem como uma deles:
Rir das histórias que não conheço
Dançar e cantar os ritmos que percorreram as minhas veias.
Repetir os *sheeko sheeko* [4] à minha filha.

Todavia, as minhas palavras titubeiam como as minhas pernas,
Os meus cantos desafinam e o meu coração chora um choro
[desesperado e mudo.

[3] Mamãe.

[4] Na língua somali o termo *sheeko* significa literalmente "história". *Sheeko sheeko*, por sua vez, é uma expressão que remete à prática de contação de histórias, muito tradicional na Somália, especialmente com as crianças. Antes de iniciar a narrativa, os contadores de histórias dizem *sheeko sheeko* para prender a atenção dos ouvintes, ao passo que estes respondem *sheeko xariir*, em que "xariir" significa "conta para a gente!". (N.T.)

A chupeta

Estava ali no chão
Junto à roda do carro
Talvez caída de uma sacada?
Talvez caída da mão imprecisa de um bebê?
Talvez perdida por uma mãe atarefada e distraída?
Mas estava ali
Junto à roda do carro
Suja de terra
Consumida pelo sol escaldante
De borracha macia, marrom
Com sinais de um uso contínuo
De um sugar e morder com as gengivas
De uma necessidade de certezas e consolações.
Estava ali no chão
Junto à roda do meu carro
Eu a vi de imediato
Assim que descí do degrau
Estava ali no chão
Como um sinal fausto
Como uma esperança que não deve cessar
Como um vazio que não existe mais.
Mas a mão que aperta
a minha, na cama, depois de um dia de trabalho,
é a minha segurança
a minha consolação
e preenche todos os vazios que eu tinha no coração
inclusive aquele da chupeta que nunca passou
da minha mão à boca de uma criança.

Il ciuccio

Era lì a terra
Accanto alla ruota dell'automobile
Forse caduto da un balcone?
Forse caduto dall'incerta mano di un bimbo?
Forse perso da una mamma indaffarata e distratta?
Ma era lì
Accanto alla ruota dell'automobile
Sporco di terra
Consumato dal sole cocente
Di gomma morbida, marrone
Con i segni di un uso continuo
Di un succhiare e mordere con le gengive
Di un bisogno di certezze e consolazioni.
Era lì a terra
Accanto alla ruota della mia automobile
L'ho visto subito
Appena scesa dal gradino
Era lì a terra
Come un segno fausto
Come una speranza che non deve cessare
Come un vuoto che non c'è più.
Ma la mano che stringe
La mia, a letto, dopo una giornata di lavoro,
è la mia sicurezza
la mia consolazione
e riempie tutti i vuoti che avevo nel cuore
anche quello del ciuccio che non è mai passato
dalla mia mano alla bocca di un bambino.

As palavras

Palavras:
desconhecidas,
atrofiadas, soletradas,
berradas, escondidas,
repetidas, sussurradas,
aludidas, arranhadas,
acariciadas, descobertas,
acarinhadas, surgidas de repente,
jocosas, calcadas,
lançadas, feridas,
dilaceradas, amadas,
odiadas, presas e deixadas...
por acaso serão só minhas?

Le parole

Parole:
sconosciute,
stentate, sillabate,
urlate, nascoste,
ripetute, sussurrate,
accennate, sfiorate,
accarezzate, scoperte,
coccolate, giunte inaspettate,
battute, calpestate,
lanciate, ferite,
dilaniate, amate,
odiate, prese e lasciate...
saranno mai solo mie?

Tulipas

Vermelhas
com estrias laranjas
se lançam ao sol
como apaixonadas
à procura de um abraço
estendidas rumo à luz
aguardam com paciência
que os raios as acariciem
A outra
branca e cândida
está quase fechada em si
como a abraçar
a sua própria solidão!

Tulipani

Rossi
con striature arancioni
si lanciano verso il sole
come innamorati
in cerca di un abbraccio
protesi verso la luce
attendono con pazienza
che i raggi li accarezzino
L'altro
bianco e candido
si è quasi chiuso in sé
come ad abbracciare
la sua stessa solitudine!

Um conto sobre a queda

Cintia Yamanaka traduz Alice Oswald

Um conto sobre a queda

É a história da chuva que cai, e
tornando-se folha, cai uma vez mais

é o segredo de uma chuva de verão
que, sob a flor, guarda a luz em discrição

e cada flor é um pequeno afluente
que brota do chão, verde e brevemente

é um dos desejos da água, e este conto
se prende a uma semente pequena como um ponto

e se eu pudesse caminhar, de passagem
límpida como água sobre a folhagem

para encontrar na ponta, oculto e reluzente
o raio que incide e faz da gota semente

então talvez eu soubesse, como a água, manter a proporção
entre o peso da esperança e a leveza da mansidão

água que é, como a terra, tão forte e crua
e, escondida em tanques de ferro, se insinua

atraída à minha língua por leis de gravitação
para esfriar e preencher os dutos dessa canção

que é a história da chuva que cai,
sobe para a luz e cai uma vez mais.

[Traduzido do original em inglês]

A short story of falling

It is the story of the falling rain
to turn into a leaf and fall again

it is the secret of a summer shower
to steal the light and hide it in a flower

and every flower a tiny tributary
that from the ground flows green and momentary

is one of water's wishes and this tale
hangs in a seed-head smaller than my thumbnail

if only I a passerby could pass
as clear as water through a plume of grass

to find the sunlight hidden at the tip
turning to seed a kind of lifting rain drip

then I might know like water how to balance
the weight of hope against the light of patience

water which is so raw so earthy-strong
and lurks in cast-iron tanks and leaks along

drawn under gravity towards my tongue
to cool and fill the pipe-work of this song

which is the story of the falling rain
that rises to the light and falls again

OSWALD, Alice. *Falling Awake*. London: Jonathan Cape, 2016.

[Testemunho]

michele traduz Rita Dove

Soprano

Quando você atingir
o centro

duma nota, gire
por e para fora

da borda do sino
para dentro do céu,

a alma morre
por um instante —

mas você não precisa
da sua ínfima

resistência
nem da sala

(xale para piano,
espelho, jacinto)

dissolvendo
tão logo uma nota

deságua dentro da
próxima, seixos

limpos como o lume lunar
semeando um caminho...

e qual seria,
corpo ou mente,

qual se levanta, qual
cede enfim

e vai para casa?

[Traduzido do original em inglês]

Soprano

When you hit
the center

of a note, spin
through and off

the bell lip
into heaven,

the soul dies
for an instant —

but you don't need
its thin

resistance
nor the room

(piano shawl,
mirror, hyacinth)

dissolving
as one note

pours into
the next, pebbles

clean as moonspill
seeding a path...

and which is it,
body or mind,

which rises, which
gives up at last

and goes home?

[O poema foi publicado na revista *Poetry*, volume 171, número 3, veiculada em janeiro de 1998. Também pode ser consultado [aqui](#)].

Oração de Deméter a Hades

É tão somente o que a ti anseio: conhecimento.
Para entender cada desejo e sua beira,
para saber que respondemos pelas vidas
que mudamos. Fé alguma vem sem custo,
ninguém crê sem morrer.
Agora pela primeira vez
distingo com clareza a trilha que plantaste,
que solo abriu-se para o desperdício,
embora sonhaste com flores
em profusão.

Não existem maldições, só espelhos
suspensos para as almas de deuses e mortais.
Assim, também eu abro mão desse destino.
Crê em ti mesmo,
segue adiante — vê aonde isso te leva.

[Traduzido do original em inglês]

Demeter's Prayer to Hades

This alone is what I wish for you: knowledge.
To understand each desire and its edge,
to know we are responsible for the lives
we change. No faith comes without cost,
no one believes without dying.
Now for the first time
I see clearly the trail you planted,
what ground opened to waste,
though you dreamed a wealth
of flowers.

 There are no curses, only mirrors
held up to the souls of gods and mortals.
And so I give up this fate, too.
Believe in yourself,
go ahead — see where it gets you.

[O poema foi publicado na revista *Poetry*, volume 161, número 1, veiculada em outubro de 1992. Também pode ser consultado [aqui](#)].

[Testemunho]

No tempo em que era recente a terra
e o céu só um sussurro,
no tempo em que os nomes das coisas
não tinham tido o tempo de apegar-se;

no tempo em que as brisas mínimas
derretiam verão em outono,
quando os choupos todos vibravam
docilmente em fileiras...

o mundo chamou, e eu respondi.
Cada olhar de soslaio instigado a contemplar.
Recuperei o fôlego e chamei aquilo de vida,
desfeita entre colheres de doce de limão.

Eu era uma pirueta e florescia,
Eu era filigrana e flâmula.
Como poderia contar minhas bênçãos
quando não conhecia seus nomes?

No tempo em que tudo era ainda porvir,
a sorte espraiou-se em todo canto.
Eu fiz minha promessa ao mundo,
e o mundo me seguiu até aqui.

[Traduzido do original em inglês]

[Testimonial]

Back when the earth was new
and heaven just a whisper,
back when the names of things
hadn't had time to stick;

back when the smallest breezes
melted summer into autumn,
when all the poplars quivered
sweetly in rank and file...

the world called, and I answered.
Each glance ignited to a gaze.
I caught my breath and called that life,
swooned between spoonfuls of lemon sorbet.

I was pirouette and flourish,
I was filigree and flame.
How could I count my blessings
when I didn't know their names?

Back when everything was still to come,
luck leaked out everywhere.
I gave my promise to the world,
and the world followed me here.

[O poema foi publicado na revista *Poetry*, volume 171, número 3, veiculada em janeiro de 1998. Também pode ser consultado [aqui](#)].

Rita Dove (1952-) é um dos grandes nomes da poesia contemporânea norte-americana. Nascida em Akron, Ohio, possui graduação pela Universidade de Miami, mestrado pela Universidade de Iowa e atualmente leciona escrita criativa na Universidade da Virgínia. Em 1987, tornou-se a segunda pessoa afro-americana a receber o Pulitzer Prize for Poetry pelo título *Thomas and Beulah*, sem tradução para o português. A poeta Gwendolyn Brooks foi a primeira a receber a honraria.

Um Dia pra Anne Frank

Ricardo Escudeiro traduz C. K. Williams

Um Dia pra Anne Frank

Deus te odeia!

– São João Crisóstomo

1.

Aqui de cima olho pro beco
onde, apesar da dificuldade, musgo e flores avançam
através das rachaduras e da tensão
em direção a uma luz do sol desbotada,
há a imundície de sempre escorrendo das lixeiras,
a fuligem pesada se movendo nas calhas.
As pessoas vêm geralmente
pra passear com seus cachorros ou pegar o atalho
entre as barulhentas ruas principais,
ou só pra caminhar
e admirar as janelas enfumaçadas,
mas essa manhã quando olhei pra fora
crianças corriam ali de um lado pro outro
entre as casas na minha frente.
Elas brincavam com tartarugas —
as arremessavam rua abaixo
como fossem moedas ou pedras achatadas,
e corriam, gritando, atrás dos pedaços de corpos.
Uma delas tinha uma gaita e, enquanto corria,

as bochechas dilatando e contraindo como um coração,
eu podia ouvir sua lamúria, e então os gritos das meninas
suspensos com os cabelos atrás delas,
e todos eles: sua firme, jovem respiração,
seus pés descontrolados pisoteando a calçada até a esquina.

2.

Eu pensei em você nessa idade.
Pequena Irmã, eu pensei em você,
magra como uma porta,
e como suas coxas teriam inchado
e amolecido feito bolo,
seu peito empalidecido
e um cabelo novo crescendo em você como uma canção
que teria endurecido e ficado mórbida.
Em um instante chovia, no outro não.
Como ninguém veio, eu dormi de novo,
e sonhei que você estava aqui comigo,
enroscada em mim como arame,
tão emaranhada em mim que éramos vinhas
ou arbustos um com o outro,
ou punhos cerrados.

3.

Eles estão cortando bebês ao meio em apostas.
O belo sargento tem dinheiro suficiente pra beber
por uma semana.
O belo tenente não consegue parar de apostar.
O garotinho choraminga
que vai ser bonzinho.
O belo cozinheiro está juntando carne
pros cachorros.

Os belos cachorros
amam isso.
Suas ancas reluzem.
Eles se encolhem em suas gaiolas quentes
e respiram.
Eles respiram.

4.

Pequena Irmã,
você é um coágulo
na neve,
escurecido,
um pedaço de ranho
ou vômito
e há homens com os rostos
inclinados sobre você com regadores

regando você!
na neve, como se flores pudessem brotar
de suas axilas
e genitais.

Pequena Irmã,
eu estou com medo das flores brotando de você

eu estou com medo das pétalas de prata
que estalam
das hastes arremessadas
ao vento
das raízes

5.

O crepúsculo apodrece.
Sobre as pontes sebosas e fábricas,
ele dissolve
e as nuvens chafurdam nesse rosáceo
ao nada.
Às vezes eu acho que as pilhas de resíduos ao longo do rio
deveriam ser corpos
e que esse gérmen de terror moral
que os homens produzem da carne deveria se repartir
e respingar suas frias, estéreis sementes nas marés
como neve
ou cinzas.

6.

Amontoados de cabelos estavam ali
pequenas montanhas
as crianças da gestapo devem ter brincado ali
e criado amor ali e amado isso
do jeito que as crianças amam palheiros e montanhas

Oh Deus o mau cheiro
de óleo capilar e caspa

as mães devem ter jogado elas nas suas banheiras
como filhotinhos e mandado irem pra cama

voltando pra casa tão fedidas e emporcalhadas
de cabelo judeu
de obturações de ouro, de pálpebras

7.

Em um telhado abaixo de mim
um pardal vai pouco a pouco
sendo levado pelo vento.
Uma gaiola de osso fica pra trás,
parte de suas asas,
um marco.

8.

E na Alemanha os condutores de bonde vão pro trabalho
com os seus quepes,
entregando trabalhadores e donas de casa
aos lugares aos quais eles pertencem,
puxando as cordas do sino,
movendo alavancas de direção pra frente e pra trás.

9.

*Eu estou te dizendo adeus antes da nossa morte. Querido Pai:
Eu estou te dizendo adeus antes da minha morte. Estamos tão*
[ansiosos
pra viver, mas está tudo acabado — nós não somos permitidos!
[Eu tenho
tanto medo dessa morte, porque as crianças são jogadas
vivas nos túmulos. Adeus pra sempre.
Te beijo.

10.

Vem comigo, Anne.
Vem,
é horrível estar em lugar nenhum assim,

não ter ninguém
como uma prostituta velha,
um general.

Vem sentar aqui comigo
me dá um beijo; meu coração também está ferido
pelo perdão.

Há um final agora.
Fica.
Seu pé enganchado no meu
sua mão contra a minha
seu quadril me tocando de leve

isso vai acabar agora
isso não vai começar outra vez

Fica
eles vão passar
e nem vão reparar em nós

a gélida terra bruta
está adormecida

não há perigo

não há nada

Anne

não há nada

[Traduzido do original em inglês a partir de uma edição da obra completa do autor: *Collected Poems*. New York: FSG, 2007]

A Day for Anne Frank

God hates you!
– St. John Chrysostom

1.

I look onto air alley here
where, though tough weeds and flowers thrust up
through cracks and strain
toward the dulled sunlight,
there is the usual filth spilling from cans,
the heavy soot shifting in the gutters.
People come by mostly
to walk their dogs or take the shortcut
between the roaring main streets,
or just to walk
and stare up at the smoky windows,
but this morning when I looked out
children were there running back and forth
between the houses toward me.
They were playing with turtles —
skimming them down the street
like pennies or flat stones,
and bolting, shouting, after the broken corpses.
One had a harmonica, and as he ran,
his cheeks bloating and collapsing like a heart,
I could hear its bleat, and then the girls' screams
suspended behind them with their hair,
and all of them: their hard, young breath,
their feet pounding wildly on the pavement to the corner.

2.

I thought of you at that age.
Little Sister, I thought of you,
thin as a door,
and of how your thighs would have swelled
and softened like cake,
your breasts have bleached
and the new hair growing on you like song
would have stiffened and gone dark.
There was rain for a while, and then not.
Because no one came, I slept again,
and dreamed that you were here with me,
snarled on me like wire,
tangled so closely to me that we were vines
or underbrush together,
or hands clenched.

3.

They are cutting babies in half on bets.
The beautiful sergeant has enough money to drink
for a week.
The beautiful lieutenant can't stop betting.
The little boy whimpers
he'll be good.
The beautiful cook is gathering up meat
for the dogs.
The beautiful dogs
love it all.
Their flanks glisten.
They curl up in their warm kennels
and breathe.
They breathe.

4.

Little Sister,
you are a clot
in the snow,
blackened,
a chunk of phlegm
or puke
and there are men with faces
leaning over you with watercans

watering you!
in the snow, as though flowers would sprout
from your armpits
and genitals.

Little Sister,
I am afraid of the flowers sprouting from you

I am afraid of the silver petals
that crackle
of the stems darting
in the wind
of the roots

5.

The twilight rots.
Over the greasy bridges and factories,
it dissolves
and the clouds swamp in its rose
to nothing.
I think sometimes the slag heaps by the river
should be bodies

and that the pods of moral terror
men make of their flesh should split
and foam their cold, sterile seeds into the tides
like snow
or ash.

6.

Stacks of hair were there
little mountains
the gestapo children must have played in
and made love in and loved
the way children love haystacks or mountains

O God the stink
of hair oil and dandruff

their mothers must have thrown them into their tubs
like puppies and sent them to bed

coming home so filthy stinking
of jew's hair
of gold fillings, of eyelids

7.

Under me on a roof
a sparrow little by little
is being blown away.
A cage of bone is left,
part of its wings,
a stain.

8.

And in Germany the streetcar conductors go to work
 in their stiff hats,
 depositing workers and housewives
 where they belong,
 pulling the bell chains,
 moving drive levers forward or back.

9.

*I am saying goodbye to you before our death. Dear Father:
 I am saying goodbye to you before my death. We are so
 anxious to live, but all is lost — we are not allowed! I am
 so afraid of this death, because little children are thrown
 into graves alive. Goodbye forever.*

I kiss you.

10.

Come with me, Anne.
 Come,
 it is awful not to be anywhere at all,
 to have no one
 like an old whore,
 a general.

Come sit with me here
 kiss me; my heart too is wounded
 with forgiveness.

There is an end now.
 Stay.
 Your foot hooked through mine

your hand against my hand
your hip touching me lightly

it will end now
it will not begin again

Stay
they will pass
and not know us

the cold brute earth
is asleep

there is no danger

there is nothing

Anne

there is nothing

"A Day for Anne Frank" foi originalmente publicado em: *Lies*.
Boston: Houghton Mifflin, 1969.

Charles Kenneth "C. K." Williams (1936–2015), poeta, crítico e tradutor norte-americano. Ganhador da tríade dos prêmios literários norte-americanos: o National Book Critics Circle Award, o National Book Award e o Pulitzer. Foi membro da Academia de Artes e Letras dos Estados Unidos, professor na Universidade de Princeton e beneficiário dos mais importantes fomentos e citações a poetas. Publicou 21 livros de poemas, além de ensaios, traduções, dois livros infantis e outros. Williams era conhecido por sua abordagem insistentemente ética na escrita da poesia ("Temos a obrigação de disciplinar a nós mesmos e aos nossos poemas moralmente, ao ponto de aparente crueldade", ele escreveu uma vez). Nascido em Newark, em 1936, apenas três anos depois de Philip Roth, com quem compartilha muitos temas, Williams foi um poeta do social e do sensorial. "Frequentemente ele nos entrega não o sol, mas o relógio solar que o registra", escreveu Richard Eder em uma resenha do *Collected Poems*, para o *The New York Times*. Embora Williams não os mencione explicitamente, seu trabalho parece dialogar com grandes modernistas como Woolf e Stein (e seus descendentes pós-modernos, os poetas da Escola de Nova Iorque). Em 2005 recebeu o prêmio Ruth Lilly, entregue anualmente pela Poetry Foundation.

[Fonte: Katy Lederer, em texto para o **The New York Times**]

As Mamães

Alessandra Carolina Ramírez traduz
Soledad Castresana

As Mamães

Você se lembra
daquela vez que lavamos
os pintinhos com shampoo?

Nós esfregamos suas asas
e os mergulhamos no balde
para enxaguar toda a espuma

Você se lembra?
nós os colocamos para secar ao sol
sobre as lajes
piavam baixinho
cheiravam a algas marinhas

Um a um
devagar
começaram a morrer

Você se lembra?
passamos o dia
chorando por esses filhos
que não haviam suportado
tanto amor.

Las Mamás

¿te acordás
de esa vez que bañábamos
a los pollitos con champú?

les fregábamos las alas
y los hundíamos en el balde
para enjuagarles la espuma

¿te acordás?
los pusimos a secar al sol
sobre las lajas
piaban bajito
olían a algas marinas

uno a uno
despacio
empezaron a morir

¿te acordás?
pasamos el día
llorando a esos hijos
que no habían soportado
tanto amor.

[Poemas extraídos de *53/70* – poesía argentina del siglo XXI.
Rosario: Editorial Municipal de Rosario, 2015]

O espremedor de laranja parou de funcionar

Lucas Faria traduz A. E. Quintero

[O espremedor de laranja parou de funcionar]

O espremedor de laranja parou de funcionar.

Isso acontece.

As coisas sem importância

buscam sua vez, tornam a si mesmas importantes

logo, já não servem,

deixam-nos incompletos, ausentam-se

no exato momento.

E para mim

tudo isso é ausência, ausentar-se,

quebra minhas lentes. Exerce uma poderosa denotação

quase como quem se joga no chão ao ouvir um bombardeio,

um tiroteio.

O mesmo fez o saca-rolhas.

Não estava lá. Talvez nem tenha comprado um.

E o ralador, e o abridor de latas

que nunca pensou que faria tanta falta

me fez ir para o shopping center

a procurá-lo. Como uma esposa quando se aborrece

e você tem que ir atrás dela na casa dos sogros ou buscá-la

com a vizinha.

Não sei por que me afetam tanto as coisas

que param de funcionar, que se ausentam.

Às vezes, fico pensando em comprar duas coisas iguais.
Mas não sei se aguentaria
em um futuro
com duas ausências.

*

El exprimidor de naranjas dejó de funcionar.
Eso pasa.
Las cosas sin importancia
buscan su turno, se dan su importancia
así, no sirviendo,
dejándonos incompletos, ausentándose
en el justo momento.
Y a mí
todo lo que es ausencia, ausentarse,
me rompe los vidrios. Ejerce una poderosa denotación
casi como el que se tira al piso al escuchar el bombardeo,
una balacera.

Lo mismo hizo el sacacorchos.
No estuvo. Tal vez nunca compré uno.
Y el rayador, y el abrelatas
que nunca pensó hacerme tanta falta
me hizo salir al centro comercial
a buscarlo. Como una esposa cuando se enoja
y hay que ir por ella a casa de los suegros, o a buscarla
con la vecina.

No sé por qué me afectan tanto las cosas
que dejan de funcionar, que se ausentan.

A veces he pensado en comprar dos cosas de lo mismo.
Pero no sé si yo pueda
en lo futuro
con dos ausencias.

[Hoje eu fiquei...]

Hoje eu fiquei
fazendo companhia à geladeira.
Ouvindo
o esforço que demanda
funcionar, cumprir,
estar em dia
com seus trabalhos frios, com suas tarefas congeladas.
O que se espera, pois
de uma geladeira de cozinha.

E literalmente
peguei uma cadeira e me sentei nela
ao seu lado. E ali estivemos.
Reclamando. Ouvindo-nos mutuamente funcionar,
respirar.
Pensando nas coisas que se devem congelar
para que o mundo continue. Em nossas coisas,
suponho. Na vida
mecânica ou não, elétrica ou não. Programada.
Linear, independentemente da curva ou o zigue-zague,
que marca, no monitor cardíaco, o pulso.

E ali estivemos
emprestando-nos duas horas do nosso tempo.

Sem nenhuma conclusão
com relação à nossa última permanência
e seguindo;
isso que é congelar o que está dentro.

*

Hoy me he quedado
haciéndole compañía al refrigerador.
Escuchando
el trabajo que le cuesta
funcionar, cumplir,
estar al día
con sus frías labores, con sus tareas congeladas.
Lo que se espera pues
de un refrigerador de cocina.

Y literalmente
tomé una silla y me puse en ella
a su lado. Y ahí estuvimos.
Quejándonos. Oyéndonos mutuamente funcionar,
respirar.
Pensando en las cosas que deben congelarse
para que el mundo siga. En nuestras cosas,
supongo. En la vida
mecánica o no, eléctrica o no. Programada.
Lineal, independientemente de la curva, o el zigzag,
que marca, en el monitor de pulso, el pulso.

Y ahí estuvimos
prestándonos dos horas de nuestro tiempo.
Sin conclusión alguna

respecto a nuestra última estancia
por seguir;
eso que es congelar lo que se lleva dentro.

[Não é saudade de você...]

Não é saudade de você
nem de seus braços.

Não é saudade de amor
ou daquilo pelo que o mundo morre.

É apenas este silêncio que se agarra à minha perna
como uma criança em seu primeiro dia na escola.
Este silêncio
que é como alguém que se faz disposto a viajar,
a se mudar, a ir em direção à areia movediça
com a resignação de um cervo, que cai e afunda,
que cai
e seus olhos permanecem abertos
enquanto a areia cobre suas pálpebras. Saudade de corça
que pensa no filhote que deixa sozinho
enquanto uma bala apaga sua visão.

Não é saudade de você,
nem de seus muitos abraços em minhas noites de muita lua.
É uma saudade antiga,
saudade de mim, da metade que sempre fui.
Passando sem deter-me.
Saudade de uma criança que cresce.
Saudade de adulto.

Uma furiosa saudade de vinho tinto
que envelhece, diariamente.

*

No es soledad de ti
ni de tus brazos.

No es soledad de amor
o de lo que el mundo muere.

Es sólo este silencio que se agarra de mi pierna
como un niño en su primer día de colegio.
Este silencio
que es como quien se pone en disposición de viajar,
de mudarse, de irse hacia la arena movediza
con la resignación de un ciervo, que cae y se hunde,
que cae
y sus ojos permanecen abiertos
mientras la arena le cubre los párpados. Soledad de cierva
que piensa en el cachorro que deja solo
mientras una bala apaga su frente.

No es soledad de ti,
ni de tus muchos abrazos en mis noches de mucha luna.
Es soledad antigua,
soledad de mí, de la mitad que soy siempre.
Pasando sin quedarme.
Soledad de niño que crece.
Soledad de adulto.
Una furiosa soledad de vino tinto
que se hace viejo, diariamente.

[Traduções a partir dos originais em espanhol]

QUINTERO, A. E. *Cuenta regresiva*. Ciudad de México: Ediciones Era, 2011.

Alfredo Espinosa Quintero (1969), conhecido por A. E. Quintero, é um notório poeta mexicano contemporâneo. Sua poesia trata da expressão de pensamentos introspectivos que o atravessam no cotidiano. Os poemas selecionados fazem parte do livro *Cuenta regresiva* (2011), vencedor do prêmio Bellas Artes de Poesía Aguascalientes no mesmo ano.

Retábulo de Maravilhas

Mylla Taynah traduz Juana Castro

Retábulo de Maravilhas

Os cem grilos cantando na chuva
— o sol, as motocicletas, minha testa —
e um cervo de pelagem colorida correndo no quadro.
Minha gaiola de mil pássaros,
meu infinito retábulo de maravilhas,
minha centopeia embaraçada,
e eu sem poder dar
passagem ao campo sem flor
à garoa.

Retablo de maravillas

Los cien grillos cantando por la lluvia
— el sol, motos, mi frente —
y un gamo de colores corriendo la pizarra.
Mi jaula de mil pájaros,
mi retablo sin fin de maravillas,
mi ciempiés enredado,
y yo sin poder darle
puerta al campo ni flor
a la llovizna.

A eira

Meu pai e eu dormimos
 na eira, e a palha
 não é uma cama de estrelas. Sentimos
 as cobras rastejarem a noite toda
 os feixes de cevada e ratos como gatos
 roubam nosso trigo. Eu estremeço
 e não grito, porque meu pai ronca
 bebendo a lua, e no ar
 grilos de areia cantam.

La era

Mi padre y yo dormimos
 en la era, y la paja
 nos es lecho de estrellas. Se sienten
 las culebras cruzar toda la noche
 los haces de cebada, y ratas como gatos
 nos roban en el trigo. Me estremezco
 y no grito, porque mi padre ronca
 bebiéndose la luna, y en el aire
 cantan grillos de arena.

[Traduções a partir dos originais em espanhol]

Os poemas selecionados foram extraídos das seguintes obras:
 CASTRO, Juana. *La jaula de los mil pájaros*. Málaga: Rafael
 Inglada, 2004.

CASTRO, Juana. *Del color de los ríos*. Ferrol: Sociedad de Cultura
 Valle Inclán, 2000.

O Homem e a ação

Walisson Oliveira traduz Paul Valéry

O Homem e a ação

O HOMEM é ação, ou ele não é nada.

Ele vale exatamente o que é capaz em termos de ação. O espírito mais profundo, o sentimento mais intenso só têm valor no ato ou pelo ato que os responde e os põe à prova.

O saber só faz sentido quando demonstrado por um poder de agir, e é então que merece o nome de ciência. E todas as artes são apenas ações cuja intenção e resultado exaltam o poder criador da própria ação.

A ação transforma a ideia em obra e o desejo em posse da coisa desejada. Mas ela pode também transformar aquele que age, ensinando-o a extrair de si recursos de força, de destreza ou de inteligência que desconhecia possuir; fazendo-lhe um corpo mais belo, mais robusto, mais flexível, uma alma mais enérgica e mais senhora de si; uma vontade que projeta e empreende obras extraordinárias. A obra-prima do homem é engrandecer o próprio homem, expandindo as fronteiras de seu domínio de poder material e espiritual.

É por isso que os antigos quase divinizaram os homens de ação mais admiráveis: o herói é o homem por excelência. E honravam especialmente os atletas, que tinham como modelos os heróis.

Os antigos entendiam que a ação mais nobre é aquela que visa à perfeição da própria ação. Mas, contra este desígnio superior, são exercidas todas as forças internas da nossa fraqueza: as tentações da facilidade, o cansaço, o tédio, a inconstância, as diversões e o medo do esforço. É, portanto,

importante, sob pena de declínio e degeneração, explicar, exaltar, difundir e manter o culto da *Dificuldade*. Ela é o sal que impede a ação de se corromper. A perfeição da ação, que só se adquire através do constrangimento e da dificuldade superada, consiste na elegância obtida, na economia de meios e na harmonia de todo o ser: se for necessário evitar a facilidade, devemos em última análise procurar a sua aparência.

Por fim, a ação coletiva deve completar a formação do homem que a ação individual começou, pois o homem isolado é um homem incompleto. O homem isolado não pode viver. Ora, enquanto os espíritos e os sentimentos dividem necessariamente e opõem entre si os indivíduos, as disciplinas dos atos podem poderosamente fazê-los compreender a necessidade da união e da coordenação.

Assim como a cultura e o desenvolvimento da ação individual revelam do ser humano o homem completo, a cultura e o desenvolvimento da ação coletiva revelam da massa humana grupos de forças exatamente alinhadas e capazes das tarefas mais difíceis e elevadas, assim como das composições mais felizes e dos jogos mais brilhantes.

[Tradução inédita do original em francês]

L'Homme et l'action

L'HOMME est action, ou il n'est rien.

Il vaut exactement ce dont il est capable en fait d'action. L'esprit le plus profond, le sentiment le plus intense n'ont de valeur que dans l'acte ou par l'acte qui leur répond et qui les éprouve.

Le savoir n'a de sens que démontré par un pouvoir d'agir, et c'est alors qu'il mérite le nom de science. Et tous les arts ne sont que des actions dont l'intention et le résultat sont d'exalter le pouvoir créateur de l'action elle-même.

L'action transforme l'idée en œuvre, et le désir en possession de la chose désirée. Mais elle peut aussi transformer celui qui agit, lui apprendre à tirer de soi des ressources de force, d'adresse ou d'intelligence qu'il ne savait pas posséder; lui faire un corps plus beau, plus robuste, plus souple, une âme plus énergique et plus maîtresse d'elle-même; une volonté qui conçoit et entreprenne des travaux extraordinaires. Le chef-d'œuvre de l'homme est d'agrandir l'homme, de reculer les limites de son domaine de puissance matérielle et spirituelle.

C'est pourquoi les anciens ont à demi divinisé les plus admirables hommes d'action: le héros est l'homme par excellence. Et ils honoraient singulièrement les athlètes, qui avaient pour modèles les héros.

Les anciens avaient compris que l'action la plus noble est celle qui a pour but la perfection de l'action elle-même. Mais, contre ce dessein supérieur, s'exercent toutes les forces intérieures de notre faiblesse: les tentations de la facilité, la fatigue, l'ennui, l'inconstance, les diversions et la crainte de l'effort. Il importe donc, sous peine de déchéance et de dégénérescence, d'expliquer, d'exalter, de répandre et d'entretenir le culte de la *Difficulté*. Elle est le sel qui garde l'action de se corrompre. La perfection de l'action qui ne s'acquiert que par la contrainte et la difficulté surmontée,

consiste dans l'élégance obtenue, dans l'économie des moyens et dans l'harmonie de tout l'être: s'il faut fuir la facilité, il faut en rechercher finalement l'apparence.

Enfin, l'action collective doit achever la formation de l'homme que l'action individuelle a ébauchée, car l'homme isolé est un homme incomplet. L'homme isolé ne peut pas vivre. Or, tandis que les esprits et les sentiments divisent nécessairement et opposent entre eux les individus, les disciplines des actes peuvent puissamment leur faire comprendre la nécessité de l'union et de la coordination.

Comme la culture et le développement de l'action individuelle dégagent de l'être humain l'homme complet, la culture et le développement de l'action collective dégagent de la masse humaine des groupes de forces exactement accordées et capables des tâches les plus dures et les plus hautes, comme des compositions les plus heureuses et des jeux les plus éclatants.

VALÉRY, Paul. L'Homme et l'action. *In: Vues* [1948]. 2 ed. Paris: La Table Ronde, 1999. p. 235-236. – (La Petite Vermillon; 20).

PROSA

PROSA
A MANUTENÇÃO DA ORDEM É
A ATIVIDADE PRINCIPAL DE
UMA ORDEM JÁ FALIDA



"59

Os pés descalços do vento
estalam nas folhas secas da
laranjeira."

. Dalton Trevisan .

Curta bastante sua leitura!
E obrigada pela preferência,
Volte sempre, Juliana!

Abraços,
Luciana Thees
Capolavoro Livros
Petrópolis, RJ.



 /capolavorolivros
estantevirtual.com.br/capolavorolivros
capolavorolivros@gmail.com


Capolavoro
..... livros

Reciclagem no Bairro das Flores

José T. Pintos

Ao mesmo tempo que o Sol começa a descer no céu e a luz do fim da tarde adquire uma tonalidade azul mais escura, uma carrinha que, em tempos melhores foi branca, detém-se à entrada do bairro, junto ao passeio estragado. António, o condutor, desliga o motor, reclina um pouco o assento e abre a janela rodando a pequena manivela. Observa o lugar com um toque de nostalgia, conhece-o bem. Depois tira um cigarro do maço e acende-o para fumar enquanto espera. Ele nascera lá num tempo muito diferente, e ali tinha vivido, numa daquelas ruas, toda a sua infância e juventude, até que se casara e fora viver com os sogros na casa deles, quase no outro extremo da cidade.

Aquele bairro modesto, composto por prédios iguais, todos de três alturas sem elevador, tinha sido batizado pelas autoridades no momento da sua construção como "Bairro das Flores", como que numa tentativa de embelezar pelo nome um humilde subúrbio de ruas estreitas com pavimento de betão mal polido, de canteiros de terra sem grama e de construções feitas com materiais de baixa qualidade e remates pouco cuidados. E sim, de facto era assim, nas palavras era uma vizinhança bonita, porque cada rua tinha um nome daqueles lindos, rua do Jasmim, rua da Rosa, rua da Camélia, mesmo rua da Peónia. No entanto, esta denominação, que foi mantida nos rótulos e também nos mapas da cidade, realmente teve uma duração muito curta na fala quotidiana das pessoas, porque logo toda a gente passou a chamar-lhe "Bairro das Casas Baratas", e foi assim que passou realmente a ser conhecido pelos moradores de toda a cidade. E, de facto, a mudança não se ficou por aí, que até

mesmo foi renomeado pelos maldizentes, numa mudança subtil e mal-intencionada, como "Bairro das Casas das Baratas", porque asseguravam que residiam lá cem vezes mais insetos ortópteros do que pessoas, embora morassem em todas as vivendas famílias numerosas das que eram comuns na altura, um casal com três ou quatro crianças barulhentas, e mesmo também dúzias de avós desnorteados trazidos das aldeias, que ficavam atrapalhados e que não se afaziam à sua nova localização, todos apertadinhos a viverem as suas vidas naqueles apartamentos que eram iguais na sua modéstia, com três quartos muito pequenos, uma sala de estar com sofás de pele sintética e janela para a rua, uma cozinha com azulejos de padrão floral e uma única casa de banho para partilhar.

O bairro tinha sido desenhado e construído no final dos anos sessenta, quando toda aquela cheia de migrantes das zonas rurais desembocou na cidade para engrossar a multidão de trabalhadores das novas fábricas que abriram na altura nas redondezas, famílias como a que formaram os pais do próprio António, chegados também quando começou a instalação das indústrias, a fugir das penúrias, acreditando na possibilidade de um futuro melhor para eles e para os seus filhos, longe da miséria.

No dia da sua inauguração, aquele dia assinalado, soalheiro e solene, todas as famílias, que viviam nas casas havia apenas algumas semanas, saíram para a rua vestidas como correspondia ao momento, com as roupas dos domingos, com uma elegância humilde, e todas as mães pentearam os rapazes com água e com riscas muito bem desenhadas, e as meninas com tranças e totós atados com elásticos e laços coloridos. Naquele dia, as autoridades, com todo o aparato e a pompa que a ocasião exigia, descobriram uma placa colocada numa parede, cortaram uma fita com as cores da bandeira enquanto a banda municipal tocava melodias altissonantes e, após alguns breves discursos cheios de palavras grandiloquentes,

foram embora para um banquete comemorativo com uma ementa repleta de iguarias e vinhos de excelência, que teve lugar num restaurante na zona das praias e para o qual os vizinhos não foram convidados.

E a partir do dia seguinte, a câmara municipal esqueceu durante anos aquela periferia que ficava um pouco longe não apenas na distância, mas das suas preocupações, e cujos habitantes estavam mais do que ocupados com o simples esforço de ganhar a vida e não tinham força, tempo ou desejo de reivindicar qualquer coisa. E na verdade, de facto eles não acreditavam que as suas queixas pudessem ter qualquer efeito. E é por isso que a vida lá foi feita durante todos esses anos de um simples subsistir e de resolver dia após dia com o que se tinha ou com o que se arranjava, enquanto o bairro se deteriorava sem que ninguém aparecesse por ali nem uma vez em todo aquele tempo, nem mesmo para dar uma simples demão de tinta nas paredes.

Porém, num processo que demorou anos, o próprio crescimento da cidade no seu avanço imparável engoliu o bairro, ultrapassou-o, e desta maneira deixou de ser um lugar isolado e afastado, e então as novas autoridades voltaram lá e cortaram outra fita com as cores da bandeira para oficialmente começar o que eles chamaram de "plano de melhoramento". No entanto, desta vez não houve placa porque alguém lá na Câmara achou que o evento não chegava a ter importância suficiente, mas sim houve é claro, outro banquete, neste caso num restaurante chique da baixa, e para o qual mais uma vez os vizinhos foram esquecidos. E a melhora assim celebrada consistiu na colocação de azulejos nos passeios, no asfaltamento das ruas e na plantação de umas árvores pequenas e fracas, e de canteiros de flores alusivas ao nome do bairro. Mas os tempos mudaram, e desta vez o pessoal, que felizmente perdera o medo da autoridade que dantes costumava ser disfarçado de respeito, já não vestiu as roupas

bonitas das celebrações e nem sequer prestou muita atenção ao ato. Alguns assistiram com mais curiosidade do que interesse das janelas e outros comentaram os pormenores com ar trocista, enquanto bebiam uma cerveja encostados na fachada do bar "A Pinga" lá num canto do bairro. O dia passou e as flores logo desapareceram das ruas, algumas delas muito bem aproveitadas pelos namorados do momento e muitas outras reapareceram mais tarde nos vasos das varandas da vizinhança, porque como já dizia D. Júlia, — então não são nossas? Quanto às árvores, como ninguém voltou lá para regá-las, e de facto nunca receberam qualquer cuidado ou poda dos funcionários dos Serviços de Jardins da Câmara Municipal, umas logo murcharam, outras foram vandalizadas e, finalmente, ficaram apenas algumas amostras que sobreviveram e cresceram cada uma à sua maneira e ao seu próprio ritmo, sem nunca ter chegado a formar o conjunto harmonioso fornecedor de sombras refrescantes e doces gorjeios da passarada prometido pelo cronista oficial da cidade, encarregado do pequeno discurso cor-de-rosa naquela manhã cada vez mais longínqua.

E enquanto está lá a fumar sentado no carro, António pensa também em como mudou subitamente a sua vida não há muito tempo, numa reviravolta dolorosa e imprevista. E pensa que há apenas dois anos não teria acreditado que pudesse encontrar-se agora nesta situação crítica, a fazer parte daqueles que vivem na área marginal da sociedade. Durante muito tempo tivera uma despreocupada sensação de segurança fornecida pela estabilidade no mesmo trabalho por anos, como se nada pudesse mudar a sua rotina, mas quando veio a inundaçãõ da última crise, descobriu com surpresa que ele era um daqueles que estavam confiantemente sentados na beira do rio e não nalgum lugar mais alto e seguro como ele imaginava. Comprovou com estupor que era um daqueles que foram varridos pela corrente como os troncos secos e a

folhagem, e mais tarde aprendeu que quando uma pessoa está no meio do rio ao sabor da enxurrada, é muito difícil para ela voltar para a margem, e que é complicado até encontrar alguma coisa sólida para se agarrar, e também que finalmente essa pessoa acaba por esquecer a ideia de voltar para a terra firme e concentra todos os seus esforços simplesmente em não se afogar e manter-se viva.

Aconteceu tudo num dia que, à partida parecia um dia como outro qualquer. Quando estava num momento de descanso na cantina da fábrica foi chamado para o departamento de pessoal da empresa. Pousou a garrafa na mesa, apagou o cigarro no cinzeiro, levantou-se, e ele ainda fez uma piada para os colegas quando se foi embora: — E será que me vão comunicar uma promoção? Mas enquanto caminhava pelo corredor dos escritórios teve um mau palpite ao ver que Ana, a secretária de administração, evitava olhar-lhe nos olhos enquanto passava por ela. Bateu na porta que tinha uma placa azul, na qual se podia ler "Direção de Recursos Humanos", e pediu permissão para entrar. Lá estava a esperar por ele o engenheiro Silva, aquele homem cinzento que nunca expressava qualquer sentimento, talvez pela sua própria natureza, ou se calhar por ter sido treinado para não os ter, por serem inconvenientes para o trabalho que tinha necessariamente de fazer no seu posto. Então, depois de uns poucos minutos de explicações vagas sobre a situação económica e sobre uma reorganização necessária e inadiável, e após umas bonitas palavras de agradecimento pelos serviços prestados à companhia, com especial destaque para o facto de a empresa reconhecer o seu esforço e dedicação, aquele homem que não manifestava emoções, simplesmente lhe disse com o seu falar átono e monocórdico para pegar nas suas coisas e ir embora, garantindo-lhe isso sim, que a compensação correspondente seria paga no prazo de uma semana, que eles obviamente tinham o seu número de telefone e, caso surgisse uma vaga, ele

seria o primeiro a ser chamado para ocupá-la, e que além disso a empresa tinha combinado com o Instituto de Emprego para ele assistir a alguns cursos de orientação profissional, com o objetivo de encontrar um trabalho enquanto esperava que houvesse alguma vacante.

Aquilo foi como um soco certo e definitivo que não esperas, que te apanha desprevenido e com a guarda baixa e te deixa nocaute, como descobrir uma traição de alguém de quem nunca terias suspeitado. Depois de todos aqueles anos de trabalho, assim sem mais. Ficou tão chocado que não respondeu nada, como se uma prensa hidráulica daquelas que manejava todos os dias lhe tivesse esmagado o cérebro, e foi incapaz de pensar qualquer coisa, incapaz de se opor. O engenheiro Silva colocou uma folha de papel sobre a mesa, ofereceu-lhe uma caneta e apontou com o dedo a um lugar no final da página. António pegou na caneta, assinou, escrevendo o seu nome com uma tinta azul, trémula e atónita, pousou-a na mesa e teve de se apoiar no bordo, porque se sentiu um pouco estonteado. Nem sequer leu o que estava lá escrito, só queria sair de ali e ao mesmo tempo era incapaz de se mexer, e talvez tivesse ficado imóvel, pregado às tábuas do soalho se o engenheiro Silva não o tivesse acompanhado à porta com suaves empurrões e palmadinhas nas costas enquanto sorria um meio sorriso com os seus lábios finos e lhe revelava qual era a chave para o futuro: — As coisas estão a mudar rapidamente, António, agora o principal é saber reciclar-se, as pessoas têm de saber fazer mais do que uma coisa, ser adaptáveis, eis o segredo para ter sucesso no mundo novo que está por vir, reciclar-se, percebes?

Não, ele não compreendeu, apenas sentia a cabeça prestes a rebentar num vazio com um fundo em tons de azul, como se o seu cérebro tivesse dilatado e estivesse a fazer pressão contra as paredes do crânio. Contudo, quando foi buscar as suas coisas agradeceu não ter que encontrar-se com

os companheiros que já tinham regressado ao trabalho. Abrumado com a notícia, sentiu-se também, mesmo que fosse absurdo na sua situação, um pouco envergonhado ao lembrar a piada da promoção que tinha feito para eles antes. Depois saiu à rua e vagou sem rumo por algumas horas antes de voltar para casa, caminhando como um cego, sem ver nada do que acontecia ao seu redor, a deambular como um bêbado vencido e amarrotado. Passou uma semana inteira sentado no sofá da sala com o telefone ao seu lado, como um cão abandonado que fica à espera de que o seu dono regresse. Quase não comeu, nem bebeu, nem falou. O telefonema não chegou nunca e quando recebeu a compensação e fez os seus cálculos, verificou que seria apenas suficiente para sobreviver alguns meses e pagar algumas contas atrasadas.

E então, finalmente, entendeu que a chamada nunca viria e que tinha que reagir e começar a lutar contra a corrente com toda a sua força. Compreendeu que tinha de encontrar algo a que se agarrar em breve, e a procura de trabalho converteu-se numa obsessão para ele. Caminhou centenas de quilómetros, perguntou aqui e ali, leu os anúncios de trabalho nos jornais, enviou solicitações e currículos, fez ligações, foi aos serviços de emprego, até que todos lá o atuavam e falavam com ele como se fosse um mais do escritório, e mesmo frequentou algum curso de orientação laboral que, naturalmente, não serviu para o que precisava. E era sempre a mesma coisa, vez após vez, até que a desilusão e a frustração tomaram posse de todo o seu ser. Depois, já no meio da corrente que o arrastrava, António pegou na primeira coisa que passava a boiar ao lado dele, um subemprego, apenas o suficiente para ficar a flutuar, para permanecer vivo. Foi a única coisa que conseguiu encontrar, alguma ocupação precária e mal remunerada.

Dá mais uma passa no cigarro e observa o fumo azulado a subir em espiral, enquanto lembra quando achou aquele posto de substituto na empresa responsável pela limpeza urbana e

recolha de lixo da cidade, uma atividade que tinha sido privatizada e que era exercida por uma companhia criada para o efeito. Os empregados titulares ocupavam um dos patamares mais baixos no mundo do trabalho, mas com a invenção da categoria profissional dos substitutos, a empresa tinha conseguido com êxito escavar um nível mais abaixo ainda, lugar para onde ele desceu. Quando havia uma vaga no turno de recolha de lixo à noite, ainda não se importava. Às vezes até gostava de ir lá meio pendurado na parte de trás do camião, a percorrer as ruas vazias enquanto a cidade dormia e a atirar os sacos cheios de porcaria para as mandíbulas esmagadoras daquele monstro metálico insaciável em que cavalgava.

Mas infelizmente nesse turno quase não havia ausências, o mais comum era ter que substituir algum dos varredores da manhã. Quando era este o caso, a questão consistia em que ele tinha de aparecer na sede da empresa muito cedo, por volta das 7:00 horas, e aguardar sentado no banco comprido de ripas de madeira diante dos escritórios envidraçados, por se algum dos funcionários titulares avisava de que não podia ir ao trabalho por alguma doença ou qualquer outra razão de urgência. Isto em geral acontecia em segundas-feiras ou dias muito frios. Odiava ter que se levantar cedo para isso. Quando um dos titulares telefonava para se desculpar, o encarregado fazia-lhe um sinal desde o escritório e então ele vestia o uniforme verde rapidamente, e depois todos os que faziam parte do turno eram levados num camião para os lugares em que cada um deles tinha de começar a sua jornada. Tinham um tempo preestabelecido para fazer o percurso, um tempo que alguém tinha calculado de maneira muito otimista, e foram avisados pelo encarregado de que caso não terminassem a tempo, o camião não aguardaria por eles, e teriam de voltar a pé para a sede da empresa. Mas ele não levou completamente a sério a advertência, que presumiu que tinha sido dita para incentivá-los.

Cada vez que tinha que substituir alguém do grupo da manhã, ele fazia o seu melhor para chegar ao fim dentro do prazo estipulado e sem recorrer a qualquer ardil como muitos faziam. Sim, era a sua maneira de ser, conscienciosa e pouco adaptada para aquele novo mundo que pelos vistos estava a chegar. Mesmo assim, uma manhã começou a sentir-se indisposto pouco depois de começar a sua rota. Atacado pela febre, tinha arrepios por todo o corpo, a cabeça explodia e as pernas enfraquecidas mal podiam mover o carro rua acima. Ainda assim conseguiu completar o itinerário, e ao chegar à meta, suado e exausto, verificou que tinha demorado dez minutos mais do tempo estipulado. Aguardou lá de pé mais dez minutos estupefacto, até que se convenceu de que o camião já tinha passado e o deixara abandonado ao seu destino.

Sentiu um acesso de raiva, como um calor a espalhar-se pelo seu corpo. Começou a descer a rua em direção à empresa, com a boca torcida num gesto de amargura, a empurrar aquele balde com rodas, vestido com o seu fato-macaco verde e aquele slogan serigrafado nas costas: "Sorria, estamos a trabalhar para si", e enquanto caminhava, sentia a cólera a crescer dentro dele como um incêndio sem controlo. Os pés começaram a doer-lhe, e tinha dificuldade em respirar, em parte pelo cansaço e em parte pela indignação. Quando chegou à sede da empresa, o encarregado levantou os olhos dos papéis que estava a ler, com os óculos na ponta do nariz, virou-se, e encarou-o com rosto de reprovação através dos vidros tingidos de azul pela luz da manhã. Mas antes que pudesse dizer alguma coisa, António empurrou o carrinho com toda a sua força e bateu-o nos outros carros que tinham sido cuidadosamente ordenados na entrada, depois, com a face vermelha da raiva, gritou, amaldiçoou e atirou para o ar os formulários que estavam colocados em pilhas no balcão. O encarregado trancou-se no seu escritório a sete chaves e gritou-lhe para sair. António insultou-o com os mais

graves insultos que lhe vieram à memória. Depois a sua ira desvaneceu-se, regressou o desalento, que o tomou por completo, voltou o desânimo a cobrir tudo, e ele foi-se embora arrastando os pés.

Escusado será dizer que não pôde voltar mais por ali, e que perdeu aquela modesta tábua de salvação a que se agarrava, e que a única coisa que encontrou depois foi trabalhar por conta própria saqueando os contentores azuis da reciclagem do papelão para vender o espólio num armazém de papel. E ele nem sabe ao certo, nem sequer quer pensar, se isso ainda pode ser chamado de trabalho.

Agora, enquanto António fuma e lembra a sua descida pelo rio, sempre com a água até ao pescoço, Pedro sai do portal da sua casa, no número 3 da Rua das Dálidas e caminha em direção à estrada principal que passa junto ao bairro. Ele faz parte da geração mais jovem dos residentes, tem onze anos e vive com a mãe e a avó. A mãe não tem um emprego estável, nunca teve de facto, no entanto, habitualmente arranja trabalhos limpando casas na baixa ou costurando peças de roupa. A avó cobra uma pequena pensão, mas já não se lembra das coisas nem das pessoas e quase nunca os reconhece nem recorda os seus nomes, porque tem aquele problema na cabeça. Fala com os pivôs dos telejornais muito mais do que com eles e algumas vezes faz xixi nas cuecas. Uma vez até afirmou ter falado com o seu marido, o que faria todo o sentido se não fosse o facto de o avô ter morrido há muito tempo. Quando Pedro chega da escola, a avó está sempre sentada na sua cadeira na cozinha, a bater ritmicamente na coxa com a palma da mão, a olhar para a parede, ausente deste mundo, sem qualquer ligação, enclausurada no seu próprio universo ao qual apenas ela tem acesso, e quando a mamã a repreende por alguma coisa, a avó olha para ela e sorri com sorriso inocente e com rosto de menina velha.

Ao aproximar-se da estrada vê a carrinha estacionada e o homem sentado lá dentro, que lhe faz gestos para se aproximar. Não o conhece, mas a sua mãe disse-lhe que tinha sido amigo do seu pai muitos anos, quando eram jovens. Na verdade, o seu pai não deixou nunca de ser jovem e de facto é jovem em todas as fotografias dele que há na casa. — Olá, és Pedro?, eu sou António, vamos miúdo, sobe, despacha-te que temos muito trabalho a fazer.

António conduz com uma mão no volante e outra no cigarro. Circulam devagar em torno do bairro, por aquela rua principal que o rodeia como uma pequena circunvalação a marcar claramente os seus limites, a carrinha a fazer ruídos de ferro velho, como se algumas peças estivessem prestes a se desmontar. Observa o rapaz de esguelha e adivinha nele alguns vestígios do pai e a mesma expressão melancólica, e deseja vivamente que o filho não tenha herdado essa parte dele, porque a melancolia que o acompanhou sempre foi o que fez o pai daquele menino desistir da luta desencantado de tudo e dar-se por vencido demasiado cedo. Pedro não diz uma palavra durante todo o caminho, parece claro que não gosta do que vão fazer, embora entenda que é preciso dar uma mãozinha em casa. Param ao lado dos contentores coloridos da reciclagem e saem do carro. Não está lá ninguém. Só há dois cães vadios que se apressam a fugir enquanto olham para trás com desconfiança.

— Também não gosto de fazer isto, sabes?, diz António, que adivinha como se sente o menino mesmo que este permaneça em silêncio. — Especialmente pelo que nos dão no armazém de papéis. Sabem muito bem onde arranjam o papel e o cartão, mas não fazem perguntas, dissimulam e pagam-nos uma miséria. Pronto!, sempre foi assim. Bem, tu ainda és muito jovem, mas tens de aprender isto. Aponta para o miúdo com o alicate de cortar, como um professor com um ponteiro, fazendo um movimento muito leve para cima e para

baixo com a ferramenta e depois continua. — Uns homens aproveitando-se da necessidade dos outros, sempre foi assim ao longo da história, sempre a mesma coisa, não temos solução.

Sai da carrinha, aproxima-se do contentor escolhido e encosta-se nele... — Não, não gosto, podes acreditar, mas o que posso fazer? As minhas filhas têm de comer, diz enquanto começa o trabalho. — E a tua mãe disse-me que também vós estais lixados, não é?

O rapaz ouve e cala-se. Parece triste. Observa aquele homem que não conhece, enquanto este começa a rebentar os fechos do contentor azul. Ensimesmado, toda a sua atenção volta-se para o seu próprio interior, para os seus pensamentos. Lembra as aulas de inglês, gosta de estudar inglês e a professora Carla diz-lhe sempre que é muito bom nisso. Olha para o contentor com um olhar muito fixo naquela cor e lembra-se quando a professora lhe disse que blue significa azul, mas que também significa triste. Mas ainda assim ele gosta dessa cor, porque é a cor das coisas bonitas, do mar, do céu e dos olhos da professora Carla. E talvez, mesmo que não saiba expressá-lo, do que ele gosta seja também dessa mistura um bocado embriagante de tristeza e beleza, de quando alguma coisa é bonita, mas também é triste.

— Mas acorda, pá! Va lá, tens de estar atento!, diz António muito sério tirando-o da sua abstração, — Tens que vigiar para não sermos apanhados. Pedro caminha um pouco até ao meio da rua com as mãos enfiadas nos bolsos e dá uma vista de olhos para os dois lados. Ninguém, nada. Apenas frio e silêncio.

A carrinha é velha e enferrujada e tem as portas traseiras abertas, como a aguardar. A tampa do contentor cede e então começam a transportar a carga o mais rápido possível. Pedro esqueceu-se de trazer as luvas e às vezes o papel corta-lhe as mãos.

Quando o contentor fica vazio, eles voltam a colocar a tampa. Depois, quando já estão outra vez sentados na carrinha,

António faz, enquanto conduz, uma nova tentativa de atravessar a couraça do menino e diz-lhe: — Eu também tive um trabalho normal, com salário, e isso, sabes? Mas fizeram uma reestruturação na empresa, assim é que lhe chamaram, e mandaram-me para a rua. A mim e a muitas outras pessoas, claro. A coisa apanhou-me velho, acho eu, e nunca mais encontrei nada. E não foi por não ter tentado.

— Uma vez, os do Serviço de Emprego mandaram-me para um curso, ri-se quando se lembra disso, e antes de ele continuar bate com o cotovelo no braço de Pedro. — Um gajo muito bem vestido com fato e gravata falou-nos durante uma manhã inteira, quase sem parar, ficamos aborrecidos. Insistiu muito em que tínhamos de ser empreendedores, que essa era a chave para ter sucesso segundo ele, o espírito empreendedor. Eu não disse nada, porque sabia que não importava, que seria a mesma coisa, e que aquele fulano do fato não estava lá para nos dar respostas, mas gostava de lhe ter perguntado o que um pode fazer quando não tem nada, nem dinheiro, nem amigos importantes, vá lá, quando como empreendedor só tens no máximo o espírito. Ah, sim! Ele também nos disse, como me dissera o Silva, um chefe lá da empresa, que tínhamos de saber reciclar-nos, pois..., acho que eu não soube. Ou talvez me tenham atirado para o contentor errado, não sei. Agora o seu rosto torce-se num sorriso acre. — Merda, como se fosse um pedaço de cartão velho.

Quando passam pelo cruzamento seguinte, um carro da polícia começa a mover-se lentamente, coloca-se atrás deles e liga os faróis. De repente umas luzes azuis iluminam toda a rua e inundam o interior da carrinha, António abranda e para ao lado do passeio. O rapaz esfrega as mãos cortadas e um arrepio corre-lhe por todo o corpo, ele treme e tudo se torna azul. Os agentes saem do carro com os seus uniformes também azuis e caminham na sua direção enquanto se ouvem no silêncio noturno as mensagens que são emitidas por umas vozes

metálicas ininteligíveis, misturadas com sons eletrónicos, que saem dos aparelhos de intercomunicação que carregam nos seus cintos.

— Não te preocupes, miúdo, fica calado e não te vai acontecer nada!, diz António apertando o braço do rapaz com a mão, mas o seu rosto crispado também é azul, e Pedro treme com frio e com medo.

Clarice,

Malu Hirsch

Clarice, eu sempre quis perguntar se você gostava de estar sozinha, sendo assim, minha lembrança de nome; o ensinamento de que, antes do verso, existe uma sílaba.

Ser uma primeira vez reside numa solitude infinita, numa culpa de ter começado todas as outras; de saber, antes do relógio, todas as horas, e todos os contos e, principalmente, todas as janelas e os vendavais.

Você me foi um documentário.

Seu batom bordô, de mulher, era uma prosa lírica para a minha menina que gosta de menina, ingênua, aspirando à maturidade de ser quem me olha de cima, mais velha.

Seu cabelo castanho, de um corte selvagem, te moldava uma palidez terrível, apaixonante, de uma juventude muito sábia; com teu cigarro idoso e os dentes em formato de perversidade.

Você era, Clarice, meu sonho de criança, mesmo que essa seja uma confissão constrangedora. É, de fato, repugnante; te desejei numa adolescência de literatura e você me apareceu assim: gente.

Me apareceu pra deixar marca nas costas, uma carta e saudade: fumaça.

Nosso romance não tem data nenhuma, mas tem inverno. Te vi quase que em Libras, num fundo de festa, com meus olhos de fundo de garrafa, turvos. Você se confundia com toda luz,

mesmo que sem cor nenhuma — a não ser a boca, que gritava o mais bonito dos tons de vermelho — cobrindo a silhueta com um preto só, afunilando a magreza pela qual tenho fascínio; obsessão.

Você bebia, Clarice, desde sempre, bebia muito. Inclusive no primeiro dia, que te vi numa paisagem; bebia muito. O movimento de trocar uma garrafa, de uma mão para a outra, me era um movimento de convite, o mesmo de piscar um olho só e me chamar por um sussurro.

Te vi, naquela vez, sozinha. E estar sozinha, nas outras vezes, teria uma cama e uma alma; teria outro conto, antes que tudo acabasse. Mas, eu sabia: você estava fadada a acabar. E eu, mais nova, era totalmente apaixonada pela excitação de uma despedida.

Você me puxou quase amarrada, na mistificação de uma matiz; me ensinou ali, pelo que é que eu deveria ser apaixonada: por você, Clarice.

Não te senti só na boca, mas no pensamento, na incerteza; tremi nos seus dedos e tive seu rosto no pescoço. Ganhei um sorriso na primeira noite, fiz um desejo: ter o que nunca se tem depois dessa madrugada.

Você era uma loucura, desde sempre; desde te ver de longe, em Libras, numa festa que te bebeu inteira.

Não acordei com você e, mais tarde, saberia que acordar com uma mulher assim me seria pecado. Te amar por todo canto e não te poder, simultaneamente, é uma luxúria que não cabe em obra alguma.

Você escreveu seu número na palma da minha mão, tocou nossa pele como se já houvesse muitos outros toques; me fez prometer que eu ligaria assim que tivesse coragem. Você é, mesmo, uma personalidade que exige muita coragem para se ligar no dia seguinte.

Eu disquei seu telefone, Clarice, mais de dez vezes. Seria um desperdício não te insistir naquela sexta-feira, o pecado seria te deixar passar, nunca mais conseguir codificar a curiosidade; me deixaria despedaçada, ansiosa.

Você simplesmente combinou de me ver. Disse, baixinho, que se arrumaria pra mim e que dormiria na minha casa. Você disse que eu havia sido um pedido a uma estrela cadente; bonita, mais nova. Eu me encantei, assim, perdidamente, por toda essa palavra.

Você não me convidou para beber. Hoje, eu tenho certeza, quis me seduzir a alma, antes do corpo. Conversou toda a sua melancolia ardente, sua poesia, sorriu enquanto deixava de comer. Eu ainda guardo a etiqueta desbotada da sua jaqueta, que caiu, aquele dia, em cima da mesa, e você me entregou como um presente e um pedido para que eu lembrasse do nosso café.

Clarice, você era muito bonita e eu era maluca por você.

Seu canto de sonhar com uma banda contradizia com o desejo de ser autora com um pseudônimo fajuto. Eu te disse: Não se esconda em um nome feio, o seu é estonteante.

Você é um livro, Clarice, você é Pessoa, desassossego, poderia ter escrito que "somos dois abismos, um poço fitando o céu". E você, inclusive, é o céu. Eu me aquieto com a ideia de estar embaixo e te assistir conquistar o sol.

Você, como prometido unilateralmente, dormiu em minha casa. Chegou com a jaqueta nos braços e a pendurou na maçaneta da porta. De tão tímida, até me esperou acender as luzes; eu, claro, que também sou tímida, mas não estúpida, as deixei baixas e amarelas. Te apresentei a sala e os quadros de cores frias, apresentei pintores e um monólogo sobre a vista. Você sorriu para mim, Clarice. Me disse, calada, uma satisfação de amor.

Na minha cama, você pediu que eu, devagar, te desabotoasse o vestido; o que você certamente faria sozinha, mas existiam horas muito mais propícias para se fazer qualquer outra coisa sozinha.

Clarice, já disse seu nome incontáveis vezes, mas você era quente, fervia, se encaixava entre os dedos e era moldável a qualquer sentimento. O de lágrima, principalmente, porque, admito: quis chorar de amor no momento em que te abracei sem nenhum tecido que abraçasse, antes, a pele. Você estava nua e sua palidez refletia a luz da lua, que nos assistia, calada, como uma forma de inspiração para qualquer astro.

Apreendi, com você, que nenhuma sexualidade é superficial. Conhecer o corpo de quem se ama é uma chave íntima, seleta.

Quando amanheceu, te liguei por todos os dias, por todas as horas. Te escrevi tudo que se pode passar por dentro de quem é gente. Assinei, sempre, que "com amor", minha casa te espera deixar a jaqueta na maçaneta da porta.

Toda noite que te esbarrei, então, para me vingar silenciosamente da primeira, te levei para dormir comigo, te dei banho, decorei suas tatuagens e as cicatrizes, vesti em ti uma roupa minha e te fiz carinho até apagar.

Me vinguei silenciosamente de toda história de amor que deu errado.

Te vi sorrir tanto quanto quem é genuinamente feliz, me esqueci de sua rigidez literária; só marquei, na pele, o batom vermelho e a silhueta pintada de preto.

Um dia, Clarice, te acharam em casa. E o pecado foi a demora; a desconfiança da sua tristeza. Até eu, posso dizer, desmenti seu final e interpretei as cicatrizes como sinais de nascença, de história, passado.

Sua carta me dizia: você estava fadada a acabar. Eu quis, desde sempre, porque, para mim, sempre se diz após esse dia, te achar numa outra festa e te confundir com luz; te olhar pela minha vista fundo de garrafa. Eu quis morar na sua escrita e te levar para conhecer Pessoa, dissolver sua obsessão e te despedaçar, de raiva, de saudade. Eu quis que você tivesse lembrado de mim e soube, instantaneamente, que você nunca se lembrou de nada além disso. Eu pedi desculpas. Nunca quis nenhum detalhe que viesse dos pulsos, dos batimentos, você ainda bate em todas as minhas paredes; mandei enquadrar sua etiqueta desbotada e grudei na sala.

Eu descobri que o sofrimento é cruel e te culpo pelo resto da vida, te amo pelo resto da vida, adormeço ao seu lado pelo resto da vida, te faço carinho pelo resto da vida e, agora, posso me desfazer em água, no seu rosto, pelo resto da vida. Eu duvidei da sua inteligência divina e, depois, não duvidei de mais nada. Soube, ali, que era certíssimo e egocêntrico, era melancólico como você. E, para mim, tudo que é você, é religião. Faço assim: te ouço e te lembro pelo resto da vida.

Clarice, eu sempre quis perguntar se você gostava de estar sozinha, sendo assim, minha lembrança de nome; o ensinamento de que, antes do verso, existe uma sílaba. Ser uma primeira vez reside numa solitude infinita, numa culpa de ter começado todas as outras.

As delícias

Leonardo Simões

A. bar-ba. de-le. mê fazia cá-ri. me fazia ca-rí-ci-as. ê o seu. suor. era. como. o seu suor era como mil de-lí-ci-as.

— Mãe, o que são delícias?

— Onde você viu isso?

— No caderno da vó.

— Você andou mexendo lá, Caíque?

— Eu tava com saudade dela.

Mesmo cansada, a mulher segue para a cozinha.

O garoto vai atrás.

— Delícias são coisas gostosas.

— De comer?

— Ai, Caíque! Você tá muito perguntador!

A mulher liga a torneira, joga sabão no bombril e balança as mãos dentro da vasilha do liquidificador.

— Suor não é fedido? Por que a vovó gostava?

— Porque.... porque... porque o cheiro da pessoa que você gosta pode ser bom e aí você gosta até do suor quando está apaixonado.

— Paixão eu sei o que é.

Ela bota o copo do liquidificador para escorrer.

Só queria que o dia acabasse logo.

— Mas o vô não tinha barba.

— Nunca teve. Sequer um bigode ralinho.

— Mas meu pai tinha barba. A vó tava falando era dele?

A viúva perde a paciência:

— Passa daqui, Caíque. Menino perguntador merece é couro!

— Mas, mãe...

— Nada de *mas mãe*. Passa daqui! E se eu te pegar mexendo naquele caderno de novo, o senhor que se prepare!

Pés descalços no quintal.

Caíque pega a bola pra treinar embaixadinhas. Vai até mil delícias.

Depois vai caçar mais palavras no caderno.

Bonecas brancas, crianças negras

Emerson Caldas

Era

Antes aqui não passava carro, não tinha asfalto, era pedra, poeira, lama e chão. Morria muita gente: crente, homem, mulher, menino, velho, novo, ladrão. Morria todo mundo. Não tinha um vivo. Eu vivia na rua, eu não morri. Brincava no sol, na lua, na chuva, no vento, nas estrelas e nos planetas. Eu era ruim de bola. Eu não era bom em nada. Eu não ligava e ninguém falava nada. Eu me divertia. A rua era minha. Conhecia cada bicho, mato, lixo e gente que passava por aqui. Tinha briga de gangue e mulher careca. Sonhava na cidade velha. E eles correram pra me pegar. Molhava toda casa. Chovia aqui dentro, inundava tudo e dava para espremer. Levaram a casa de barro, não sei o que aconteceu, a de madeira ficou, ela continua aqui. Foi lá fora a briga de facão. Uma vez pegamos rosquinhas fora da validade de dentro do lixo só por danação. Mataram o filho da mulher. Ela correu só sangue no cabelo vermelho. E gritou bem em cima de onde a gente tava comendo. Tinha muito sangue. O homem morreu. Foi na hora de voltar da escola. No quintal tinha uma luz forte de sol, muito céu azul e folhas verdes das árvores de açaí, sonoras quando tocavam o ar. Esse quintal já foi diferente. Ele era maior com muita terra preta. Galinha, pato, cachorro e jabuti. Tudo quanto é bicho já morou aqui. Fedia à merda. Brinquei dias com as meninas no quintal. Me levavam à igreja, eu rezava, me banharam e esfregaram muito o meu pé. Eu era preto. Eles me jogaram muito talco, me

queriam branco. Eu não queria nada. Eu queria ficar brincando na rua. Ninguém deixava. Faz tempo. Não tô lembrando bem. Antes aqui não passava carro...

Bonecas brancas, crianças negras

Era Natal, e a mamãe havia recebido doações da igreja para serem distribuídas às pessoas da comunidade em que vivíamos, eu e meus irmãos. Curiosos, observamos aquelas enormes sacolas de roupas, alimentos e brinquedos. Abrimos escondidos da mamãe, uma sacola cheia de bonecas, fomos pegos mexendo e levamos uma boa bronca. Mas já estava feito, com as sacolas abertas, as bonecas se espalharam pelo chão, mamãe já aborrecida, exigiu a arrumação daquela bagunça.

Demoramos horas e horas para terminar de organizar as bonecas, pois ficávamos olhando uma por uma, e numa ânsia, também havia uma vontade de brincar com elas. Separamos uma, e pedimos para mamãe se poderíamos ficar com ela. Relutante no início, mamãe acabou cedendo, mas com uma condição: não queria mais saber de nossas brigas, implicâncias e perturbações naquele dia. E prometemos que iríamos nos comportar.

A boneca que escolhemos tinha longos cabelos louros, olhos grandes azuis e pele branca. Em meio a tantas outras bonecas semelhantes a ela, aquela nos chamou atenção de alguma forma. Definimos que ela era feia e esquisita. Começamos a brincar com aquela boneca branca, nosso trabalho diário era o de sua desfiguração, cortando seus cabelos louros e passando tinta de caneta sobre sua pele branca plástica. Tudo isso em um misto de sensações que envolvia tensão e risadas.

Queríamos, de alguma forma, negar que estávamos — dois meninos — brincando de boneca, e para provar isso, trabalhamos a desfiguração de sua imagem branca que nos encarava diariamente. Passou um tempo, perdi o interesse na boneca, mas meu irmão continuava a deixá-la cada vez mais desfigurada. Comecei a ter medo dela. Meu irmão descobriu meu medo, e todos os dias, antes de dormir, aparecia com aquela boneca e jogava em cima da minha cama. E eu, após ter ajudado na contínua destruição daquela boneca, me assustava com suas feições a me fitarem.

Com o passar do tempo, aquela boneca branca foi sendo deixada de lado. Chegou o outro Natal, e com ele, as doações de mais brinquedos. E mais uma vez, uma sacola cheia de bonecas que rapidamente chamaram minha atenção e de meu irmão. Mas aquela boneca era diferente das outras que estávamos acostumados a ver. Era uma boneca negra, de cabelos crespos, lábios carnudos e usava até maquiagem. A única entre tantas bonecas brancas.

A nossa curiosidade pela boneca negra foi instantânea. Mas antes de qualquer pedido, mamãe logo avisou que a boneca já tinha dono, ela seria entregue para uma prima nossa que morava em uma cidade distante. Ficamos frustrados. Os dias passavam e a boneca estática, aguardava sua longa jornada. Vez ou outra, dávamos uma espiada nela. Tocando em seus cabelos crespos. Observando seus traços e peles. Julgamos muito aquela boneca negra. Pensando o quanto era descompassada e diferente das outras brancas. Quem teria a ousadia de fabricar aquela boneca negra? Quem iria querer comprar uma boneca como essa? Nos questionamos. Inquietos e incomodados pela sua plástica existência.

A boneca permanecia ali, inerte e serena em seu modo de olhar e ser, parecia não se importar com aqueles nossos julgamentos. Como possuía um destino já estabelecido pela mamãe, estava protegida de qualquer ato contra sua inte-

gridade. Passaram alguns dias, e chegou a notícia: nossa prima viria até a nossa casa com a vovó, para buscar a boneca, e ficaria mais alguns dias para visitar outros familiares que moravam pelas redondezas. Ficamos animados com a notícia, pois assim a boneca ficaria mais tempo em nossa casa.

Quando minha prima chegou, recebeu a boneca, agradeceu com muita simpatia na frente dos adultos. Porém, com as crianças, ela decidiu expor suas verdadeiras impressões sobre o presente. Disse que havia gostado, mas sentia que aquela boneca poderia ser melhor. Olhava para a boneca com uma expressão de indagação. E começamos juntos, eu, meu irmão e minha prima, a julgar e procurar supostos defeitos na boneca.

Foram muitos desafetos proferidos contra aquele objeto que nem poderia se defender. Apesar de tudo, entramos em um consenso. Não iríamos desfigurá-la, seu destino não seria o mesmo da boneca branca. Mesmo que houvesse um grande desprezo por seus traços e a cor de sua pele, decidimos que na realidade, ela precisava de ajuda.

Sendo assim, o nosso objetivo passou a ser o de melhorar aquela boneca, deixar ela menos feia. Decidimos que ela precisava de um banho, quem sabe esfregando aquela pele, ela finalmente estaria livre de sua negridão. Depois do banho, foi levada para o sol, para secar os cabelos que, em nossas cabeças, era um de seus maiores problemas.

Quando já secos, tivemos a ideia de alisar o cabelo dela. Mas não sabíamos como. Lembramos da chapinha que nossa irmã mais velha utiliza para alisar os cabelos. Escondidos da mamãe, conseguimos pegar a chapinha. Preocupado, questionei se a chapinha alisava cabelo de boneca. Meu irmão disse que alisava, pois era cabelo, então deveria alisar sim e o melhor era testar.

Esperamos a chapinha esquentar por alguns minutos, e depois começamos a passar nos cabelos da boneca. Sentimos

um cheiro de queimado. E o cabelo da boneca pregando na chapinha. Minha prima falou para eu parar de passar. Entristecida disse que não iria adiantar, era impossível alisar o cabelo daquela boneca. Ela continuaria feia.

Avistei no quarto um espelho a refletir as imagens de meu irmão, eu, minha prima, a boneca e a chapinha. Fazia tempos não me olhava no espelho. Observava aquela cena à minha frente, onde nós éramos os protagonistas. E aos poucos fui percebendo. Nossas peles. Nossos traços. Nossos cabelos. Emaranhados no rosto, feições e cabelos daquela negra boneca. A cabeça doía. O cheiro forte de plástico queimado fedia. A minha prima-boneca-eu-irmão. Não conseguia mais distinguir quem era o que ou quem.

À deserta

Catarina Lara Resende

Estremeceu na primeira vez em que viu um homem

Cristina devia ter uns 5, 6 anos, e a primeira vez em que viu um homem sentiu o corpo arder em febre, uma que dá no peito do pé, contorce os dedos e sobe pinicando, fininho, chega na boca.

Chegou na casa de um amigo do pai, Eduardo, o pai; do amigo esqueceu o nome. Cristina recebeu um beijo comum, nada terno, menos molhado que o do tio. O do amigo do pai foi mais manso. Também aí não sentiu nada, foi brincar no jardim, eles fumavam charutos e riam do jeito que riam os homens. Ela via uma estranheza, um jê nê sê cuá.

Quando a luz baixava e já não se enxergava mais entre as folhas largas dos canteiros, o pai chamou a menina, *Cristina*, meio mole, entre tragadas, *Cristina*. Ela veio correndo, obediente que era, parou ao lado da mesa de vidro. As cadeiras de nylon branco estavam sempre um pouco encardidas. O pai foi ver alguma coisa, disse que o esperasse e limpasse os pés de terra. Foi quando o outro a olhou, ainda manso, agora firme.

Te vi ainda bebê, sabia? Cristina torceu a boca, rígida e doce, na partitura das boas meninas. As que sabem ser tímidas. *Teu pai custou a te segurar, eu tinha certo que você ia despedaçar nos braços do homem!* Ficou de ponta do pé e desceu, a menina, sorrindo com a bochecha estufada até bufar em silêncio. Era mais uma figura do tipo meio grotesco que se aprende a ver com bons olhos e os olhos falam mais do que a boca.

Deixa eu te ajudar com esses dedinhos de lama. O amigo estendeu as mãos, delicadas, de unhas rentes. Cristina o via embaralhar. Os dedos se contorceram e de melados deslizaram. A lama foi marcando o chão de pedra, andando em direção ao vulto. Ainda não era bem um homem, só cheirava às coisas guardadas.

Cristina esticou o pezinho feito bailarina, o dedão cruzado escondendo os outros. Olhava de lado e de costas, mas via com a boca, mordida e rosa. Um por um, ele esfregou os dedos escurecidos. Com as unhas penetrava os cantinhos, elas rentes mas afundando nos restos de lama. Cristina sentia o pé cada vez mais emporcalhado, aquilo escorregava e não saía, grudava na pele, parecia que ia morrer encardida. *Quer dar o outro?*

Chegou o pai já tomando-a pelo braço, que estavam atrasados e o jantar esperando. Disse à menina que colocasse os sapatos lambuzada mesmo, em casa limpariam com mais cuidado. Cristina, prestes a entregar o segundo, cravou-o no chão e calçou as meias. Foi embora pisando nos sapatos, olhando de canto de boca.

À deserta

E no meio já era paixão de pantera, ficou-se o desejo na pedra e tudo era das garras, degelo, demanda selvagem e de língua.

Como pode no meio às panteras revelarem antiquários atravessados, longas galerias antigas já lá às gestações? E no começo nada; nada.

Saudade é nadar escura em pedacinhos de sabugo, engano sem grãos, saúdo ser pura pantera. Desde a primeira

cuspidada fora, lambida infinitas vezes e ainda não choquei o caldo do mundo, no ovo adentro onde estou.

[vamos em direção à palavra, o quanto for possível]

As panteras não amam, nem mesmo as balzaquianas?, mordem mordem e quem a morde fica não cabe fala. Se escapa um rugido abissal que viria desde os confins de uma antiga pantera, gorda pantera de pelancas cinzas, saudade é te gritar febril!, nadar nas suas ancas. Mas não é essa a braçada, pantera, seus caninos já não reluzem na popa, o vento já se amarrou ao mastro e, não se iluda, dessa vez me joga no mar. Eu sou o rio, eu avisei que eu era o rio. Na economia do porco sequei as sedes e a lama chafurda de novo seca, lambuzei do corpo, doeu em festa um caniço de porco morto. No mais, no mais... não é vergonha um galo feio, três penas e um chiqueiro grosso onde casa uma pantera sem dente.

[realmente é uma emoção horrível perder tudo]

Pantera, que sombra ainda te aponta, que morte ainda te ainda, pantera, onde mora tua gruta? Chega de abrir as patas e morder os dentes, dar à língua e amargar a garra! É hora de chorar os matos claros, amedrontar os dias mornos com perigo de viver. E o amor?, pergunta.

É este coração batendo a solavancos.

É este espaço entre os pulsos. Fino.

Mão-de-hOMEM

Fábio Biondo

Esquadrão Relâmpago ou Carta para a Terra



Em 1988 eu morava no município de Arapongas, no estado do Paraná, e cursava o segundo ano primário na escola Antônio de Moraes Barros, nome do Patrono da Escola, que defendeu uma escola socializada, que estimulava não apartar práticas profissionalizantes das práticas intelectuais. Antônio foi

anfitrião de Martha Watts, missionária metodista e educadora norte-americana que lhe ensinou sobre esses conceitos.

Em Arapongas existia uma imigração japonesa muito presente. Um dos meus melhores amigos era o Emílio Schmidt, filho de um descendente de alemães e uma descendente nipônica que morava na frente de casa. Minha ex-cunhada, Cristiane Aparecida Shoji, era uma moça de quem eu gostava muito. Na escola, quando alguém praticava *bullying* contra mim, um menino chamado Márcio Hideo Kimura me defendia. Os irmãos Kimura tinham uma mítica muito forte, já que seus pais estavam no Japão e a pessoa mais velha na casa dos jovens tinha 16 anos.

Nesse mesmo ano, num dia qualquer ao chegar em casa, liguei a TV para assistir aos enlatados americanos da Sessão Aventura, que passava no fim da tarde para aproveitar a audiência das crianças que chegavam da escola. Resolvi por algum motivo mudar de canal quando vi um robô gigante. Sempre adorei robôs. O primeiro livro que roubei foi *A Bruxinha Domitila e o Robô Super-Tudo* de Edson Gabriel Garcia.

O robô que vi na TV era o Change-Robô, da série de *Tokusatsu* (efeitos especiais) de *Super Sentai* (Super Quinteto) Esquadrão Relâmpago Changeman. Na trama a Terra estava sendo invadida por seres extraterrestres que pretendiam invasão e domínio pela entidade tecnológica Bazoo (Kazuto Kuwabara), representada por um tronco com cabeça mas sem braços ou pernas, repleto de fios que o mantinham vivo artificialmente. Praticamente exploração e escravização.

Cinco cadetes terráqueos acidentalmente despertam as forças ocultas defensoras da Terra, baseadas nas criaturas mitológicas: Dragão (Haruki Hamada), Grifo (Kazuoki Takahashi), Pégasus (Shiro Izumi), Sereia (Hiroko Nishimoto) e Fênix (Mai Oishi).

O conceito da série foi criado pelo designer de brinquedos Yutaka Izubuchi, o roteiro é de Hirohisa Soda e a direção de Minoru Yamada.

A série contava com um elenco marcante. O ator mais renomado e experiente era Yamamoto Shouhei, que interpretava o vilão Comandante Giluke. Ele era taiwanês naturalizado japonês e um dos fundadores da escola de cinema *Pinku Eiga* (Filme Rosa), vertente japonesa inspirada na *Nouvelle Vague* durante os anos 1960.

Eram considerados filmes rosas aqueles que exibiam muita pele, sendo por questões de erotismo ou de busca de realismo. A construção de Yamamoto para Giluke foi baseada no teatro Kabuki. Criou uma espécie de homem-besouro com uma roupa de látex que simulava uma intrincada armadura. Usava maquiagem facial marcante e uma capa longa e vermelha que tornava seus movimentos superlativos.

A série começa como uma luta simplória entre o bem e o mal e vai tornando-se mais complexa conforme os episódios vão avançando. Cada um dos vilões na verdade é uma vítima de Bazoo. Seus planetas foram destruídos e então eram recrutados através de promessas de poder, chantagem ou submissão. Alguns deles, ao perceberem que o planeta Terra era o último hospedeiro do universo, então começaram a se rebelar contra Bazoo.

Um dos eixos mais marcantes é a relação entre os comandantes adjuntos Buba (Yoshinori Okamoto) e Shima (Kana Fujieda). Ele um pirata espacial e ela, que outrora foi uma Deusa da Vida em sua extinta estrela, agora endurecida pelo rigor dos fatos, transforma-se em Deusa da Guerra. Sua voz é masculinizada. A voz masculina de Shima foi dublada pelo ator Michiro Iida.

Em um determinado momento chega ao planeta Terra a profeta Nana (Tokie Shibata), uma espécie de oráculo inspirada pela lenda japonesa do período Edo, *Utsuro-Bune* (Barco-Oco),

uma mulher gigante que apareceu na ilha de Hitachi como um dos primeiros OVNIS relatados em gravuras e textos ainda nos anos 1820. Nana é o nome dado à maçã, que é doce e resistente. As maçãs se mantêm frescas até sete dias depois de arrancadas do pé.

Começa então uma batalha entre a magia de Nana e as missas negras de Giluke, que através de um ritual envolvendo o sacrifício de Shima pretendia despertar uma criatura ancestral que possuiria a Terra através do fogo.

Buba, o pirata espacial, sacrifica-se para salvar Shima, diante do entendimento de que ele nunca representou nada que lhe trouxesse sentido de vida, que sempre foi fiel a sistemas falhos e crenças destrutivas. Shima, liberta através do sacrifício de Buba, volta a ter sua voz feminina e suave, voltando a ser a Deusa da Vida. Nos escombros da igreja católica onde o duelo entre Nana e Giluke acontece, um ex-soldado de Bazoo, chamado Gata (Hiroshi Masuoka), uma forma de vida alienígena humanoide que se assemelha aos lagartos, chora imaginando ter perdido sua esposa grávida e seu filho nos escombros do incidente.

Nana organiza uma busca nos escombros com os Changeman, e ao ouvirem um choro de bebê encontram o filho de Gata e sua esposa com sua filha recém-nascida no colo. Essa menina é chamada de Cooler (Resfriadora).

Uma menina.

Nesses escombros aparece evidentemente a imagem de Nossa Senhora e o Menino Jesus.

O despertar de consciência dos seres envolvidos desencadeia nos fatos que frustrariam a tomada de Bazoo.

Apesar do declínio, é sabido desde o início da série que Bazoo pertencia a um conselho chamado Guzma, sendo ele apenas uma engrenagem de um mecanismo provavelmente maior. No episódio final da série, o clima de esperança vem

acompanhado da melancolia e da necessidade de uma eterna vigília.

Nana, Nanny, Nonna. Nanã é a orixá avó, dos seus domínios é dada a lama para o barro do qual somos feitos. Ela é o laço entre o início da vida e o início da morte.

A maçã não é o pecado. É a persistência pela vitalidade.

No enterro de Buba o narrador (Nobuo Tanaka) diz o seguinte texto:

"Digno rival dos Changeman
O Pirata Espacial Buba
Morre na Terra
Idade, não se sabe
Data de Nascimento, não se sabe
A estrela natal é também desconhecida"

Meu nome é Fábio Renê Guidio Biondo. Filho de Arthur Biondo e Judith Guidio Biondo. Neto de Otaviano da Silva Guidio e Maria Geraldina Guidio, e de Antônio Biondo e Isabel Pires, nascido em 1980. Sou brasileiro, tenho nome e vivi no planeta Terra.

Mão-de-homem

Numa limpeza de quintal ouvi o termo "mão-de-homem". Não aprendi com meu pai. Aprendi com o pai de um amiguinho que nos colocou para limpar umas telhas. O que ele quis dizer é para que não pegássemos as telhas com as pontas dos dedos demonstrando o nojo do lodo e da bosta de pombo. Era para pegar de mão cheia, com "mão-de-homem", para que o serviço rendesse.

Lembro dos dedinhos da minha falecida avó, que tinha as juntas molezinhas, com o courinho solto. Gostava de sentar-me no colo dela e apalpar aquele fofinho. A minha avó tinha mais mão-de-homem que qualquer um: plantava, colhia, rachava lenha, fazia crochê, cozinhava e ainda assim a mão era fofinha.

Ainda criança eu vi alguns vasos de cerâmica e frascos de tintas esquecidos em algum lugar e perguntei se poderia usar. Comecei a pintar florais nesses vasilhinhos. A mão que segurava a cerâmica era mão-de-homem. A mão que aplicava delicadamente o pincel era fofinha. Não em equilíbrio, mas como duas coisas diferentes agindo por uma mesma finalidade.

Quando comecei a pintar vasilhinhos, não demorou e alguém disse: "— Se deixar esse menino fazer essas coisas ele vai virar veado". Apesar do incômodo, fui me tornando melhor pintor e comecei a pintar cerâmicas maiores. Até quem me chamava de veado começou a perguntar se eu pintaria algum vaso com um distintivo de um time e eu acenava com a cabeça que não, enquanto pensava: "— Ainda não pego encomenda de filha da puta".

Trinta anos depois ao visitar a casa da minha mãe, perguntei se ainda existia algum daqueles vasilhinhos. A mãe saiu um pouquinho e voltou com um vasilhinho com flores azuis, mal pintadinhas como deveriam ser se pintadas por um menino de dez anos. Ao segurar aquele vasilhinho na mão eu chorei. Agora minha mão é literalmente uma mão de homem: grandona,

marcada, mas ao mesmo tempo fofinha e delicada. Como a da minha avó.

Acho que a mistura de mão-de-vó com mão-de-homem é mão-de-artesão.



O poço de peixes

Julio Pattio

Aquele dia acordei mais tarde que o normal. Quando durmo na casa dos pais sempre sonho muito e sonho bonito. Mal fui para fora, senti que alguma coisa estava errada. Esperava encontrar o pai sentado na mesa, como sempre. Quebrei a cara, nada dele, nem em casa, nem no terreiro. Aquilo me inquietou. A gente tem esse costume, no sábado subimos juntos para tirar leite.

Senti o cheiro do café doce que ele faz, estava fresco no ar e grudava no nariz. Na varanda, no entanto, só a garrafa sozinha fazendo cera em cima da mesa. Dei de gente grande e fiz de conta que estava tudo bem. Engoli o café rápido, de pé mesmo. Saí para o terreiro e encontrei uma manhã de brisa suave e sol ameno. Apesar de ser dezembro, época de chuva pesada, o tempo tinha estiado. Os canários estavam todos doidos. Um corre-corre atrás de comida que dava gosto de ver.

Tinha seis meses que a mãe havia me arranjado de trabalhar como motorista para a família do seu Fernando. A ideia me deu um fogo de novidade, uma curiosidade por viver sozinho. Parecia até que eu sempre sonhara com aquilo, o que não era o caso. Peguei o emprego e acabou que me mudei para a cidade. Sair de Campo das Almas não foi fácil, mas difícil mesmo foi deixar o pai e a mãe sozinhos.

Cria de Campo como que eu era, toda sexta-feira, no fim da tarde, voltava para a casa da família. Parece muito, mas não é. Era preciso viver os sete dias da semana dentro de apenas dois. Por isso, aquelas manhãs de sábado valiam ouro. Domingo sempre foi dia santo, sábado era diferente, quase como dia de

semana, diferia apenas na música alta e no almoço mais tarde. Morando fora, acabou que sábado também virou santo.

Como o pai já devia ter subido, tratei de ir atrás. Não dei dez passos e parei debaixo do pé de abiu. As folhas ainda estavam úmidas do orvalho, um frescor que logo cederia espaço para o calor implacável. Olhei para a mata que se estendia em ondas verdes através dos montes. Deixei a visão me lavar como bica de nascente. No morro, por trás do galinheiro, o vermelho das árvores de garibu chegava a brilhar sob o amarelo cintilante da manhã. Lindo demais, nem homem feito fica indiferente. Fechei os olhos por um instante e puxei a vida inteira para dentro dos pulmões, calmo e concentrado, como se tirasse uma foto.

A subida para o chapadão era a mesma coisa, negócio de tirar o fôlego. A gente tinha o mundo e mais um pouco. Passei pelo pé de jaca e me admirei daquela exuberância, a sombra se alastrava pelo chão por mais de metro. Um pouco acima, bem na curva, vinha o bambuzal. O vento assobiava entre as árvores, aquele uivo verde provocava uma mistura de medo e alegria na gente. Às vezes me acontecia de ficar ali parado, no miolo daquele casulo de sombra e umidade, só ouvindo o bambu cantar. Depois do bambuzal, era só passar a outra curva que o curral já despontava lá em cima.

De longe vi que o pai já tinha tirado o leite. O balde preto estava amoitado na sombra e o curral vazio, as varejeiras zumbindo. Mulata era nossa única vaca e não estava mais presa. Certamente pastava tranquila, sem pressa nenhuma, lá para cima do chapadão, onde o colonião cresce viçoso. O pai ganhou ela no bingo da igreja, e ela ganhou um curral, só para ela. Chegou bezerrinha, mas como na vida o amor tudo multiplica, não custou muito tempo e a danada cresceu de dar gosto. Virou uma vaca que era pura fartura.

O balde de leite estava tampado com uma folha de taioba para não dar mosca. Não pude resistir à magia do sábado e

entrei no curral. Com as duas mãos levantei o balde bem alto, feito o troféu que era. Bebi do leite como se fosse minha última ceia. Com a cara enfiada na brancura grossa de gordura e quente feito a vida, eu virava o leite em goladas. Era igual se lavar dentro da lagoa.

Uma vez o coração saciado e com o leite ainda escorrendo pelos cantos da boca, olhei ao redor, procurando o pai. Virei a cabeça pouca coisa e avistei seu boné na direção do poço. Tapei o balde e cortei caminho pelos pés de maxixe. Que flor bonita a do tal do maxixe. Sol no céu e maxixe na terra. Passei sobre aquele tapete ensolarado e me esgueirei por entre os fios de arame da cerca.

O pai estava agachado na beira. Olhava fixo para a flor d'água. Sei que nessa hora virgem do dia qualquer barulho é multidão, por isso me anunciei de longe para não assustar. *Subiu mais cedo hoje, foi?* Seu corpo permaneceu imóvel, como se não tivesse ouvido. Passei pelos pés de cana e contornei as malaguetas que havíamos plantado juntos, até que cheguei do seu lado. Assim de perto, não podia mais me ignorar e tinha que dizer algo. *Vim logo porque tinha coisa para fazer aqui.* Falava com a voz distanciada, ocupada. Parecia estar esperando que algo acontecesse.

Ele encarava o poço como se as traíras contassem segredos. Mas era em vão, cedo assim as traíras estavam enfiadas dentro do barro lá no fundo. Deixei que suas palavras se espalhassem pela mata e o encarei. Continuava de cócoras, seu corpo pesado de preocupação. Quase perguntei o que ele tinha, só que com o pai a conversa não fluía desse jeito. Foi a mãe que me ensinou, sem dizer uma palavra. Cresci observando como lidava com o pai e aprendi com seu exemplo. Com o pai tinha que chegar pelas beiradas, senão o bruto se fechava igual tatu no casco. *Algum problema com o poço? Pelo menos o nível de água está bom.* A gente já tinha passado por cada aperto por falta de chuva que ver o poço cheio era uma lindeza. Enchia

o peito de orgulho, confirmava que Deus estava do nosso lado. E se Deus é por nós, quem será contra?

Estava aqui só pensando mesmo. Olha só isso. O pai enfiou a mão na terra como se aquilo fosse um saco de milho. Arrancou um pedaço do barranco e levantou em minha direção. Parecia estar segurando uma caça. Pitomba subiu aqui essa semana para pescar. Quando desceu, me deu duas traíras. Depois disse que terra esfarelado assim, igual serragem, é sinal que embaixo passa veio de pedra. Jurou que aqui tem água-marinha, talvez até ouro.

Enquanto falava, o pai esmiuçava o torrão entre os dedos. Caía sem pressa, parecia mais um punhado de pena. Dava a impressão de flutuar no ar de tão leve. Cavoucou um pouco mais com as unhas sujas e arrancou uma pedra. Era caroçuda e escura, lembrava carvão. Era coberta de fios que cortavam como córregos abrindo caminho na mata. Brilhavam igual greta de janela com o sol batendo e rasgando luz para dentro do quarto escuro.

Meu primeiro impulso foi de achar graça. Desde quando Pitomba tinha faro para diamante? Na verdade, era nervosismo. Ali debaixo do sol da manhã cheia de vida, fui assomado por um temor que restaria fresco em mim por muito tempo. Achar ouro no poço de peixes de uma família simples e sem instrução era mais problema do que qualquer outra coisa.

Ninguém ali em Campo ainda tinha esquecido do Mizinho, que morava na grotta depois da represa. E na história dele nem pedra preciosa tinha. Correu a palavra que a propriedade do homem era cortada por nascente d'água. Não demorou nada e os Lopes Neto arrumaram um jeito de tomar a terra do pobre coitado. Mizinho, que não tinha família, só aquele barraco velho fincado no meio da grotta, ficou doido e sumiu de Campo. Nunca mais foi visto. No povoado, no entanto, a história contada era outra. Dizia-se que o infeliz primeiro morreu e então foi sumido.

Antes de chegar aqui, Pitomba trabalhou em garimpo. Falou que terra esfarelado assim é sinal de coisa grande. Olha essa pedra. A beira do poço está cheia dessas pedras brilhosas. Aí já não é mais sinal, é certo mesmo. Tem diamante escondido aqui embaixo e o pior é que não sei o que fazer. O pai disse isso e ficou segurando a pedra, como se pesasse uma tonelada e ele, apesar da dificuldade, tivesse a força necessária para empunhá-la.

Dentro da minha cabeça um eco medonho retumbava, eu estava oco de ideias. Pior, não sabia o que fazer, muito menos o que dizer. Isso me atazanou já que o pai esperava ouvir alguma coisa de mim. Vindo lá de cima o mugido da Mulata chegou até nós, como se ela tentasse ajudar. O barulho me plantou no chão e consegui reagrupar os pensamentos. Por fim, achei melhor ser sincero. *É só falar para o Pitomba não contar para ninguém. Fica tudo por isso mesmo e o poço continua sendo dos peixes.*

Falei e fiquei ansioso esperando o pai confirmar que era isso mesmo, que tínhamos encontrado a solução. Ele bateria no meu ombro e nós desceríamos de volta para casa. Lavar o chiqueiro, colher um litro de jabuticabas, assar uma carne, fazer as coisas que cresci fazendo, apelar à normalidade para nos dizer que estava tudo bem. Poderíamos voltar com o ritmo da vida como se aquela história de pedra preciosa tivesse sido apenas um sonho suado. O pai bateu a mão para sacudir a terra, parecia chamar os peixes para participarem de nossa conferência. Limpou o resto de poeira nas pernas e voltou a encarar a água.

Um revoado de papagaios passou para o lado da mata. Como grita alto o tal do papagaio, tem hora que é igual uma sirene de fábrica. Entre nós dois, silêncio, concentração. O pai pensava, pensava. O poço estava parado, quieto feito cemitério. O momento era de reflexão. Até que de repente uma tilápia botou a boca para fora. Aquela visão me aprumou, afinal, não estávamos sozinhos. Tirei daí uma confirmação e senti-me

preparado, para o que quer que fosse. O pai então inclinou a cabeça em minha direção e lançou a pedra. *Acontece que o Pitomba não estava sozinho. Ele veio com o irmão mais novo, o Gleyson, que também gosta de pescar. O povo no bar já está comentando, falam que estamos sentados em cima de tesouro.*

Senti o luto nas palavras do pai. Minha pressão até baixou por um segundo. Fechava e abria as mãos com força, para o sangue não parar de circular. Toda a minha vida tinha acontecido ali em Campo. Conhecia a lei e a reza daquele canto de mundo. Se o papo já está no bar, o problema nem é mais se tem ou não tem diamante no poço. O problema agora é que não tem como fazer a palavra dita voltar para dentro da boca de onde saiu. E mais, notícia assim tem perna, corre feito galinhola fugindo de quati.

Em Campo, ganância tinha um nome, Lopes Neto. A família só não era dona daquilo que não interessava. Maldade, essa infelizmente tinha várias caras. Caboclo se surpreende de descobrir de onde o mal lhe mostra aos dentes. Por um lado, o fazendeiro não dava as caras lá no bar. O filho mais novo de vez em quando, para encher a cara e mexer com mulher alheia. Seu Fernando, o mais velho, morava na cidade e não era de aparecer em Campo. Por outro lado, isso importava pouco, sempre tem um puxa-saco disposto a fazer qualquer coisa para receber elogio de patrão.

Bora descer que tem que fazer queijo ainda. O pai levantou leve, sereno, como se o corpo fosse feito daquela mesma terra esfarelada que voava dentro da brisa. Deu dois passos na minha direção e parou do meu lado. Tinha os olhos sérios, no entanto, brilhavam sem preocupação. O seu olhar afirmativo me dizia que mesmo no escuro passaríamos aquela linha pelo buraco da agulha. Senti a confiança do pai, ainda assim, precisava ouvir de sua boca, para me acalmar.

E nós vamos fazer o quê? Ele pousou a mão no meu ombro, um pouco dizendo para eu ir na frente e um pouco me dando um

afago. *Vamos fazer o que sempre fizemos. Trabalhar e esperar.* Dois verbos, duas atividades que me soavam como um berço e que ofereceram o colo que eu precisava. Fui na frente e desci até o bambuzal. Esperei na sombra enquanto ele pegava o leite. O vento cantava uma música que, apesar de apressada, me acalmava.

Tentava achar caminho no embolado de ideias que a conversa com o pai tinha provocado na minha cabeça. Nunca antes eu havia visto a roça da nossa família como propriedade. Nasci ali, pelas mãos da dona Judite, e ali tinha vivido até seis meses atrás. Campo era meu pão e meu mundo. Bem ali, entre a mata dos tatus e o chapadão dos lagartos, saí da barriga da mãe para ser acolhido pelos braços da terra. Tomado pelo medo de perder tudo agarrei-me àqueles braços. Não soltaria mais.

Apesar de sofrida, nossa existência não é sem eira nem beira, faz parte do chão que a sustenta. Sem a terra não há vida. Sem a floresta agreste que nos cerca não somos nada. Esse pensamento me encheu de coragem. Percebi que essa era a mensagem que o pai buscava me passar. Funcionou e ali mesmo, na virada do pé de jaca, tomei minha decisão. Ia voltar para casa, fazer como a mãe queria e como ao pai faltavam as palavras para dizer. Agora tinha que achar o jeito de contar ao seu Fernando.

Falando na mãe, ela já estava acordada. Sacudia a toalha de mesa do lado de fora. Vi seu sorriso de longe, enquanto descia junto ao pai. Era um sorriso pronto a carregar o mundo equilibrado na ponta de uma agulha, se fosse preciso. O pai deixou o balde perto do tanque e disse que ia subir no forro da casa. Era lá que guardava a soca-soca. Tinha muito tempo que ele não ia atrás da arma. A última vez foi quando derrubamos uma paca para o Natal. Entendi um pouco mais a nossa família. Era chegado o tempo de preparações. Nossa luta não seria mais

calada. Éramos um para o outro e estando do lado da terra, quem seria maior que nós?

Desejos

Luiz Rosa

— *Qual foi, moleque?! Tá vendo aquela dali? Tá olhando pra cá DI-RE-TO, mermão!*

— Quem? Aquela tia?

— *Tia é o caralho! Se ficar dando mole eu passo o cerol!*

Na saída da missa, não era para Jorge que Conceição lançava seus olhares faminto-discretos, era para todos os homens, rapazes e garotos que trabalhavam na feira livre. Frequentava religiosamente, todas as manhãs, as celebrações da paróquia de Santo Antônio, no Centro. Em frente à igreja, a praça e, nela, organizava-se a feira que tanto atraía a sua atenção.

Sonhava em se casar. Antes, comungava na igreja de São Benedito dos Homens Pretos. Como eu disse, isto foi antes. Quando ainda acreditava na espontaneidade do destino, nas forças do acaso, nos seus atributos físicos e na capacidade de encontrar um pretendente por conta própria. O tempo foi passando e nada acontecia, resolveu agir, foi atrás de especialista, quem pudesse interceder efetivamente em sua causa: o casamenteiro.

Fez novena, seguiu procissão, acendeu vela de sete dias, o pôs de castigo, comeu do bolo, fez promessa. Ansiosa por milagre, sua encomenda divina, passava horas olhando aquela gente, sempre atenta, aguardando o presente que o Senhor certamente traria para ela embrulhado em um par de calças.

Sem o alerta do amigo experimentado nas artes da carne, Jorge, talvez, jamais teria notado a presença sedenta da pobre beata. Conceição tentava ser discreta, em vão. Simulava encantar-se com o horizonte que terminava do outro lado da

avenida, tentava demonstrar interesse em qualquer elemento da paisagem urbana, com as brevidades da praça, impossível disfarçar. Não havia como ocultar tamanha libido, tanto desejo.

Há muito sonhava com o matrimônio, desde que sua prima Dorinha se casou com Bento, o estivador. Jurava que, graças aos seus parcos dotes físicos e sua timidez elevada, Dorinha nunca arranjaria um marido. Casou-se de véu e grinalda com um homem alto, forte e bronzeado. Começou de repente a desejar a mesma sorte, afinal possuía, acreditava ela, o que era necessário para atrair o homem que quisesse e, não havia feito isso, até o momento, porque não era de seu interesse. Sempre muito preocupada com os afazeres da casa, os cuidados médicos com sua mãe acamada, as obrigações religiosas, tantas, que não pensava em homem e nem se sentia sozinha. As coisas mudaram.

Queria um homem, não de qualquer jeito, assim não. Para ela, a única forma aceitável de resolver esta questão e dar permissões ao seu desejo era oficializando um contrato. Queria um homem só seu, com papel passado e selado em cartório, beijo dado diante de um altar, sob consentimento da igreja e as bênçãos de Deus.

Andava doida para casar, enganava-se, dizia para si que qualquer homem servia, desde que fosse de bom grado: honesto e trabalhador. Mentira... Encantava-se fácil com aqueles de braços largos e fortes, gostava dos tatuados, dos de bigode fino, daqueles que brilham ao sol, pele queimada, salgados de suor, homens de trabalho árduo. Queria um estivador que a suspendesse do chão, a transportasse nos ombros e, como uma saca de café, a jogasse na cama e fizesse o que bem entendesse. Queria um homem de mãos calejadas de pegar no pesado, de carregar cimento, de virar concreto, dos que trabalham na feira puxando seus carrinhos pesados, transportando caixas enormes como se não pesassem nada. Sonhava com rapazes na flor da idade, dos que correm atrás de

bola, de shorts sem cueca. Dos que andam sorrindo, que frequentam rodas de samba, que falam alto. Dos que dormem nas ruas.

Jorge, apesar de seu tamanho e força, era menino ainda, pouca idade e muita inocência apesar de tudo o que viu e fez. Sempre sorrindo, sempre animado com alguma música que ouviu, com uma partida de futebol, com uma entrega que faria, puxando seu carrinho de madeira pelos corredores estreitos da feira, calçadas de pedra, serpenteando as ruas do Centro. Sonhava com gorjeta alta, com almoçar costela no bar do Português, Coca-Cola gelada. Aos dezesseis, não pensava em mulher, não era o que sentia falta, de longe uma prioridade. Queria sair das ruas, ter uma casa, cama e geladeira cheia, sonhava em abrir uma geladeira.

A única mulher que queria ter era a sua mãe, mas esta foi-se embora muito cedo, caiu da ponte, levada pela correnteza, nunca apareceu. Foi criado por madrinha. Para Jorge, pior desgraça que pode existir atende pelo nome de madrinha. Assim que deu pé, preferiu morar na rua.

Quando saiu de casa, já faz muito tempo, não foi fugido, saiu pela porta da frente, sem brigas. Como um teste passou o dia todo na rua: pediu esmola, revirou lixo, ficou andando com os meninos da praça, esperou que alguém notasse a sua falta, viesse atrás. Ninguém veio. Junto aos moleques que conheceu, dormiu na marquise da Nossa Senhora da Conceição, quase morreu de frio, deitado na pedra, tentando se agasalhar com papelão.

De amizade fácil, desenrolado no falar, esperto e atento, não demorou nada para se adaptar. O tempo passou e nada de virem atrás dele: uma semana e nada, foi-se um mês e ninguém perguntando por ele, cinco anos se passaram e agora um rapaz feito, dono da própria vida, capaz de se virar muito bem sozinho.

Uma vez, logo nos primeiros meses, em frente ao mercado municipal, a madrinha passou ao seu lado. Hora do almoço, dia

quente de verão, morrendo de fome, por um momento seus olhos se encontraram, ela fingiu não ter visto. Jorge ficou em silêncio, cabeça baixa, assentou-se no passeio público e, involuntariamente, chorou. Definitivamente só.

Sozinho com seus camaradas, cresceu adaptado às adversidades, desenrolado com os problemas práticos, sabedor das malandragens do cotidiano, apto para o fim do mundo. Mantinha-se longe de tudo que considerava ilícito. Considerando a maleabilidade e necessidade de adaptação das regras às necessidades urbanas básicas de quem mora na rua, o que é lícito ou não pode ter significados diferentes. Para Jorge, qualquer coisa que pudesse deixá-lo doidão, fora do juízo, vulnerável, propenso a fazer merda ou ser recolhido pelo juizado era considerado ilícito, crime e contravenção: ficava o mais longe possível.

— *Chega aí, menor, dá um pega aqui.*

— *Ih já é, tô de boa! Tenho que ir ali.*

— *Ih qual foi?! Fazer desfeita?!*

— *Obrigadão, mas tenho que ir.*

E ia embora.

Não frequentou a escola, não sabia ler nem escrever. Sempre detestou as atividades de mendicância, acharar pedestres, para ele, sempre foi motivo de vergonha, de acabrunhamento. Só o fazia quando não tinha jeito, precisava comer. Aprendeu logo a desenvolver atividades laborais de rua: catar latinha, juntar papelão, garrafas, caixotes, vender bala, levar recado, carregar de um tudo na feira. Achou um carrinho no lixo, pôs para funcionar e profissionalizou-se: virou carregador, burro sem rabo.

Nunca havia notado a mulher de vestido florido, sempre de pé no portão da igreja, observando a paisagem. Jorge não sabe o porquê, mas Conceição lembrava algo de sua finada mãe, qualquer coisa entre afeto e tristeza. Passou diante dela duas vezes transportando seu carrinho carregado de caixas. Na

terceira viagem, notou que o olhava diretamente, então lhe deu seu melhor sorriso acompanhado de um *bom dia, moça!* O pequeno gesto do rapaz foi o suficiente para quase explodir o coração da jovem senhora.

Conceição ganhou o dia.

Um outro artista

José Ronaldo Siqueira

Os lápis de colorir todos extintos. Uns cotocos que não conseguia mais nem segurá-los à unha. "Como faria agora?". Era com aqueles desenhos coloridos, vendidos no calçadão da praia, que conseguia sustentar a família.

A pequerrucha doentinha. Motivo pelo qual não deu para comprar caixa nova de lápis. Ninguém pra lhe remediar, emprestar-lhe algum. Todos a esperar um empréstimo também. Ainda tentou fazer como aqueles garotos, na frente das distribuidoras de doces, a implorar que se lhe comprassem uma caixa de paçoquitas para que pudesse faturar algum com as vendas.

Ficou na porta da papelaria. Uma das mais baratas. Um dia inteiro. Nada além de "Vai trabalhar, vagabundo!", "Pede auxílio pro governo, agora!" e "Vota direito na próxima!". Um homem com camisa da seleção brasileira ainda tentou agredi-lo, mas foi impedido por uma senhora. Retornou para casa arruinado. Incolor. Um esboço bório, uma dor nos ossos dos ócios do ofício.

A menina chorava. Ele também, a seco, e ia se fragmentando, lápis de grafite ruim. Uma tentativa vã que se sabia infrutífera em sua gênese, mas que se permite gestar ainda, para ver-lhe o fruto morto, só porque.

Agarrou um cotoco daqueles, sem nem lado direito haver para agarrá-lo, e, com o estilete, foi talhando uma ponta. O foco da atenção que destinava à tarefa era tamanho, mas o lápis tão ínfimo, que não teve jeito e acabou por lenhar a ponta do indicador. A gota grossa e rosada desabrochou da extremidade do dedo. Ia sugá-la, mas num lampejo de criatividade, teve ideia

melhor: pegou a folha A4 e riscou com o dedo uma linha vertical bem na margem posterior da folha. Seria, aquela, sua cartada final.

Dia seguinte, no calçadão, só aquela folha e ele por testemunha. Embaraçado, chegou a se perguntar se valeria a pena ter gastado com o ônibus para ir ali. Mas algo dentro de si o impulsionou. Não precisou esperar muito. Uma senhorinha, óculos de vidros grossos, cabelos algodoados azulados levemente, perguntou-lhe: "O que é isso?". De pronto ele respondeu: "Um desenho, minha senhora". E acrescentou: "De minha autoria".

Ela recolheu a folha das mãos dele e aproximou-a de suas vistas. "Que cor forte! Parece pintura a dedo! O que usaste?". "Meu sangue, senhora". "Como?!". "Meu sangue...", disse mais baixo, acanhado com o grito espantado da freguesa. Ela tornou a ajustar os óculos, depois de lançar um hummm, especulativo. "E, e tem nome este teu trabalho?". Ele sorriu. Tinha sim. Levara a noite toda para batizá-lo. "Tem sim, senhora". O homem desamparado frente o dragão da fome". A senhora arregalou os olhos por trás dos vidros grossos dos óculos, assemelhando-os a duas luas negras. "Bom, bom", falou baixinho, consigo mesma. "E quanto queres por ele?". "Cinquenta, senhora!". A senhora tirou uma nota de cem e lhe entregou. "Está pago. É o seu sangue, homem, é o seu sangue. Valorize-se". Colocou a folha por entre os papelões que ele lhe entregara e se foi.

Ele não acreditou. Correu para a papelaria, comprou uma caixa de lápis novinha e mais remédios para a filhinha. Passou a noite toda pintando.

Chegou na orla no dia seguinte. Embaixo do braço, protegidas por papelões, mais de vinte folhas devidamente desenhadas e coloridas. Sentia que o dia seria bom. Por volta das onze horas, a mesma dona que lhe comprara a obra à sangue, no dia anterior, retornou e, atrás dela, um séquito de

umas dez pessoas, entre idosas e jovens, todas conversando alegremente.

Ele, então, começou a espalhar as obras que, tão esmeradamente, passou a noite toda a produzir. Ante as imagens que iam aparecendo expostas, a pequena turba ia se silenciando. Os sorrisos satisfeitos iam sendo neutralizados pelas folhas coloridas. A senhora ajeitou os óculos como quem procura ter a exata certeza de que era aquilo mesmo o que estava a enxergar. Um dos acompanhantes ainda recolheu uma das folhas com as duas mãos e a aproximou bem do rosto, para analisá-la melhor.

Ele, atônito com aquela reação em massa, ainda ouviu uma voz cavernosa saída do fundo do grupo exclamar: "Ô, Anália, mas é isso?", como se aqueles desenhos que estivesse vendo se valesse de uma ofensa que atingiria até sua última geração. Ele suava frio. O ar se recusava a entranhar nele. A boca era toda a extensão da areia da praia. Foi testemunhando, um a um, cada um deles, retornarem pelo mesmo caminho que chegaram ali.

A senhora, segurando um dos trabalhos dele, pinçado entre dois dedos, deixou-o cair ao bel prazer da dupla gravidade da situação. Ao passar por ele, sussurrou, sem nem ao menos se dar ao trabalho de virar-lhe o rosto: "Amanhã, iguais aos de ontem".

Voltou para casa, arrastando a poeira da derrota com as sandálias. A mulher, ao vê-lo carregado de desenhos, questionou-o entre incrédula e assustada. "A menina voltou a ter febre", finalizou, como quem não quer poupar o condenado, mas o fez com outra intenção, uma mais lídima: a da maternidade.

Ele, então, pousou o material na mesa e, em pé mesmo, explicou todo o desafortunado ocorrido daquele dia, coçando a cabeça, não compreendendo nada daquilo que saía da

própria boca. "Mas onde achar mais daquela tinta?", perguntou e finalizou com uma sentença pontual: "Povo mais doido!".

A mulher também coçou a cabeça, mas parou de supetão. Arregalou os olhos de felicidade e saiu desembestada para dentro do casebre. Voltou trazendo consigo o cesto de lixo do banheiro e nem teve tempo de pensar nas normas sanitárias e virou-o em cima da mesa mesmo.

O homem estranhou aquilo tudo. A mulher mais parecia uma porca a chafurdar nos próprios detritos quando, triunfante, levantou um absorvente íntimo usado, gritando um "A-ha!". Os olhos dele brilhavam. Ela ainda completou: "Ih, meu filho, o fluxo hoje tá intenso! Tô vazando que é uma beleza! Logo mais solto outro tanto!". Ele sorriu prazenteiro e arrancou-lhe da mão aquela paleta de cores.

la, no outro dia, radiante. A solução encontrada por sua mulher foi perfeita. Conseguiu matizar em diversos tons o sangue menstrual de sua esposa: de um vermelho carnificina até um rosa-chá bebê anêmico. Como conseguiu fazê-lo? De diversas formas, ora usando o próprio absorvente íntimo como um rolinho, diluindo o sangue em água, aguarrás e até em pinga. Fez, inclusive, utilização de técnicas experimentais, como carbonizar o pequeno chumaço íntimo, utilizando do sangue chamuscado. Pediu, ainda, para que ela, a esposa, se conseguisse, deixasse desaguar um pouco de si em uma bacia, para ele poder usar a "tinta" *in natura*.

As folhas iam sendo preenchidas e largadas de cima da mesa, para que secassem no chão da sala. Sua mulher, na cama, no único quarto do casebre, exaurida por ter que permanecer acocorada sobre uma bacia, esperando que o fluxo lhe escorresse, um caldo sumarento do fruto da vida, embalava seu sono com o farfalhar das asas dos papéis, concretizando a criatividade do marido. Sorria satisfeita. A felicidade dela era entrecortada por uma tosse carregadamente moribunda da filha.

Ele reservou o sangue vivo da esposa para o *grand finale*. Como um dos convivas das bodas de Canaã, exclamou: "Deixaste o melhor para o final!": um vermelho forte, sofrido, doloroso. Um vermelho real, realidade, realismo. Fantástico, será? Fez uma série de esboços divinos com ele.

Manhã do outro dia, no mesmo local do calçadão da orla. A comitiva de Dona Anália e a própria se encontravam ávidas pelas obras, pareciam-lhe, até, uma matilha de hienas, a sentir o odor de putrefação estagnada, presa no ar, como um muro de arrimo. Lançaram-se sobre os papéis, um imenso, poderoso e faminto cardume de tubarões, disputando cada gota daquele sangue rejeitado.

Dona Anália recolheu a maior parte das folhas pintadas com o sangue recolhido na bacia. Por curiosidade, resolveu cheirar o papel. Ruborizou-se vigorosamente, tapou a boca com uma das mãos, emitindo uma risadinha e balançou-lhe o indicador no ar, apertando seus olhinhos negros, como quem diz "Safadinho!".

Vendeu tudo. Algumas muitas obras chegaram a custar até dez vezes mais o que Dona Anália lhe pagara na primeira. E quanto aos títulos, inventava-os na hora: "À noite, espera-se o fluxo das coisas", "Morre-se um pouco todo mês", "Fome é tijolo de se atirar em pobre", "No entrepernas, vida rejeitada vira tinta" e por aí, ia.

Voltou para casa, sentindo-se como renascido em outro estilo de vida. Nunca, em toda a sua existência, possuía tanto dinheiro assim. Apesar da fortuna no bolso, ficou preocupado com a despedida de Dona Anália, quando se retirou e levou sua alcateia. "Semana que vem, sem falta!". Como ele arrumaria mais tinta? Aquela dúvida o fazia sangrar uma existência incolor, como solvente de limpar pincéis, ou algo que contivesse uma inutilidade intrínseca: uma tinta invisível.

Com os novos recursos, o tratamento da pequena pôde ser feito em consultórios particulares. Abandonaram por

completo a UPA na entrada da comunidade e foram a uma clínica pediátrica na Zona Sul da cidade. As tosses da menina só aumentavam de intensidade e, não raro, ela expectorava alguns borrões avermelhados.

Outra mudança drástica, também positiva, veio nos jornais. Ao que parece, um dos "Carniceiros" (era assim, agora, que ele alcunhava aquele bizarro séquito) de Dona Anália, era um conceituado crítico de arte do jornal de maior circulação de nível nacional. Seu nome, catapultado à órbita, tornou-se do conhecimento do público, antes mesmo do sol daquele dia aparecer e afugentar as criaturas rastejantes da noite.

O prazo estipulado por Dona Anália já expirava, quando, de súbito, um acesso de tosse da filha, lhe iluminou a face. Correu ao banheiro, ao lixo, no fundo da casa e saiu a recolher todo e qualquer guardanapo e lenço de papel em que estivesse tatuado um matiz de vermelho que pertencesse à sua filha. A mulher, ao testemunhar o pavoroso pedido de que, caso a menina voltasse a tossir, aparasse o escarro em um prato, concordou, embora, no seu íntimo de mulher e de mãe, desejava, profundamente, ferir-lhe a carne, por vilipendiar e, na sua ótica, tirar vantagem da enfermidade da filha.

Na data marcada, Dona Anália e sua matilha de "Carniceiros" reapareceram, e ele já lá se encontrava com mais desenhos, mais títulos e mais sorrisos. Avançaram aos desenhos, sedentos, engasgando-se em palavras, interjeições e elogios que o animavam cada vez mais. Dona Anália aproximara a gravura, segurando-a mais perto das vistas. Paralisara. Para ele, pareceu que os pequenos olhinhos da anciã tornaram-se como dois pequenos sóis negros, cintilantes e frios, simultaneamente.

A alcateia, ao que parece, se apercebera do ocorrido e, automaticamente, começou a confabular com mais animação. Ela, lá, estática, em um transe que remetia ao testemunho do

big bang. Os valores em dinheiro foram os maiores até aquele momento.

Antes da turba ir embora, ele se adiantou à sua benfeitora e anunciou: "Daqui a duas semanas". Ela, surpresa com a iniciativa do artista, acenou a cabeça positivamente e se foi, sorrindo satisfeita.

O tempo passou sorrateiro e, na véspera do combinado, ele foi a um aviário, comprou uma galinha viva e, chegando em casa, degolou-a. O bicho se debatia, amolecendo o corpo, a cada bater de asas. A cabeça, caída perto do balde que armazenava a torrente sanguínea despencando de seu corpo em luta, abria e fechava os olhos, incrédula. O bico aberto, com a língua enrijecida, parecia gritar, mas sem som nenhum. Por fim, petrificou-se, mais uma medusa sacrificada pela ganância dos homens. Ele, satisfeito, agora possuía bastante tinta.

No dia agendado, toda a delegação estava lá, mas Dona Anália não pôde ir. Estavam mais do que deslumbrados com os rabiscos dele, parecia até que algumas órbitas oculares sumiam de suas cavidades. Vendeu-as todas, novamente. Deixou marcado com o rapaz que era crítico literário para dali a duas semanas. Tornou a fazer o mesmo processo para a obtenção da "tinta" e conseguiu produzir boa quantidade de obras.

Dia chegou e ele lá estava. Passou um bom tempo até que viu Dona Anália se aproximando. Vinha sozinha. Estranhou muito aquilo, pressentindo algo de errado. Quando ela chegou mais perto, viu que trazia algo preso pelas mãos que, pela disposição em que se encontrava, mais se assemelhava a um torno. Reconheceu suas folhas.

Ela chegou o rosto mais para perto do dele. Expressão férrea, de uma dureza fria. Os pequenos olhinhos vermelhos de fúria. A voz saía num sopro de quem preferia se embebedar do sangue de suas vítimas. "Não nos ludibrie! Não nos menospreze! Queremos a tinta original! A sua tinta!". E deixou desabar aquela

quantidade enorme de desenhos, concluindo: "Você nos deve! Amanhã!". Virou-se e foi com seus passinhos curtos. Ele até quis contra-argumentar, mas não conseguiu, enxergava-se justamente como a anciã o havia definido: um farsante, um impostor.

No pequeno quintal, no fundo de sua casa, refletia no que iria fazer. A filha internada o privava das soluções anteriores. A mulher não se encontrava nos dias das regras. Não vislumbrou outra solução. Na cozinha, pegou a faca e a bacia. No banheiro, a caixa de remédios e curativos. Voltou ao quintal. Sentou-se no banquinho. Primeiro, pensou nos braços ou mãos, mas isso poderia inviabilizá-lo de pintar. Depois, nos pés, mas, pensou melhor e viu que teria mais desvantagem do que vantagem. Então se lembrou da panturrilha, de como era irrigada e de que a chamavam de segundo coração. Decidiu-se.

Posicionou a perna dentro da bacia. Respirava fundo. Tremia. Suava frio. Sabia que, se pensasse demais, desistiria. Foi no soco, então. Desferiu o primeiro golpe. O pequeno talho só fez escorrer um filamento, uma gota que gota que não chegava a percorrer a extensão toda da perna. Não daria certo daquele jeito. Percebeu que teria que aprofundar aquilo. O suor gélido minava de todos os poros. O estômago em revolta. Tinha medo de perder os sentidos antes de atingir seu objetivo.

Reagrupou todas as forças que ainda se escondiam em seu corpo. Apoiou a lâmina da faca na abertura da ferida, contou até três e puxou-a, imprimindo mais força na incisão, aprofundando-a. O sangue jorrou. Tonteou e, por pouco, não caiu do assento. A boca seca, a força do corpo esguichando juntamente com o sangue, os pensamentos se embaralhando. Teve muitas dificuldades para pegar o rolo de gaze da caixa e enfaixar a perna. A bacia cheia até quase transbordar. Deixou tudo por lá e foi ao hospital.

Na manhã seguinte, Dona Anália se satisfez com o que recebera. Não só ele lhe entregara a quantidade comprada na

semana passada, mas dobrou-a. Esse excedente foi muito bem pago. Ao aproximar as obras do rosto, a senhora teve um frenesi de êxtase, um leve gemido fez-se ouvir. Instintivamente, mirou a perna enfaixada do artista. A ele, pareceu que a velhinha havia lambido os cantos da boca. Ela apenas repetia: "Bom, bom! Muito bom!".

Dona Anália aconselhou-o a comprar um aparelho celular e lhe passou o seu número. Assim ele o fez e, na mesma semana, um dos "Carniceiros" entrou em contato com ele, dizendo tratar-se de um *marchand* e que Dona Anália o havia instruído a auxiliá-lo. Que ele, agora, não podia ser um mero pintor de calçadão praiano. Ele teria que avançar mar adentro, indo às galerias, às exposições, às bienais.

A ideia de expor em galerias o assustava. Não sabia ser outra coisa senão aquele caiçara de calção de banho, camiseta sem mangas e sandálias havaianas. Não sabia lidar com muita gente. Isso tudo o apavorava. Entretanto, dois fatores o fizeram aceitar de pronto a ideia: a condição da filha, que piorava a olhos vistos, e o fato de, como lhe informara o *marchand*, com as exposições, não haveria necessidade de se produzir tantos trabalhos por semana. Conseguiria apurar muito mais dinheiro com uma ou duas exposições por ano, segundo ele. Isso o auxiliaria bastante na obtenção do material.

Sua fama atingiu um patamar que ele nunca ousou sequer sonhar. Vários grupos de compradores, assemelhados a Dona Anália e aos "Carniceiros" surgiram, com leves variações: ora a líder da matilha era uma jovem, por vezes o bando era liderado por um senhor de meia-idade, mas as características principais se mantinham. Por um bom tempo fez fama e fortuna nas boas galerias do país e do mundo.

"Vamos tentar algo mais sutil e vantajoso para ti", sugeriu o *marchand*. E foi aí que os números passaram a ter dígitos que ele não imaginava serem possíveis. Os leilões. Apelidado de "O novo Banksy" pelos motivos tão sociais com que preenchia suas

folhas de papel, a procura por seu trabalho se tornou uma verdadeira competição pela sobrevivência, à la Darwin: só o mais forte sobressaía, no caso em questão, o mais rico. E eram. *Sheiks*, califas, chefes mafiosos, administradores de fundos de pensão, ex-presidentes latino-americanos, nouveaux riches asiáticos, imperadores de criptomoedas, toda uma fauna sanguinária a desejar dele um pedaço, uma gota de seu talento. Essa solução foi-lhe um alento, pois dessa forma, precisaria de bem pouca tinta e por um longo espaço de tempo.

O sucesso lhe subiu à cabeça e a pressão vertical foi tanta que lhe gerou certa vertigem e maneirismos. Cansado do mesmo tom vermelho, estudou sobre a tonalidade azulada do sangue rico em CO₂. Descobriu, depois, tratar-se de um vermelho mais escuro e pensou serem, as veias dos pulsos, seus condutores. Quase não sobrevive. Confiou no serviço de emergência. Ligou para eles antes, informando-os do que já havia feito. Esperou uns minutos e, só então, mutilou-se. Demoraram bem ainda. Mas obteve um vermelho muito mais escuro, o que lhe rendeu mais fama.

O preço, contudo, fora alto: o corpo não aguentava mais ser imolado naqueles moldes. Teria que se aposentar. Por ele, tudo bem, já estava podre de rico mesmo, mas pela menina, não poderia. A doença era rara, dessas que acometem um em cem milhões. O tratamento, milionário. Desconcertou-se. Desesperado, ligou para Dona Anália, com quem não interagira há bastante tempo.

"Tenho uma proposta", disse a idosa. "Um afresco, aqui, em minha casa. Cobrirei todo o tratamento da menina". "Até o fim?", perguntou ele. "Sim, todo!". Dia seguinte ele estava lá. Quando a idosa disse casa, era, de certa forma, um eufemismo. Ela morava em uma mansão de quarteirões. O muro do afresco, uma muralha de parede sólida, comprida e alta.

Ele avaliou a "tela", calculou a quantidade de "tinta" para realizar o serviço. A anciã sempre atrás dele, observando-o,

mãos postas, como em uma prece. Ele havia levado um pulverizador de tinta. Voltou o rosto, encarou-a e perguntou uma vez mais: "O tratamento todo?", ao que ela respondeu: "Sim, até o final". "Então, o serviço será feito", assegurou-lhe. Dona Anália batia palminhas de um contentamento carnificínio, enquanto ele procurava um machado para apontar seu "lápiz", quem sabe, uma última vez.

ARTES

ENERGIA

*O Brasil cumpre
o seu destino.*



LOJAS AMERICANAS

CUPOM FISCAL

NO VALOR DA MERCADORIA VOCE ESTÁ PAGANDO 17% DE ICMS



ALGUNS
VALORES BURGUESES
FORAM PRESERVADOS.

HUMMUS

NEGROSOUSA







mulher fronteira, encruzilhada

Andressa Rodrigues



mulher fronteira,
encruzilhada



masculino. feminino.

isto ou aquilo



queria estar ali no âmago da essência

entre o meio do entremeio
no centro ou no nada



no desvio da existência apenas ser

substância



sem nome, sem categoria



**mulher fronteira
encruzilhada**

Uma ilustração

Elisa Teruko Shibuya



Do alimento quando saudade

Aldene Rocha





Uma caneca com café

Na página anterior: Pão francês

Esta série consiste em seis pinturas realizadas com tinta acrílica sobre papel, com dimensões de 29,7 cm x 42 cm cada.

As obras são parte de um projeto maior, que inclui 50 pinturas em saquinhos de doces de Cosme e Damião, retratando alimentos típicos da cesta básica brasileira e da culinária afro-brasileira. Inspiradas pelo conceito de "ebó", prática de oferenda nas religiões de matriz africana, as pinturas exploram o ato de alimentar como um gesto que vai além do sustento físico, nutrindo também a cultura e a espiritualidade.

A referência aos saquinhos de Cosme e Damião, e aos orixás Ibeji, evoca memórias de generosidade e afeto, representando um vínculo com a ancestralidade afro-brasileira e a sabedoria popular. Cada pintura sugere que o alimento é tanto físico quanto simbólico, funcionando como portadores de lembranças e de um vínculo espiritual com a ancestralidade, questionando o que devemos escolher para nutrir nossa vida, corpo e alma.



Lata de sardinha aberta



Prato com arroz e feijão



Lata de extrato de tomate Elefante



Saco de pipoca

Feminal

Rosa Ferreira



Feminal

Técnica mista sobre tecido:
óleo, acrílica, guache, caneta marcadora,
lápiz dermatográfico,
lápiz aquarela, lãs e linhas
61 cm x 76 cm
2023



A moça de turbante psicodélico

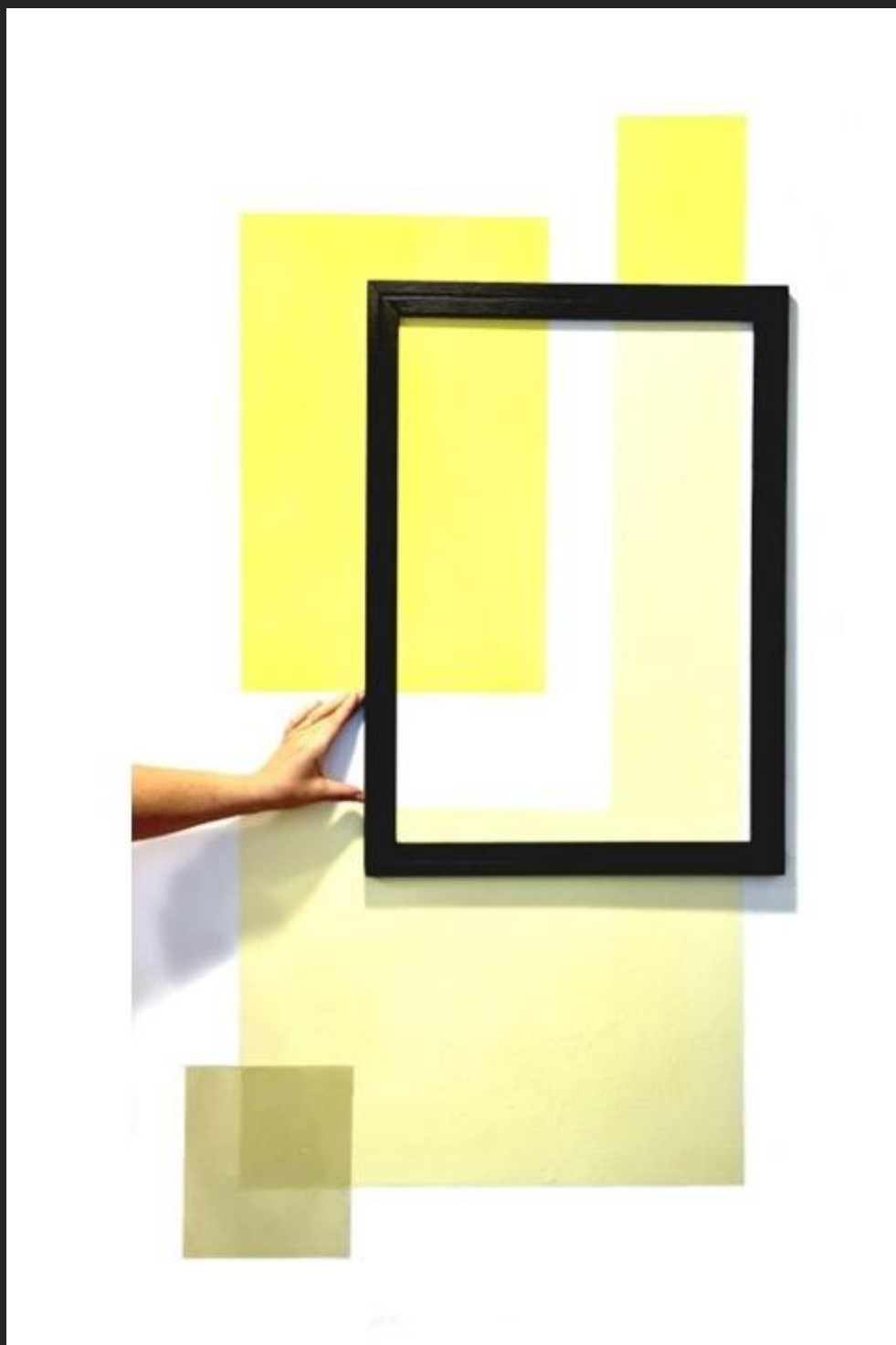
Técnica mista em tecido: acrílica, guache, xadrez, massa PVC, lápis grafite, lápis aquarelável, colagem de tecido, bordado, lãs e linhas.

85 cm x 114 cm

2023

Home

Krika Paskim



A parede é o suporte e as molduras são deslocadas de sua função e descolonizadas ao serem usadas como elementos formais descentralizadores.

A execução da obra é realizada na parede com tinta acrílica e pigmentos, e a moldura é fiada sobre ímã, criando, assim, novas abordagens.

Na página anterior:

Moldura Preta s/ pintura amarela

série *Deslocamentos*

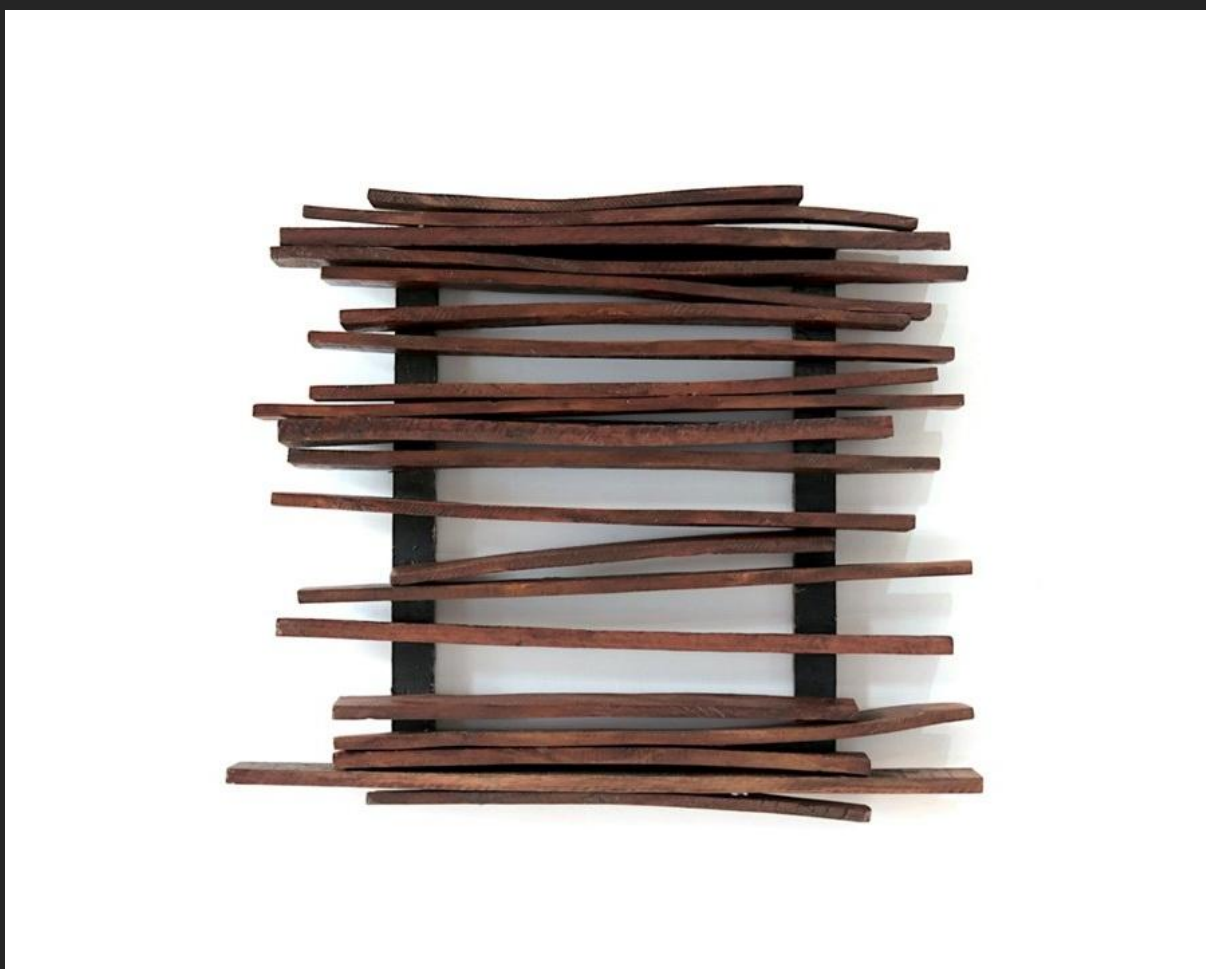
Tinta acrílica, pigmento, moldura e ímã

140 cm x 66 cm

2021



Se essa rua fosse minha I
Madeira de descarte
70 cm x 40 cm x 3 cm
2024



Se essa rua fosse minha II

Madeira de descarte

90 cm x 110 cm x 5 cm

2024



A outra I

Fibra de bananeira e madeira

20 cm x 78 cm x 3 cm

2024



A outra

Fibra de bananeira e madeira de descarte

59 cm x 44 cm x 3 cm

2024



Home II

Madeira, fibra e prego

10 cm x 15 cm

2024



Home III

Madeira e cobre

15 cm x 15 cm

2024



Home IV

Madeira, fibra e prego

15 cm x 15 cm

2024



Home VII

Madeira, fibra de bananeira e pregos

17 cm x 16 cm x 16 cm

2024

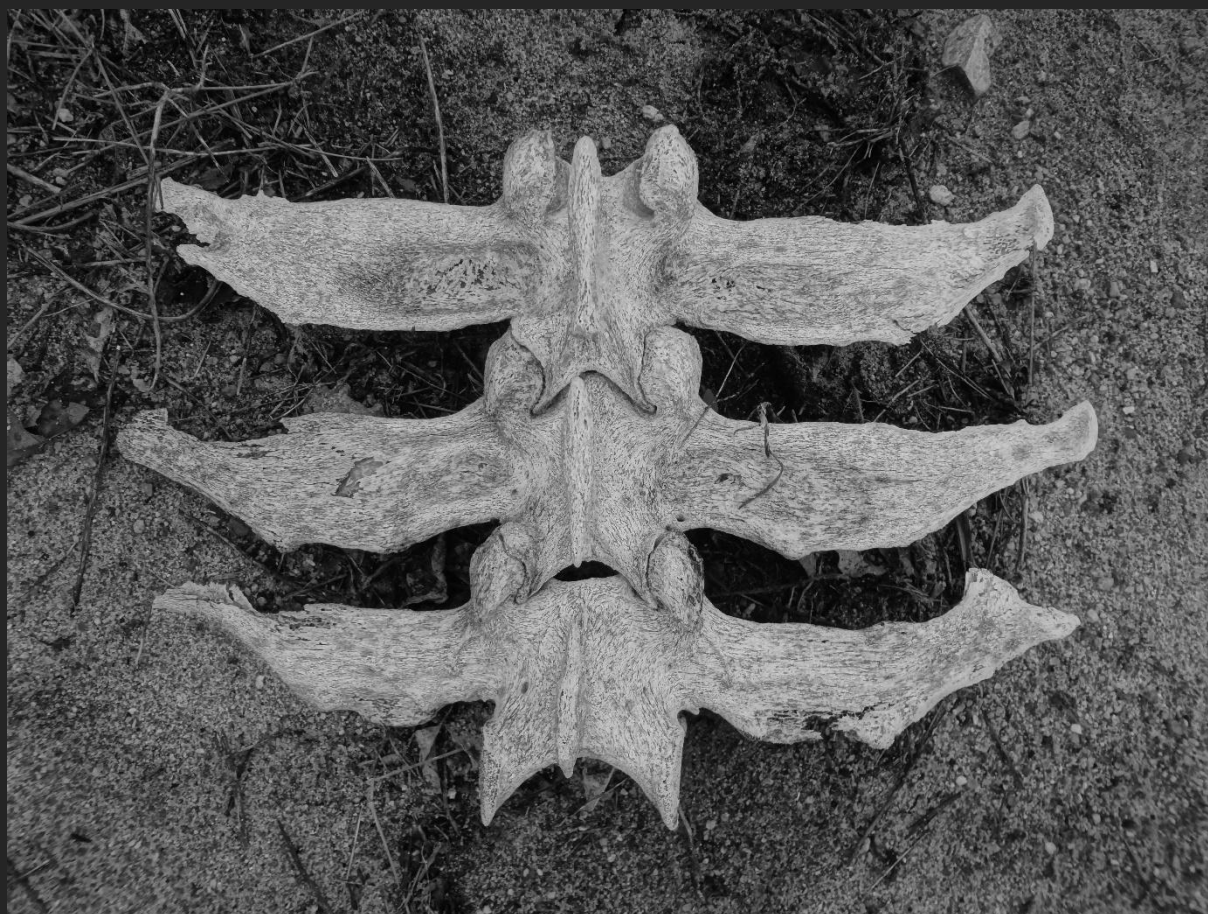
A seca, o assombro e a morte

Fernando José Cantele



Fantasma da seca

série Ossos em preto e branco:

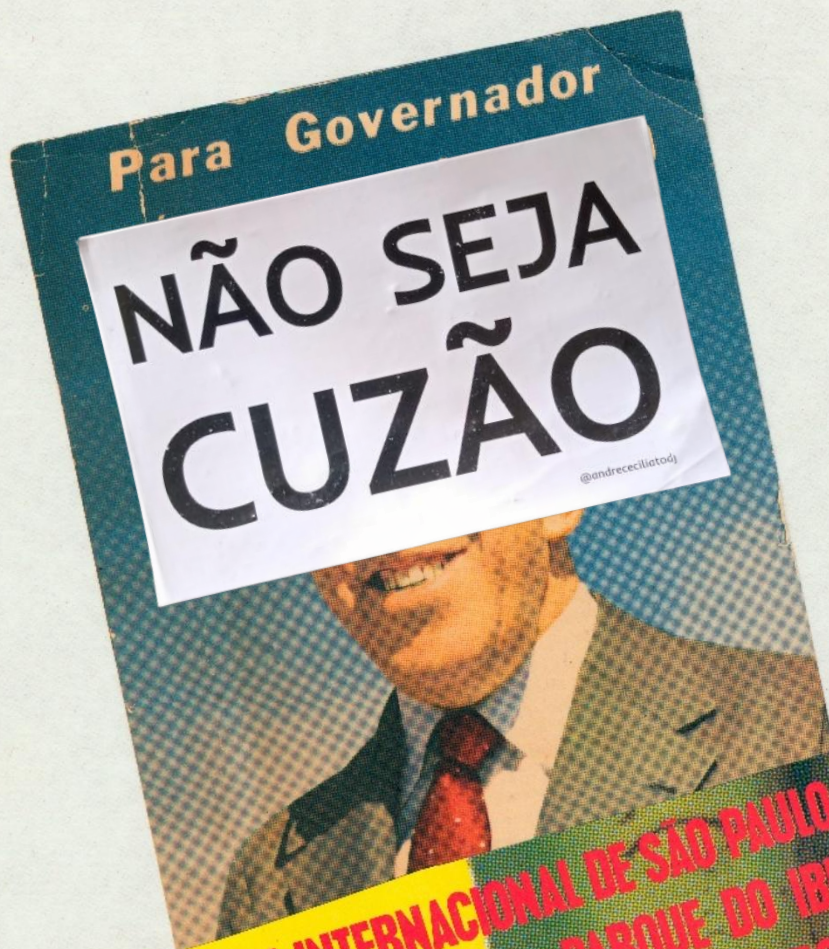








ENSAIO



20ª BIENAL INTERNACIONAL DE SÃO PAULO 14 DE OUTUBRO A 10
DE DEZEMBRO DE 1989 PARQUE DO IBIRAPUERA SÃO PAULO
BRASIL PATROCÍNIO BNC BANCO MERCANTIL DE CRÉDITO S.A.
APOIO CULTURAL MINISTÉRIO DAS RELAÇÕES EXTERIORES
PREFEITURA DO MUNICÍPIO DE SÃO PAULO.

GAROTO
DE
PROGRAMA
TEL: 996287546

Conversando com gente morta: sobre cadáveres e veados

Pedro Minet

Não se pode amar a morte se ela é imposta de fora [1]
Marguerite Duras

Convenci meu amigo Julio a assistir a uma de minhas séries favoritas, *Six Feet Under*, semana passada. Cinco temporadas do drama de uma família dona de funerária; toda semana uma morte diferente da última, variando em criatividade. Um menino brincando com a arma que encontra numa gaveta no quarto dos pais, acidentes em fábricas, autoasfixia erótica, picadas de abelha, uma beata atropelada depois de confundir as bonecas infláveis voando para fora de uma *sex shop* com o arrebatamento bíblico. Os preparativos para os velórios interceptam e espelham as reviravoltas íntimas dos personagens principais. Um assassinato por homofobia, na primeira temporada, por exemplo, é um ponto de virada para o conflito de David, o filho do meio, com a própria sexualidade. Assistindo, me pergunto como deve ser interpretar um dos cadáveres embalsamados e maquiados a cada capítulo. Será que são bonecos? Quais devem ser os requisitos no recrutamento de elenco, e como é o teste? É o mesmo questionamento que me faço toda vez que pego minha mãe assistindo a *Law and Order: SVU* [2] na sala ou cozinha. Ao contrário de *Six Feet Under*, na maioria das vezes as vítimas dos mais brutais estupros seguidos de execução nunca nem falam na série antes de serem descobertas com as calças arriadas em

alguma vala, mala de carro ou prédio incendiado. A transformação de cada abuso num roteiro formulaico de 40 minutos recitado com cristal japonês toda semana parece um segundo abuso, quase como uma adaptação ou paródia pornográfica do ato. Assistir a Jennette McCurdy [3], aos prantos, aos 13 anos, antes de *iCarly* e *I'm Glad My Mom Died*, descrevendo em detalhe onde e como foi tocada pelo técnico da escola é inquietante, agora que sabemos o que a própria mãe fazia com ela nos bastidores. Uma menina abusada interpretando uma vítima de abuso fictício baseada numa vítima de abuso real para encher os bolsos de sua abusadora. É tão literário. E os policiais e promotores da série sempre tão bondosos e bem-intencionados; nem sempre conseguem fazer justiça, mas tentam tanto, e sofrem com as vítimas. Dá para se divertir.

Interpretar um cadáver soa um pouco como doar o corpo à ciência, penso. Como ser *crisis actor* preenchendo espaço no fundo das fotos de algum massacre ou protesto histórico. Os supermodelos terroristas na cópia de *Glamorama*, de Bret Easton Ellis, na minha cabeceira. Lee Shang-Keng, na abertura de *O Rio*, de Tsai Ming Liang, sendo abordado por uma equipe cinematográfica para interpretar um defunto boiando na água e logo depois contraindo uma dor indistinguível, indecifrável na nuca que o seguirá até depois dos créditos finais. Todo personagem, ou melhor, toda representação, é um cadáver, será? Busco respostas em Kristeva ("O cadáver subverte a identidade como um acaso frágil e falacioso" [4]), Blanchot ("Tudo é falsado quando a morte entra em jogo" [5]), Baudrillard ("Você quer o poder pela imagem? Então vai perecer pelo retorno da imagem" [6]), Sarduy ("Todo corpo é um objeto parcial" [7]). Encontro um artigo sobre como meninas estão adotando cordeiros, cervos e outros animais-presas como avatares numa espécie de performance subversiva online: "é a

presa que compreende o mundo com mais precisão e profundidade [...] ela absorve o relevo do terreno, o movimento do ar, a sombra do predador, e a centelha de reconhecimento que trespassa o resto do rebanho para que possam superar o perigo em conjunto. Isto é, a presa intuitivamente capta o mundo como um sistema interligado e interdependente, que inclui seu universo e seu grupo — enquanto o predador permanece cego à verdadeira natureza da realidade devido ao seu foco mortal" [8]. Sempre achei tão curiosa e poética a associação do homossexual brasileiro com o veado.

Minha *timeline* do X é uma sequência alternada de pornografia necromântica: corpos mutilados achatados em algum lugar nos Balcãs, Oriente Médio ou na esquina de casa, seguidos da pica de algum homem mascarado empalando algum amigo antigo de escola que acabou de abrir um *OnlyFans* seguido de uma opinião sarcástica sobre outra opinião sarcástica sobre a polêmica da semana digitada como uma piada de *sitcom* dos anos 90 no *teleprompter* do auditório. Sons gravados de aplausos, vaias, gozos e choros, reagindo reciclados vez após vez. Passeando com amigos em São Paulo, cada um tem uma opinião diferente sobre os homens gays recentemente encontrados assassinados em portas de saunas e esquinas do Arouche. Carlos acha que é jogada perversa imobiliária, gentrificação; Felipe suspeita de um *serial killer*. Brincamos de investigar cruzando os bares da República. *Será que é ele? E aquele?* Franzinos demais para esse bar de ursos, devolvem nossos olhares com a mesma desconfiança. Damos adeus aos fantasmas, rumo a outro bairro. Um amigo de um amigo levou um tiro depois de marcar um encontro num aplicativo na noite do Dia dos Namorados. A notícia furou a bolha, saiu até na Folha. Movimentação intensa nas redes por uma semana, um ou outro deputado fazendo promessas, versos lançados ao vento sobre luto, comunidade, "Mas foi homofobia

mesmo? Pelo que li foi só mais um assalto", "Graças a Deus não faço essas coisas, só porque sou bicha não preciso me prestar a isso", depois nada. Mensagens todo dia naquela semana, de amigos próximos me mandando tomar cuidado. Todo mundo sabe do meu passado. Estou no ônibus na estrada voltando para o Rio com o celular na mão assistindo Lana Del Rey vestida de Elizabeth Short, a Dália Negra, no clipe de *Candy Necklace*. Quando o vídeo foi lançado, acusaram-na de romantizar o assassinato. Ela respondeu que, longe disso, era algo mais próximo de homenagem: se identificava com a finada [9]; poderia ter tido o mesmo fim, executada em algum teste de sofá ao invés de se tornar um ícone. Por que quem morre morre e quem mata mata e quem escapa escapa? Qualquer hipótese em resposta soa ridícula e insuficiente, narcisista ou melodramática, confrontada com a piada de mau gosto, insignificante que é essa violência espectral de ser brasileiro sendo viado na cidade.

Num bar de *cruising* do Centro, enquanto vultos cruzam corredores escuros, Pet Shop Boys, Soft Cell e Madonna e outros sucessos de balada gay do início dos anos 80 tocam em volume estrondoso. Como se a *playlist* tivesse ficado presa no passado, naqueles últimos minutos orgiásticos pouco antes da doença chegar. Na escuridão parece que eu e as demais sombras somos transportados de volta no tempo, interpretando nossos ancestrais. Possuídos por eles como espíritos desencarnados, repetindo os mesmos ritos *ad aeternum*, incapazes de ascender. Me pergunto se esse anacronismo musical carrega algum tipo de mágica mórbida, uma tentativa de reanimar um momento no tempo, seu *ethos*, ou de talvez congelá-lo. Descendo e subindo e tocando e trocando e surgindo e sumindo. É como estar no limbo. Um pouco mais divertido que aplicativos, certamente. "Será que o *Grindr* matou os poderes psíquicos gays?" [10], pergunta Thomas Moore, em seu livro

Alone. Qual a diferença entre um buraco e um abismo? Converso com meu amigo Henrique no telefone sobre tudo isso numa quinta-feira de madrugada. Ele diz que nós homens gays saímos do gueto mas ainda somos "marginais afetivos". Ano passado comeu mais de 120 homens, superou Sade. Não sabe bem explicar por quê. Durante duas semanas de outubro repetiu que ia marcar um psiquiatra: "Será que estou maníaco?". Desistiu. Testou positivo para herpes no início do ano, então entrou em celibato até testar negativo semana passada. Comemora agora o retorno à atividade. Não tenho certeza se gosto mais de sexo. Talvez tenha me esgotado, começado cedo demais. Quase todos os meus amigos já disseram "Não" alguma vez antes dos 21 e o outro cara decidiu não parar. Um dia desses no X, mulheres começaram a compartilhar seus piores encontros; em solidariedade tradicional, pouco a pouco, as bichas se juntaram. Mas seus "encontros" em boa parte não podiam bem ser considerados "encontros". Sexo furtivo em parques e estacionamentos e esquinas escuras e apartamentos fétidos com homens que tinham acabado de conhecer online. As reações chocadas de mulheres (e homens) hétero me lembraram de cada uma das melhores amigas que já tive na vida, incrédulas sobre como eu ainda estava vivo. Como as normas sobre respeito próprio e autocuidado que as encorajavam a seguir, à risca feminista, não pareciam nunca se aplicar a mim. Eu também não sabia. Por que depois de ser imobilizado na cama e impedido de me desvencilhar, espancado, trancado, ameaçado, transportado de carro para algum bosque escuro no meio do nada, ou simplesmente tratado, cordialmente, como se minha existência ou constituição física nada importasse, eu continuara voltando atrás? Por que estamos sempre defendendo nosso direito de nos arriscar? Uma vez disse a uma amiga que, por mais absurda, impronunciável que a ideia possa parecer, estupro não foi nem de longe a pior coisa que sinto que já me aconteceu. Algumas

outras violências, muitas talvez menos obviamente íntimas ou propriamente "violentas", contundiram infinitamente mais minha noção de segurança, soberania, espírito. Lembro de Mary Gaitskill falando algo parecido: "o estupro me afetou menos que muitas outras instâncias de brutalidade emocional que sofrera ou presenciara na vida [...] o estupro era, para mim, um ato claramente definido" [11]. E de Despentès: "o estupro fabrica as melhores putas" [12]. Não consigo lembrar de algum homem gay que já tenha escrito sobre isso.

Mas lembro de algumas coisas que Christian Maurel disse nos anos 70, em *Les culs énergumènes*: "É como se o desejo homossexual só pudesse ser inscrito onde foi inscrito pela repressão" [13]; "Quero expulsar com um chicote os viados de seus banheiros, puxá-los dessa cela onde só podem se deleitar na escuridão" [14]. Mais fácil escrito que feito. Não quero ser prisioneiro nem carcereiro. Nem todo menino morto é um herói de conto de fadas. Qual é a lição de moral em cada tiro disparado e lençol manchado? Sou só um escritor; prefiro falar de cadáveres.

Todos os livros foram escritos por gente morta. [15]

KATHY ACKER

Sonho que estou costurando asas nos tênis e voando do Rio a São Paulo. Aterrisso no Parque Augusta, onde espero, contra uma árvore, como um michê no ponto, meu amigo parceiro detetive, que amo muito mais do que espero que ele saiba. Tenho medo que não vá mais me querer tocar se confessar, então escondo até que passe. Penso em toda uma tradição de histórias sobre amor não correspondido entre rapazes como nós dois, de Genet a Rechy a Indiana, Phoenix e Endô e Maritaud [16]. Por que a dinâmica sempre se repete, e qual o mito que a originou? A mitologia grega é repleta de

mulheres amando heróis que têm de deixá-las, deuses raptando meninos bonitos, Aquiles, Pátroclo, mas nada se encaixa. Avanço alguns séculos, para a pequena sereia que Andersen sacrificou quando descobriu que o amado ia casar [17]. Decido perguntar o que ele acha quando chegar. Uma vez me disse que expor a própria intimidade em certo nível é mercantilizá-la. Espero que me perdoe quando ler esse ensaio. De qualquer forma, não aparece. Parto. Ninguém na Liberdade, Santa Ifigênia, Vale, Paulista. Flutuo pela República até pousar na cena dos crimes, no Largo, em frente à Chilli Pepper. Quando mais novo, passava noites em claro aqui bebendo com meu namorado da época e seus amigos, entre programas e corres, contando histórias e interpretando, como trovadores, músicas de Britney, Ariana Grande e Kylie Minogue. Um homem ou outro sai, guarda o celular, entra num carro. Detrás de uma árvore, um rapaz de no máximo 22 anos, cabelos molhados, pele manchada, camisa preta larga amarrotada, acena. Devolvo o cumprimento, e aos poucos ele se aproxima. Quanto mais perto, mais pálido. A lógica do sonho me comunica, sem sombra de dúvida, que ou é um vampiro ou um fantasma. Penso no meu episódio favorito de *Buffy the Vampire Slayer: Conversations with Dead People*, em que a protagonista reencontra um antigo colega de escola, agora morto-vivo, no cemitério, e ao invés de eliminá-lo imediatamente, senta-se com ele para conversar. Discutem sobre espiritualidade e ética; Buffy começa a se abrir sobre seus problemas afetivos. "Com o último cara, me comportei como um monstro. E ao mesmo tempo, deixei que ele me dominasse, fizesse... coisas comigo." Cai em choro antes de poder entrar em detalhes, se desculpa pela exposição desnecessária. O vampiro usa essa brecha para atacá-la. Ela consegue revidar, enfia uma estaca em seu coração, e a própria vulnerabilidade, tão raramente exposta, evapora com ele. Enxuga o rosto, e retoma, estoica, os afazeres de justiceira. Mas o menino na minha frente, que reconheço mas não me remete

a nada ou a ninguém específico, não fala. Aponta para uma poça na calçada, cercando o duto do esgoto, como Tazio apontando para o céu na praia [18], e sou acordado por sons de notificação no celular. Homens sem rosto querem me encontrar.

Claramente, o amor e a morte estão banidos do discurso político da burguesia, assim como do discurso dos preceptores da revolução sexual. Para a burguesia e para o Partido Comunista, o sexo é família e a família deve ser amor. Parece claro o bastante. Para os movimentos sexuais autônomos que se autodenominam revolucionários, e particularmente para os homossexuais, sexo é desejo e desejo é política. Mas o amor, isto é, o desejo de desejar, foi exilado, como se nada mais fosse do que uma superestrutura erguida como um trompe-l'oeil na estrutura do desejo. Quanto à morte, nem os burgueses nem os revolucionários jamais a mencionam. [...] Estamos tocando aqui em território tão fortemente irrigado de magia que o mecanismo de pensamento de todas as classes sociais já passou a recorrer a truques mágicos para retorná-lo ao seu próprio domínio lógico. [19]

CHRISTIAN MAUREL

NOTAS

[1] Marguerite Duras, *La maladie de la mort*. Paris: Les Éditions de Minuit, 1982, p. 48.

[2] *Law and Order: Special Victims Unit* (1999-) é um seriado de televisão estadunidense do gênero policial/procedural, documentando de forma ficcionalizada casos investigados pela Unidade de

Vítimas Especiais de Manhattan, responsável por crimes de natureza sexual e/ou envolvendo crianças.

[3] Ex-atriz mirim conhecida principalmente por interpretar Sam Puckett nos *sitcoms* infantis da Nickelodeon *iCarly* e *Sam & Cat*. Recentemente, publicou um livro de memórias, *I'm Glad My Mom Died* (lançado no Brasil em nov./2022 pela editora nVersos como *Estou feliz que minha mãe morreu*), detalhando os bastidores da carreira, especialmente o abuso sofrido pela mãe falecida, que tentava obsessivamente viver os sonhos frustrados de fama através da filha.

[4] "O cadáver (de *cadere*, cair), aquilo que irremediavelmente tombou, cloaca e morte, subverte ainda mais violentamente a identidade de quem o encara como um acaso frágil e falacioso [...] nada permanece em mim e meu corpo inteiro *cai* sobre seu limite — *cadere*, *cadáver*. Se o esterco significa o outro lado do limite, onde não estou e que me permite ser, o cadáver, o mais repugnante dos dejetos, é o limite que tudo invadiu. Não sou mais eu quem expele, "eu" é expelido. O limite se torna objeto. Como posso ser sem limite?", Julia Kristeva, *Pouvoirs de l'horreur: essai sur l'abjection*. Paris: Éditions du Seuil, 1980, p. 11.

[5] Maurice Blanchot, *Le pas au-delà*. Paris: Éditions Gallimard, 1973, p. 143.

[6] Jean Baudrillard, "Pornographie de la guerre", *Libération*, maio/2004. Disponível [aqui](#).

[7] Severo Sarduy, *La simulación*. Caracas: Monte Avila Editores, 1982, p. 58

[8] Alex Quicho, "Prey Mode: why girls are pretending to be cute animals online", *Dazed Magazine*, nov./23. Disponível [aqui](#).

[9] "Não é insensível quando você começou da mesma forma e poderia ter terminado daquele jeito, não foi assim que a história acabou sendo e ninguém sabe como será". Disponível [aqui](#).

[10] Thomas Moore, *Alone*. Austin: Amphetamine Sulfate, 2020, p. 73.

[11] "O terror foi agudo, mas, depois que acabou, na verdade me afetou menos do que muitos outros casos mundanos de brutalidade emocional que sofri ou presenciara outras pessoas sofrerem na vida. Francamente, fiquei mais marcada por experiências que tive no parquinho no ensino fundamental. Sei que pode parecer bizarro, mas o estupro era, para mim, um ato claramente definido, perpetrado por um escroto maluco que eu não conhecia nem confiava; não tinha nada a ver comigo ou com quem eu era e, portanto, quando acabou, foi relativamente fácil de descartar. A crueldade emocional é mais complicada. Seus motivos são muitas vezes impossíveis de entender, e às vezes é cometida por quem diz que gosta de você ou até te ama. Quase sempre é difícil saber se você desempenhou um papel no que aconteceu e, caso tenha, que papel foi esse. A experiência fica contigo. Na altura da vida em que fui violentada, já tinha visto crueldade emocional suficiente para sentir que a violência, embora grave, não era tão terrível que não pudesse me curar com rapidez. De novo, minha reação pode parecer estranha, mas o que quero dizer é que a dor pode ser uma experiência que desafia a codificação." Mary Gaitskill, *Somebody with a little hammer: essays*. Nova York: Pantheon Books, 2017, p. 19.

[12] "Depois do estupro, a única atitude tolerada consiste em dirigir a violência contra si mesma [...] Na França, não matamos as mulheres que passaram por isso. Mas esperamos que elas tenham a decência de se identificar como produtos estragados, poluídos. Putas ou feias, que saiam espontaneamente da gaiola das boas moças esposáveis. Porque o estupro fabrica as melhores putas. Uma vez abertas à força, muitas vezes elas guardam à flor da pele uma espécie de desonra que os homens adoram." Virginie Despentes, *Teoria King Kong*. Trad. Márcia Bechara. São Paulo: n-1 edições, 2016, p. 40-41.

[13] Christian Maurel (erroneamente atribuído a Guy Hocquenghem nessa primeira edição), *The screwball asses (Les culs énergumènes)*. Trad. Noura Wedell. Nova York: Semiotext(e), 2009, p. 4.

[14] *Ibid.*

[15] Kathy Acker, *Blood and guts in High School*. Nova York: Grove Atlantic, 2017, p. 164.

[16] Refiro-me aqui a uma série de obras que descrevem dinâmicas de amor não-correspondido entre homens-que-fazem-sexo-pago-com-homens. Em todos os casos, os dois são amigos próximos, parceiros no ofício, mas um deles desenvolve sentimentos que o outro não consegue ou escolhe não corresponder. Em ordem: os livros *Nossa Senhora das Flores*, de Jean Genet; *City of night*, de John Rechy; e *Rent boy*, de Gary Indiana; e os filmes *My Own Private Idaho*, *A Touch of Fever* e *Savage*, estrelados, respectivamente, por River Phoenix, Masashi Endō e Félix Maritaud.

[17] Uma teoria popular sobre o conto de fadas "A Pequena Sereia" é que foi escrito por Hans Christian Andersen como uma espécie de declaração de amor para seu amigo Edvard Collin, que acabara de noivar. Rictor Norton foi o pioneiro dessa interpretação em seu *My dear boy: gay love letters through the centuries* (Leyland Publications, 1998).

[18] Referência à cena final da adaptação cinematográfica de Luchino Visconti de *Morte em Veneza* de Thomas Mann, em que a silhueta do menino Tadzio (Björn Andrésen) aponta para o céu do mar, enquanto Aschenbach (Dirk Bogarde), morrendo, o observa da areia da praia.

[19] Christian Maurel, *op. cit.*, p. 28

Des-nomear, Desobedecer, Desfuncionalizar [1]: a odisseia de se permitir autora e se reconhecer artista

Anna Luiza Guimarães

Um lugar para respirar

*Não cortaremos os pulsos, ao contrário,
costuraremos com linha dupla todas as feridas abertas*
Lygia Fagundes Telles

Tinha acabado de dar um tempo na carreira de jornalista, em ascensão, para acompanhar o meu marido em uma transferência no trabalho. Saímos do Rio de Janeiro, onde nasci e cresci, e nos mudamos para São Paulo, cidade onde eu só tinha algumas relações profissionais. Era mãe de duas crianças, sendo minha segunda filha uma bebê de apenas seis meses, em uma cidade nova, sem qualquer rede de apoio. Muita solidão. No princípio, me pareceu uma boa ideia, e até um privilégio, dar um tempo do trabalho para cuidar da pequena e repensar os caminhos profissionais. Mas bastaram algumas semanas para eu perceber o tamanho do equívoco. Com os anos, virou arrependimento mesmo. Eu não imaginava que aquela escolha, a princípio temporária, me marcaria para sempre.

O ano era 2015, eu resolvi procurar a editora de uma revista para a qual eu escrevia em São Paulo e marcar um café.

Ela me convidou, então, para conhecer um curso de especialização que estava coordenando e eu fui. Lá eu fiquei por dois anos e meio até me formar especialista em literatura para a infância. Neste curso, onde cheguei procurando um lugar para respirar em meio a uma vida de tarefas domésticas infinitas, encontrei 16 mulheres. Todas, de alguma forma, também procurando um lugar para respirar. Entre elas, estava Liliana Pardini.

Lili era advogada e professora de yoga, vivendo um momento difícil profissionalmente, cuidando de dois filhos, como eu, e procurando um lugar onde pudesse fazer o que mais amava: escrever. Ela não sabia, ainda, mas a escrita a levaria por caminhos surpreendentes e revelaria que, como autora, ela também era artista. Hoje, quase 10 anos depois, Lili é autora de mais de 35 "livros de artista". Entre essas obras, têm destaque *A odisseia de Helena* (2019), *Ariadne* (2020) e *Medusa* (2022). Neste ensaio vamos olhar para o primeiro, exibido na exposição "Livros Multiformes", da Biblioteca Central Cesar Lattes Unicamp (2022).

A odisseia de Helena nasce de um desconforto da autora-artista ao participar de uma leitura coletiva da *Odisseia*, de Homero, liderada pelo especialista Fábio Malavoglia. Segundo Lili [2], o livro e todas as aventuras de Ulisses eram incríveis, mas incomodava muito ver a personagem de Penélope, que ficava sentada tecendo e destecendo, esperando aquele homem voltar. Ela decidiu, então, criar uma outra odisseia, cheia de referências à de Homero, mas com suas próprias tramas, protagonizada por uma mulher. A escolhida foi Helena, a deusa grega que já demonstrava alguma rebeldia.



Fig. 1. O livro *A odisseia de Helena*, de Lilianna Pardini.

Mas a narrativa escrita ganhou um suporte que lembra Penélope: Lili passou seis meses sentada bordando o livro original em um tecido de 2,80 metros. Depois, ele foi digitalizado e impresso em tecido para dar origem a uma tiragem independente de 50 exemplares.

É olhando para o 18º exemplar, aqui esticado na minha frente, que escrevo. Leio e escrevo. Escrevo e leio. Porque quando Helena chegou em casa, depois de sua odisseia, "começou a escrever. Queria contar sua história para marcar na memória", e aqui eu quero contar a história desta artista, para que vire memória e registro de um trabalho único e emancipador.

Como escrevemos?

Lili me confidenciou ter se decepcionado durante a palestra de um autor internacional pelo qual ela tinha grande admiração. Em sua fala, ele teria dito que para escrever se trancava em um escritório, longe de casa, por dias, sem acesso a telefone, nem nenhum outro meio de comunicação. O autor em questão, na época, era casado, pai de três filhos pequenos. "Como assim ele fica dias sem comunicação com três crianças em casa? E se acontece alguma emergência? Quando a gente teria coragem de passar dias em um lugar sem qualquer comunicação?", se indagou Lili, em estado de indignação. Achou-o hipócrita e machista, ao contrário do que a sua escrita sensível lhe transparecia.

Virginia Woolf nos alerta sobre a necessidade de ter um teto todo nosso para escrever. E lembra que Jane Austen escreveu *Orgulho e Preconceito* na sala de casa, com direito a todos os tipos de interrupções. A cada visita, ela escondia seus manuscritos para não descobrirem que ela estava deixando os seus "deveres principais" para se tornar escritora. Jane Austen morreu em 1817, mas até hoje, em muitos contextos, existe esse sentimento de culpa e inadequação da mulher que escreve.

Em 1975, Hélène Cixous fez uma convocação que permanece atual: "É preciso que a mulher se escreva: que a mulher escreva sobre a mulher; e que faça as mulheres virem à escrita, da qual elas foram afastadas tão violentamente quanto o foram de seus corpos" (Cixous, 2022, p. 41).

A autora de *A odisseia de Helena* escreveu. E o desejo da escrita foi tão forte, que precisou de mais do que a palavra no caderno. Mais do que o papel, do que a tinta. Ela pegou agulhas e linhas e bordou as palavras no pano. Desenhou palavras, teceu, usou todo o corpo ao bordar longos panos, por longos períodos. Em comum com Penélope, que tecia enquanto Ulisses vivia suas aventuras. Mas Lili tecia enquanto inscrevia linha por

linha uma aventura para Helena. Encontrou uma forma de escrever que não parecia a escrita comum. Criou livros que não pareciam livros. Transbordou e borrou a forma. Quando se viu autora, se permitiu artista. Ao seu transbordamento, dá-se o nome de "livro de artista".



Fig. 2. Liliana Pardini bordando o livro *A odisseia de Helena*.

Definir o que é um livro de artista, segundo a artista Edith Derdyk, talvez vá contra a sua própria natureza, que é a de ser um "livro livre, antes e depois de tudo" (Derdyk, 2013, p. 11). Mas na tentativa de criar uma estabilidade para esse objeto transitório, o crítico e teórico inglês Clive Phillpot, afirma que "livro de artista" é um objeto de arte que alude à forma de um livro (Phillpot *apud* Derdyk, 2023, p. 166). Edith afirma que são narrativas que não precisam contar histórias, que são narrativas incontáveis, que promovem experiências de espaço

e de tempo por meio de entrelaçamentos inusitados entre palavra e imagem (Derdyk, 2013, p. 15).

O transbordamento de Lili e de sua escrita encontrou abrigo em um corpo-livro. Um convite a ler, mas também a tocar, a sentir, a observar de forma inteira. Clarice Lispector diz que deseja pegar com a mão a palavra. Acho que Lili transforma as palavras em algo tátil, quase objeto. "Não se compreende música. Ouve-se. Ouve-me então com seu corpo inteiro" (Lispector, 2020, p. 3).

Cixous afirma que é escrevendo que retornamos ao nosso corpo, confiscado, transformado em um estranho, um inimigo.

Escrevendo-se, a mulher retornará a esse corpo seu, que fizeram mais do que confiscar, transformando-o num estranho do qual temos medo ao atravessar a rua — o doente ou o morto —, e que tantas vezes torna-se mau companheiro, causa a origem das inibições. Ao censurar o corpo, censura-se de um golpe só, o sopro, a palavra (Cixous, 2022, p. 51).

A mulher, o corpo e a escrita andam juntos. Lilitiana assume isso, literalmente, em suas obras. Através de Helena ela reescreve um corpo literário de mulher, que se movimenta, se aventura, enfrenta, confia, enquanto cria para o seu corpo a possibilidade de um tempo de criação, de costura, de tecer a sua história, a história de Helena, mas também a história de todas nós, que vivemos muitas aventuras, enfrentamos muitos monstros e precisamos fazer escolhas difíceis para conseguir sentar e escrever.

Foram seis meses cultivando esse tempo, que diferentemente de Penélope, não espera por nenhum homem. Lili tece o seu desejo de escrita e o tempo que a sua escrita e a sua arte pedem.

Na realidade, ela materializa de modo carnal o que pensa, ela significa o que pensa com seu corpo. De certa maneira, ela inscreve o que ela diz, porque não nega à pulsão sua parte indisciplinada e apaixonada pela palavra (Cixous, 2022, p. 55).



Fig. 3. Lili Pardini desfia um por um os 50 exemplares de *A odisseia de Helena*.

Para o que chamam de "livro de artista", vi a artista brasileira, residente em Portugal, Priscila Ballarin, dar outro nome: "livros desobedientes". Segundo ela, o termo deu nome a uma exposição realizada em Portugal em 2022, na Casa Cultural Brotéria [3], com livros de artistas da coleção de Alberto Manguel. Gosto desse nome: livros desobedientes. Me lembra a desobediência que Lana Villela coloca como título do seu livro e que, segundo ela, corresponde "o que no futuro chamaremos de

lucidez" (Villela, 2024, s/p). A desobediência feminina, que vem abrindo tantos caminhos ao longo da história, que se mostra necessária, sendo uma forma para livros que não se encaixam. Afinal, é isso que sentimos como mulher. Ou não é? Um desencaixe dos lugares que nos oferecem.

Um livro em que Helena se aventura em um balão, e começa a sua aventura enfiando um galho pontudo no olho de um gigante, recusando o papel da personagem que tradicionalmente se move em prol do desejo masculino, já é por si só bastante desobediente em sua narrativa. Mas neste caso, a desobediência se expande para a forma, que a princípio, sendo livro de artista, não poderia ser reproduzida. Estaria fadada a morar em um museu ou galeria de arte, como única forma de apreciação. Mas até na regra da circulação, a obra de Lili desobedeceu. E se reproduziu. Foram feitos e vendidos 50 exemplares de *A Odisseia de Helena*.

Como publicamos?

A pesquisa mais recente "Retratos da Leitura" [4] mostra que as mulheres são a maioria dos leitores do país, porém continuam em minoria quando se trata de publicação. Isso vem mudando, a lentos passos, e neste cenário vemos muitas mulheres partindo para publicações independentes, onde a distribuição é sempre de menor alcance.

Em muitos casos, a publicação independente das mulheres acontece por não encontrarem onde encaixar suas obras "fora do padrão" do grande mercado, seja pelo conteúdo, seja pela forma, como o caso aqui analisado. Há editoras independentes que se especializam na publicação da escrita feminina, da escrita feminina lésbica, da escrita feminina negra e tantas outras formas de expressão de grupos de mulheres que cansaram de receber "não" do grande mercado editorial, ou

simplesmente por decidirem publicar com liberdade, sem qualquer tipo de adequação ou censura aos seus escritos. Hélène Cixous nos provoca sobre essa forma "desconhecida" que é a mulher na literatura.

Mas, enfim, quem é você? Se você não é jamais a mesma, como você quer ser reconhecida? Aliás, qual é o seu nome principal? O público quer saber o que compra. O desconhecido não se vende. Nossos clientes exigem simplicidade (Cixous, 2024, p. 48).

Esse "desconhecido" ou "desobediente", que desloca o leitor e obriga a desviar os pensamentos já tão acostumados com o lugar em que a mulher foi colocada na sociedade, causa mais repulsa do que desejo? Além de toda a disparidade histórica nas oportunidades de homens e mulheres, que demoraram para alcançar os espaços de estudo e de produção de pensamento, há essa negação pela forma e conteúdo sobre o que a mulher escreve? Há um medo do que ela faz tremer quando escreve?

Essa resistência é nítida quando percebemos que apesar das condições quase sempre desfavoráveis, as mulheres escreveram (e escrevem) como deu (e como dá) ao longo da história. Seja em seus diários, em seus cadernos ou em listas de compras. A escrita das margens, que Ana Kiffer destaca em seus estudos sobre os rascunhos como obra. Mas isso não era, e talvez ainda não seja, "escrever" aos olhos dos escritores?

A máscara que cai com os cadernos é justamente aquela que mostra o desmonte da relação entre singularidade e excepcionalidade, aquela que vai reivindicar para si a precariedade dos processos subjetivos que envolvem a criação, logo, a preca-

riedade (bastante distante da genialidade) que percorre todos os processos de criação, seus constrangimentos no sentido mais físico e violento do termo, a desmitificação da figura do escritor e do artista (Kiffer, 2018, p. 105).

Podemos passar uma vida inteira escrevendo em nossos cadernos, sem sermos escritoras aos olhos do mundo. Penso que quando uma mulher publica seus escritos, ela treme mais do que as formas de escrita ou os gêneros literários: treme também a profissão. Afinal, o que é ser uma escritora? É publicar? Afinal, o que é um livro? É uma narrativa em páginas numeradas e sequenciais? Se formos por essas definições, não poderíamos dizer que quem fez *A Odisseia de Helena* é uma escritora. Ela não foi publicada por uma editora, se auto-publicou, e também não é uma narrativa em páginas numeradas e sequenciais. É uma história que se desenrola bem na sua frente, exigindo um movimento de corpo para sua leitura. Dificilmente, você a lerá sentada em sua poltrona.

Sei que são primárias as minhas frases, escrevo com amor demais por elas e esse amor supre as faltas, mas amor demais prejudica os trabalhos. Este não é um livro porque não é assim que se escreve. O que escrevo é só clímax? Meus dias são um só clímax: vivo à beira (Lispector, 2020, p. 4).

Por isso, gosto da ideia de Cixous quando nos provoca a nos "des-nomear" por um minuto.

Escrevo-mãe. Qual a ligação entre mãe, mulher, filha? Escrevo-mulher. Qual a diferença? Eis o que meu corpo me ensina: primeiro, desconfia dos nomes: eles não passam de ferramentas sociais, de

conceitos rígidos, pequenas gaiolas que montamos (Cixous, 2024, p. 67).

Uma proposta ousada, porém digna. No lugar de procurar os nomes para o que fazemos, o que somos, devemos criar novos. Tirar a roupa e fazer uma nova do zero. Ficar nua, observar e sentir o que nos veste bem. Como desobedientes que somos, criamos novas formas e espaços de publicar, mais do que escritoras, nos intitulamos artistas, em um mercado independente que surpreende, circula e, claramente, inspira os já cheios de nomes.

A autora-artista Liliana Pardini se intitula "fazedora de livros". Em sua pequena tiragem, *A odisseia de Helena* teve cada exemplar, um a um, desfiado em suas bordas pela autora e bordado em alguns detalhes, em especial a assinatura. "Saber que a morte pode chegar a qualquer momento e, ainda assim, fazer algo que demora" (Pardini, 2022, p. 7). Assim Lili resume o seu "fazer livros". Não lhe basta desobedecer as formas de escrita, as formas de livro, as formas de publicar, ela também questiona o tempo de criar. Apesar da urgência do mundo, ela cria seu próprio tempo. E ela demora.

Até onde a escrita nos leva?

A escrita levou Helena a entrar em um balão e viajar. Viu o mundo de cima, do alto de uma árvore avistou um gigante, que quis saber seu nome. "Para você me chamo ninguém!".

Mas para onde a escrita desta Odisseia levou Lili? E para onde esta escrita levou suas leitoras? A escrita é uma teia que vai emaranhando cada um que passa por ela. Um fio embolado, que tentamos desembolar com nossas interpretações e explicações.

Por que escrevemos? Escrevemos para chegar a algum lugar ou para sair de algum lugar? Escrevemos para ser lidas ou para nos lermos a nós mesmas? Escrevemos para sermos conhecidas ou para nos conhecermos?

Se você escreve, mulher, você sabe como eu: você escreve para dar corpo aos seus Livros do Futuro, porque o Amor te dita novas gêneses. Não para cobrir teus abismos, mas para te amar até o fundo dos teus abismos. Para conhecer, não para evitar. Não para superar; para explorar, mergulhar, visitar. Lá onde você escreve, isso cresce, seu corpo se desdobra, sua pele conta suas lendas até então mudas (Cixous, 2024, p. 59).

Quebrar conceitos sistematizados é urgente para a nossa restauração. Derdyk nos convida a desfuncionalizar (2024, p. 29) para recuperar a nossa arte. A escrita nos permite regenerar as coisas. Des-nomear, desobedecer e desfuncionalizar: essa seria a odisseia da mulher que escreve?

Nas aventuras de Helena, pela imaginação de Lili, ela pode voar, dizer não, ter raiva, e ao chegar em casa, escrever. Na aventura de Lili, ela pôde dar vida a uma Helena dona de si, pôde trazer para essa narrativa os elementos do zodíaco que lhe interessam, os bordados de desenhos gregos cheios de significados que ela tanto admira. Pôde dizer que aquele tempo de escrever, bordar, tecer e desfilar eram importantes. Exaltou o gesto, o corpo, a linha. A linha da costura, do bordado, que sempre foi entregue às mulheres com facilidade, para que fossem colocados os botões, os brasões, nas camisas sociais de homens prontos para viver suas odisseias. Dessa vez, a linha se alinhavou ao pensamento, ao desejo, e costurou uma nova mulher: seja Helena, seja Lili, sejam todas nós que desenrolamos e lemos essa história.

A escrita de Lili e seus livros que moram no lugar entre a literatura e a arte (Derdyk, 2024) a leva para muitos lugares impensados antes que ela começasse a escrever. Em 2023, ela criou a M.A.L.A. (Morada Andarilha dos Livros de Artista) [5]. Por um ano, ela faz mentoria para outras fazedoras de livros do Brasil em um grupo de criação. Suas obras-livros nascem e viajam em uma mala para uma exposição em algum lugar do mundo. A primeira parada da M.A.L.A. foi o México, em outubro de 2024. Em 2025, a M.A.L.A. chegará em Paris.

NOTAS

[1] Des-nomear (Hélène Cixous); Desobedecer (Iana Villela); Desfuncionalizar (Edith Derdyk).

[2] Em conversa feita por *Zoom* em outubro de 2024.

[3] Brotéria. Exposição "Livros desobedientes" (*Unruly books*). Disponível [aqui](#).

[4] Pesquisa "Retratos da Leitura". Disponível [aqui](#).

[5] Morada Andarilha dos Livros de Artista | Residência Artística

Referências

BALLARIN, Priscilla Marques. *O que pode ser um livro? Explorações das materialidades do livro no contexto de uma biblioteca experimental móvel*. Lisboa (PT): Universidade de Lisboa, 2023. Disponível [aqui](#).

CIXOUS, Hélène. *O Riso da Medusa*. Tradução de Natália Guerellus e Raísa França Bastos. Rio de Janeiro: Bazar do tempo, 2022.

CIXOUS, Hélène. *A chegada da escrita*. Tradução e notas de Flávia Trocoli. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2024.

DERDYK, Edith. *Entre ser um e ser mil: o objeto livro e suas poéticas*. São Paulo: Editora Senac, 2013.

DERDYK, Edith. A narrativa nos livros de artista: por uma partitura coreográfica nas páginas de um livro. *In: PÓS: Revista do Programa de Pós-graduação em Artes da EBA/UFMG*, Belo Horizonte, p. 164–173, 2023. Disponível [aqui](#).

DERDYK, Edith. *O corpo da linha: notações sobre o desenho*. Belo Horizonte: Relicário, 2024.

KIFFER, Ana. O rascunho é a obra: o caso dos cadernos. *In: Estudos de literatura brasileira contemporânea*, n. 55, p. 95-118, set./dez. 2018. Disponível [aqui](#).

LISPECTOR, Clarice. *Água viva*. Rio de Janeiro: Editora Rocco, 2020.

PARDINI, Liliana. *Pode a escrita ser um exercício espiritual? O mistério da palma da minha mão*. São Paulo: Trabalho de Conclusão de Curso de pós-graduação *lato sensu* Gestos da escrita, 2022. Disponível [aqui](#).

VILELLA, Iana. *Desobediência: ou o que no futuro chamaremos de lucidez*. Rio de Janeiro: HarperCollins Brasil, 2024.

WOOLF, Virginia. *Um teto todo seu*. Tradução de Bia Nunes de Sousa, Glauco Mattoso. São Paulo: Tordesilhas, 2014.

YOUTUBE. *A odisseia de Helena – Liliana Pardini*. Canal de Anna Luiza Lima Guimarães / @annalu.jornalista). Disponível para assistir [aqui](#).

Todas as fotos são de arquivo pessoal da artista Liliana Pardini, cedidas para este trabalho.

POESIA

PONTO DE TAXI

PRÓXIMO AO CARREFOUR
Atendimento Imediato

LIGUE: 246-1332

TELEFONES ÚTEIS

Aeroporto de Viracopos Tel. (0192) 470909
 Aeroporto de Congonhas Tel. 531-7444
 Aeroporto de Cumbica Tel. 945-2945
 Terminal Rodoviário Tietê Tel. 235-0322
 Compra e Venda ou troca de Telefones Tel. 246-0777
 Tels. que não constam em listas Tel. 102
 Farmácias de Plantão Tel. 136
 Desperário de Ônibus Tel. 133
 Itinerário de Tempo Tel. 13
 Eletropaulo
 Bombeiros
 Sabesp
 Polícia

O transporte de arte merece um serviço dedicado

NOTA FISCAL
VENDA VAREJO A CONSUMIDOR
SÉRIE D
1.ª Via - Cliente

Nº 053776

Rua Guajajaras, 505 - Belo Horizonte
CGC 17 243 908/0001-29 - Insc. Est. 062 026064 0017

Data da Emissão: 7 / 1 / 93

TOTAL		Preço Unitário	
248000,00			
350.000,00			
250.000,00			
TOTAL		Preço Unitário	
848000,00			
TOTAL C.R.		Preço Unitário	
848000,00			

Adenir

O começo

Inês Campos

O começo

you place your palms
as if caressing the water without scaring it
you point the beginning with your voice
the voice of so many women
weaves the first thread — the thread of the middle
knotted behind the idea descending
through the fingers to handle the thread
the ink of language
part of you the north wind
tearing the tiles of fear
everything that is not
ghost and attempt

Garimpo

peneirar
os grãos de areia
os parágrafos
o não das regras
reter nas mãos
o inteiro da semente
peneirar se equilibrando
entre o solo e o rio

no fundo das minas
os dias sem céu
restos
nos alvéolos
o ouro em pó
escondido nos cabelos
outro equilíbrio
no espaço estreito da escolha

O cavalo de Turim

sei que você vê as marcas na minha pele
sinto seus olhos atrás das abas
escuta o vento que preciso romper
o couro em suas mãos
sua ira a camuflar o medo

e o que vejo é o lombo marcado
teimosia engolida pelo repetido dos dias

a mulher a sustentar os tijolos
o início os baldes de água
mas há um instante
somente um no ritmo do dia
a mirada atravessa o vidro enquanto espera
o cozimento das batatas
o começo informulado da pergunta
desatado pela fervura

fui o primeiro a perceber
a inutilidade de tantos arreios
não há filosofia que caiba na superfície crua
três bichos no vazio
vidas devoradas sem sal
ainda com pele
queimando a língua

Esconderijo

se vier, vem à quinta-feira
não acene não
enxergo bem
estou ocupada com a água
viva a rodear as pernas
se vier esqueça o mar
estou escondida nos pés da árvore
em raízes

Respiro

ele lançou facas sem tremer as mãos
com a memória do corpo
atrás dos olhos vendados

ela olhava o voo para o instante
de sentir o frio da lâmina
traçando o contorno
o respiro suspenso para não mais
ouvir a outra voz
pronta para a fuga

para Lara

a lição das dunas
é o grão e o vento
não há raiz árvores leis da física
os livros das normas não estão mais aqui
o ravel que tentamos ouvir foi engolido
pelos acordes do trabalho do atrito
as dunas que vi você conquistar
as dunas que me deixei invadir
essa imensidão entre a trama e a malha
selada na pele do depois
no labirinto das orelhas
a lição das dunas é deixá-las entrar
nelas desaparecer

e você escorregando em suas formas
fazendo estrelas e giros
rindo da incerteza do chão
a lição da duna
pois todos os retratos e teses louvadas
não encontram prateleiras paredes
e fichas catalográficas
todo o vocativo que lhe destinavam
perde-se nas correntes aéreas

a lição da duna é que o poema nunca termina
é terminar o poema com estrelas em areias movediças

Cartas da Estrada

Paula

[s.l.], [s.d.]

"sonhei com você, *pequena*. andávamos de pés descalços por sobre as pedras e o vento trouxe até o seu cabelo um dente-de-leão. assim, de presente, de repente. fizeste tu, fez você um pedido, sem desfazer a flor. achei de uma beleza o gesto teu. quis que fosse eu o que pediste àquela flor, mas já me tens entregue, teu", sonha ele comigo e ao amanhecer me conta. acho corajoso.

caminha por sobre as pedras no caminho até a cachoeira de T., sem camisa, veste o mesmo calção que veste pra surfar. pra não molhar o meu vestido, eu visto um de seus calções de surfe, visto-o com o fio mais apertado pra poder segurar na minha cintura.

seria perfeito o dia se chovesse. "*magina* banhar de cachoeira e chuva ao mesmo tempo?", digo animada. "*pequena*, você sempre quer tudo", diz ele sorrindo. eu rio e banho de rio, de cachoeira, de mar, de chuva.

pés descalços, corremos pelas pedras. eu corro na frente, ele atrás. normalmente sou eu a pessoa mais cuidadosa do mundo, mas não tenho sido nos últimos tempos. corro descalça por sobre as pedras. "*cuidado, pequena*", estranho ouvir alguém me pedir pra tomar cuidado, mas a voz não me é estranha, nem um

pouco estranha, me cuida de longe, de longa data. logo eu, a pessoa mais cuidadosa do mundo.

lembro logo que não tenho sido tão cuidadosa nos últimos tempos. estranho ouvir alguém me chamar de pequena, logo eu com os meus um e oitenta de altura, mas a voz não me é estranha, nem mesmo um pouquinho estranha, me cuida de longe, de longa data.

Paula

[s.l.], [s.d.]

deito no chão com a cabeça recostada sobre uma almofada branca de renda, os braços abertos. acabamos de chegar, cansados de sol, bronzeados. meu corpo quente de minissaia e camiseta, seu corpo quente de calção de surfe e descamisado.

cê deita à procura do espaço aberto entre o meu antebraço e as minhas costelas. e se achega. eu fecho minha asa esquerda e te faço abrigo. cruzando o braço por sobre o seu peito faço um carinho na sua barba crescida, sinto sua respiração e sua inspiração por entre meus dedos. cê passeia pela minha coxa a ponta do dedo anelar, os outros quatro dedos tocam o ar. seu cabelo tem o cheiro do meu cabelo. enquanto te faço um cafuné, percebo que, de uns tempos pra cá há novos fiozinhos cinzentos por entre os castanhos. e é tão bonito ver isso acontecendo, poder estar ao seu lado, te percebendo.

cê vai já adormecer, bem sabemos. mas antes, serpentear a cabeça — e o resto do corpo por conseguinte — até a minha clavícula esquerda, inclinar a cabeça pra cima, a pontinha do nariz encostar no meu queixo, me olhar, ter um espasmo muscular, sorrir sabido, me vendo. e quiçá dizer coisas que eu já decorei, coisas que eu mais que sei. quiçá eu adormeça contigo. vai já entardecer, bem sabemos. e que bom que nesse lugar não há tanta pressa, que podemos fazer todo o nada desse mundo, que daqui de onde estamos podemos ver o sol se pondo.

Paula

[s.l.], [s.d.]

vai já anoitecer, bem sabemos. e eu estou aqui contigo, deitada contigo, contigo sob a minha asa esquerda. cê adormeceu, como bem sabíamos que aconteceria. se minimamente me movo, do teu sono te acordo. agora não sei o que faço, se te deixo dormindo ou se te acordo. que bonita uma dúvida desse tipo. se te deixo dormindo tão calmo, com o braço esquerdo sobre o meu diafragma e a perna esquerda sobre a minha perna esquerda. ou se te acordo, pra juntos, deitados, sentados ou de pé, vemos o sol se pondo.

decido te acordar pra que decida por conta própria o que fazer queira. te cheiro a testa e cê acorda, com a voz grave e entardecida, perguntando, "o sol já tá se pondo? já se pôs?"; respondo: "quase, mas se tiver com sono volte a dormir, podemos ver amanhã de acá ou d'outro lugar de onde estivermos." "tenho sono, mas quero mais ver o sol se pondo contigo, *pequena*", diz dizendo.

e vemos o sol se pondo. e vimos o sol se pondo. anoiteceu o sol se pondo, anoitecendo.

Paula

[s.l.], [s.d.]

mesmo quando cê deita

sobre a minha clavícula
sobre o acostamento
sobre o meu ombro
sobre a estrada

mesmo quando

eu estou certa
e quase sempre eu te aconselho
ainda assim eu te aconselho
cê me chama de *menina*

mesmo

tão menina e certa
quando estamos no prego
eu ainda quero o seu lado
no meio do nada

mes

essa vida tão incerta
cê encontra um dente-de-leão
coloca no meu cabelo
e me chama de *pequena*

Paula

Da série **Cartas da Estrada**: 1. *Pés descalços correndo por sobre as pedras*; 2. *A procura encontrada*; 3. *A procura encontrada II*; 4. *Mesmo quando e ainda assim*.

Ao fechar os olhos imagina a água

Deanna Ribeiro

GUIA 1

aumenta o volume e ouve: o sibito canta no parapeito da curva dobrando o dia na próxima hora mistério na virada da esquina onde sobra chão tão longe que o olho cansa presta atenção e capta a entrelinha da música naquele fino instante em que o pássaro se entrega ao lapso do sentido porque o fôlego do som antes de ser perceptível fura a bolha do silêncio e avança irremediável sobre o rasgo e o vazio do ciclo

GUIA 2

aumenta o volume e ouve:
o sibito canta no parapeito da curva
dobrando o dia na próxima hora

mistério na virada da esquina onde
sobra chão tão longe que o olho cansa

presta atenção e capta
a entrelinha da música naquele fino instante
em que o pássaro se entrega ao lapso do sentido

porque o fôlego do som
antes de ser perceptível
fura a bolha do silêncio e avança irremediável
sobre o rasgo e o vazio do ciclo

reminiscência

dos receptáculos que podem guardar um corpo
a concha é aquele que mesmo vazio canta
e indica a dança do mar

nos meus tempos de criança diziam que dentro da concha
junto ao ouvido ainda é possível saber da água

enxuta, é nessa memória que ela permanece
— uma membrana —
lembrando de quando era o sal quem a molhava

ao ouvido

do que é feito o silêncio
de algum fogo morto das dores remediadas
das palavras que ainda não dissemos

(da boca à sombra de outra boca
que de tão próximas dispensam a fala)

ou do que pressupõe existência

quantos sons serão precisos para ouvi-lo
o pássaro a britadeira
o pneu levantando água da poça

os estalos dos dedos
a síncope do fonema

um som se faz de silêncios vários
debaixo do óbvio
mas não se propaga no vácuo

(ou será o próprio ar não vibrado
capaz de guardar apenas pra si
o ruído que se faria ouvir caso contrário)

som e silêncio alvoroçam na corda
ensolaram e tremem
gêmeos na cadência do tempo

radiola

dor doída de dentro pra mais dentro ainda
é assim feito fim de disco

encerra a fala
mas não cessa a melodia rouca
da agulha desenhando círculos
de quase silêncio na face do vinil

carrossel em torno do mesmo eixo
aparentemente mudo mas que
ecoa no ar um ruído pouco
submarino na frequência dos peixes

a maçã não se olha no espelho
nem sabe que pende do galho
não crê em deus nem teme a morte

e nunca ouviu falar de pecado:
o símbolo de sua carne doce
— mais água do que carne
na verdade

a maçã não sabe
e por não se saber é
— mais do que se soubera

nós
— seres de uma determinada espécie —
damos a ela seu nome e separamos em partes
tudo quanto o galho alcance

nós seres pensantes
nomeamos categoricamente
a maçã o espelho e a ordem

azulejos

Gabriel Machado

azulejos

i

pra minha mãe

os carros que ousam ser azuis
dirigindo do asfalto
céus de parabrisa

ii

não costumo defender
uma grafia de outra
de nome de gente

mas falando de luiza
é um pecado não ser essa
um pecado ser com s

que nela cabe azul
embaralhado e ainda assim
a palavra mais poema do idioma português

junta de maria então
chamar ela é declamar
que o mar ia azul

e ainda sobra outro i
que sei ser eu
quando falamos em inglês

iii

porque quando o céu vai se pondo
todas as cores até o vermelho
se convertem ou
se conversam
em azul

e nesse minuto azul
que precede o cinza das noites
do jeito que amanhã precede ontem
no calendário dos sonhos

é nesse minuto azul que o dia vira de verdade
e nesse minuto se sabe,
de cor,
que acordar é sobreviver
à suicidade
de escolher em vida os sonhos

o azul não vem do sol se pondo
o azul é só o céu
supondo

caso na hora do sonho
em cinza se ponha
acorde:
suponha
que o sol também azul se sonha

dia logo

- mãe, onde acaba o mar e o céu?
- na linha do horizonte.
- a gente pode ir lá?
- ainda não.

4g de anagrama

meu amor
que mora
nos ramo
das romã

entrouvidos

na orelha do livro
sussurra as histórias

tradução

livros em inglês
que são buques
de tão flores páginas
palavras pétalas

era onça

meu pai não tem tanta foto dele criança
as lembranças não vêm em filme
e o que tenho de herança
se revela em confiança
ou pelo menos na vontade de fotografar
que pode vir de uma criança

do ano que ele passou no sul de goiás
não tenho foto
mas a memória de uma onça
tão mais fotográfica apesar das nenhuma câmeras

a onça pro meu pai
ele mais novo que eu
não era a onça
mas o boato da onça
a pegada da onça
e o rugido da onça
que o mais perto que eu cheguei de ouvir
foi no sul de goiás
quando meu pai era criança

a criança sem a onça
mas com rugido pegada boato
e a esperança
de ver a onça

no cerrado
na cidade
a criança
cria a onça

quando o pai foi embora

Thiago de Oliveira

quando o pai foi embora

quando o pai foi embora
percebi que não estava
perdendo ninguém

palinódia

quando o pai foi embora
percebi que não sabia
quem o pai era

palinódia segunda

quando o pai foi embora
percebi que ele já havia
partido faz tempo

pergunta

quando o pai foi embora?



[Livrai-nos]

Anderson Cunha

[Livrai-nos]

Se é verdade que aí estás,
Senhor... acode
Ilumina essa gente
Que não ri e não fode



Já não quero escrever ou como sair do labirinto (práticas do papel e práticas de leitura)

Isabelle Scalabrini

1.

prece

sempre agradeço
à página em branco
pelo espaço
para me fazer
e desfazer

2.

o papel importa tanto
quanto o verso

3.

faço gestos no papel
com a minha mão direita
poderia fazê-los com a boca
mas escolho os olhos
aos ouvidos

4.

do tamanho de minha mão fechada
o caderno é amarelado recortado
costurado no Japão
estou aqui de luz acesa
do outro lado do mundo
nesse lugar bem longe do Japão
com o caderno aberto
a caneta bic na mão

5.

escrevo ficções
fricções

6.

copiado de H.H.

o poema escreve o poeta

copiado de tom zé

todo poeta é um complexado
mal interpretado

7.

labirinto é o texto
trabalho que se faz por dentro

8.

o poema é
um labirinto
depende do desejo do leitor
de sair
ou se aventurar mais um pouco

9.

caro leitor,
caso queira marcar um encontro
estarei na porta do labirinto
preferencialmente pela manhã
não te darei as mãos
não te acompanharei
pelos múltiplos caminhos
não darei dicas
estarei sentada
numa cadeira de praia
tomando uma água de coco
assistindo à sua cena de leitura



Haikais

Jaque Monteiro

Ébrio de empatia
Levou o cão abandonado
Na tarde de outono

Os fios na rua
Viraram clave de outono
Com notas de pássaros

Formigas trabalham
Lá no pé de seriguela
Temporal de folhas

Com um olhar tristonho
Viu o seu jardim de frésias
Tombado de sede

Saudoso no ocaso
Ondas lhe trazem memórias
Mar de primavera

Os Artistas sob a Cúpula do Tempo

Fidia Balromb

OS ARTISTAS SOB A CÚPULA DO TEMPO

CONTRATEMPO

I

CONTRAPESO

estava à serviço, cesta
serpe, aos tambores lô
bambos, que ao elogio
ao equilíbrio, em avôs

leprosos e vens, ofício
aos ventos ofídio, e lô
caprinos, e venço piso
ao sacrifício, e senhor,

estava à serviço, brasa
e antebraço, a transpor
asas, que emaranhados
lô, que a tandava, o nó.

II CONTRAPARTE [1]

que antes foi, artefato,
o coiro de toiro, pesai
arcada, que foi e o ato
e quarto de oiro, mirai

que foi e o fato da arte
o prato e estrato, ornai
a posta calaça da parte
a lança, e a lasca, afiai

aljava e nonada, da ata,
o talho do estoiro, sejai
a pia, batismo e a prata
narrai, do nome caloiro.

III CONTRAFATO [2]

o mim e ninhada, aldeia
fincares, senhora e mim
alberga o porfins usares
de portos e altares, vins

há portas, aloca as pares
às fabris das lorpas, sins
aos quartos de oirossare
s, e cortas, os outrossins

às quarta de pedras, arte
diedra, as funções e rins
vêm dois, e à justa parte,
aos paras, venusta e fins.

IV CONTRAPASSO [3]

aldrabe, e do toiro lira
balira e acende, e sobe
cabeças de dois sacode
acossa e suspensa a ira

e pende a cabeça, viga
sustenta, vidente e ode
o lápis-lazúli em rodes
suspensas da terra siga

em madrepérolas, casa
da água, e atrás ovelha
que pastoreia, quem ea
e galas de boi, balague.

V CONTRAVOLTA [4]

abre a tua entrada, abre a
tua entrada, e ingresse eu
se não abres, não entrarei
descresses, eu não voltaria

porta para o mundo, cifra
abre a tua entrada, possas
em descida fresca, o mim
linha, a porta sobre plano

abre a tua entrada, abre a
tua entrada, e ingresse eu
se não abres, eu te abrirei
abrisses, e eu não voltaria

VI CONTRACENA

é morto, é morto, evoé
no matadoiro é e não é
no sangradoiro e é ante
o coiro evoé, e cortante

é vivo e vivo antecoiro
no pé, é não é, e é toiro
na mé, é não é e é cante
o coiro, evoé, e vazante

é morto, é vivo, é não é
no agoiro, e no pontapé,
no vindoiro do barbante
ao berrante evoé e coiro

VII CONTRADITA [5]

noivo e vitela, na casa
de eresh, sabão à testa
meu pai, anoitece pela
ladeira, onde santuário

nisaba, e à reta estrada
de eresh, sargão à cara
levanta o antigo e pela
estrela, onde a tabuada

tecido da tábuá, e doze
as linhas, nisaba a casa
meu rei, algo foi criado
que cá antes não estava.

TAUROMAQUIA [6]

I TAUROMAQUIA

parar o touro, curral
o touro, se abortarei
ao touro, me surrará
berrar o homem, irá

berrar o homem, irá
o homem, e tomarei
ao homem, e tolherá
montar o touro farei

gravar o touro, parar
o touro, se agravarei
ao touro, se acionará
parar o homem, lidar.

II LOGOMAQUIA

ele fez a voz, e ela
fez a voz gritar, ao
céu gritar e ela fez
e devo gritar, e ela

gritou e aí toiro fez
e ela, e a voz gritar
da terra gritar e fez
dez vezes gritar, aí

gritou ela fez a voz
à luz fez gritar e ao
touro gritar, ela fez
coberta com lã deu

III MINOTAURO

o povo, o povo, e à mão
novelo e talento, o novo
machado e o toiro bravo
decapitado ao que move

e move de novo, o povo
o povo, e à mão, novelo
talento e machado outro
o toiro e o corno é grave

decapitado ao que movo
o toiro, o toiro, machado
usado e talento, ao braço
destro, o menino é bravo.

"Os Artistas sob a Cúpula do Tempo" é composto de duas partes (Contratempo e Tauromaquia). O texto é dotado de uma fragmentação sintática que decompõe imagens visuais em blocos justapostos, buscando criar novas camadas de sentido. A base lírica dos versos toma como ponto de partida poemas antigos:

[1] e [2] Enheduana;

[3] *Grande Hino para Shamash*;

[4] *Descida de Ishtar ao Mundo dos Mortos*, por Jacyntho Lins Brandão;

[5] Enheduana, "E-Zagin";

[6] e a *Epopéia de Gilgamesh*,

no intuito de criar novos mitos de origem para as artes através de uma montagem elíptica e contemporânea.

adagas

Samara Eva Santana

adagas

ao ocupar-se do estrondo
deste quarto
um alvo desavisado cai
na dianteira breve
do sono
nesta antessala
há uma enciclopédia
em esperanto
onde
o segredo
é a língua magiar
dos ianques
e a fuligem morta
alcança
a saliva quente
de todas as línguas
como um pequeno
lago de veludo
que adormece na boca
feito um veleiro
indisposto
os fiapos dos lábios
em virtude
da gramática
se assanham quando
a reprise de um filme sem fim

se apressa indo ao longe
como se de partida levasse
junto com ele
um rio póstumo de tão fundo
ou um dicionário definitivo
de antigas adagas.

expurgo

eu não tinha nascido
mas aqui bem agora
agora aqui
bem nesse exato momento
é hora de nascer

faço força
e eu sou a mulher que faz
ouço um barulho
mas não me mexo
outra geme

de repente ouço um estrondo
barulho de tijolos se partindo
alguns deuses terão que morrer
até que eu chegue
ao deus do futuro.

se meu nome fosse mulher

se meu nome fosse mulher
nome certamente não teria
só um par de seios grudados
como um lustre, um cacho de bananas
e uma casa eternamente aberta
sem maçaneta e janelas.

por não ser mulher
não me denominava
nem fé, nem santo
luz ou espírito
tudo seria a falta de
o silêncio de

declararia aberta a caixa vazia
das redundâncias
e esperaria para atravessar com a faca
até os dentes
o último homem que chamei de homem.

duplo

eu escrevo esse poema
enquanto em algum canto do mundo
um igual escreve outro

minhas duas mãos estão postas
sobre a mesa
como em um álibi infinito

enxergo um movimento inoportuno
que não se parece em nada com o meu

de longe
as duas mãos duras e antigas
pairam sobre a minha testa:

estou febril, penso
deve ser a vida.

vermelho cereja

difícilmente em mim se torna física
 uma lembrança
 ando triste como
 num filme triste
 onde só há desencontros
 & reviravoltas
 de repente numa dessas reviravoltas estamos nós dois
 nesse porta-retrato torto
 (eu que fico sempre mais rígida e morena à luz e à cor do álbum
 de fotografias) em algum lugar da pérsia, dois objetos não
 [identificados um dentro do outro fazendo fita
 olhando de dentro para fora as flores de *shiraz* se amontoarem
 [pelas órbitas da trama
 tomando chá de lima em cadeiras de bambu.

não longe passa uma correria
 de crianças vestidas com estampas fortes
 uma delas tem os olhos
 apertados, frios, quase minguados
 pelo contorno da paisagem
 outra é uma menina curva, quase manca, todas as crianças
 passam como vultos distorcidos — de repente
 apenas pisco, e somos nós as crianças persas, roupas
 estampadas e olhos minguados pelo contorno da paisagem; há
 uma lenda que diz que à esquerda do verso de qualquer poema,
 há uma árvore de cerejas secas
 então damos as mãos para a menina curva e manca, e
 corremos todas crianças enormes e turvas até a árvore — se
 a balançarmos, decerto voarão pássaros e desembocarão em
 nosso colo cerejas bem vermelhas sem sumo, como num livro
 que se abre sem saber de antemão o que virá de dentro dele;
 como um enorme baú antigo preso pela raiz
 se não a balançarmos, talvez, nada aconteça
 talvez a foto só saia mal revelada.

lâmparina

acendo a luz
porque o poema
é escuro
depois, apago
para me sentir
a própria luz
que ilumina o poema.

afetos

que coisa linda
imagino
ter afetos

mas tenho
um espelho
além do que
casas, árvores
na cabeça
tenho plantas
com raízes velhas
para criar em
terrenos baldios

ainda tenho
que receber
meus felinos negros
robustos travestidos

de marinheiros
outros mundos
para reinventar
dromedários sem chifres para
guardar em potes e cultivá-los
ao pé da ribeira

vê, que então,
não tenho cabeça
pra afetos?

biópsia

Gabriele Rosa

papel-navalha

1.

se vissem meu corpo atestariam
meu óbito
talvez seja uma pergunta

2.

dor de papel navalha
polissacarídeo contundente de
nano serrotes inofensivos a olho
nu
pupilas desorbitadas
pele fosca
susto
a moça de echarpe lilás cafona rasgou meu
mapa natal
ela disse morta
— a senhora está morta
e eu bem aqui com a
retina estridente e a voz
soluçante sem berrar

[uma vírgula

dobrada amassada descartada
morta
rg cpf pis pasesp cnh
morta
pagamento suspenso

morta
com trinta e sete notificações no whatsapp
morta
quem herdará meus seguidores
morta
olhando para as minhas córneas ela disse
morta

medula andarilha

afogada no oásis burocrático das identificações. não há braço que supere uma morte falha e não há memória sem esquecimento. e se eu parar de lembrar? existo. medito em talheres amontoados, eu-reflexo-refluxo. caminho. canso. luto. trama, tralha, troça. alfabetos falhos, sistemas-sintomas. catalogaram meu fim. folha, livro, certidão: óbito. uma fenda, um vão, um mote. usurparam a minha vida, ou fui eu que usurpei a morte de outra? nunca esperei nada dos dias e não tenho febre. agora carrego o peso de um corpo vivo, registrado carimbado certificado morto. tudo me comprime: veias, vasos, vozes. por que cortes de papel são tão doloridos?

biópsia

as notícias boas não chegam em laudos lacrados levados de um lado para o outro por olhares que engolem bisturis e cafés requentados. quarta-feira, dia de Mercúrio. carregar ruínas no peito, esquecer de tragar cigarros matutinos. mamilo deturpado. vestidos soltos floridos. exausta de usar biquíni no inverno carioca, com mínimas de vinte graus. as linhas das mãos se perdem quando lavamos louças intermináveis. couve, bertalha, agrião. Vó, não vai ver a novela hoje? setenta e nove, sem históricos familiares. carcinoma infiltrante da mama de tipo não especial grau nuclear três. susto. a existência da vovó será consumada no meu útero desabitado. deveria ter comprado o pacote de congelamento de óvulos no mês passado? exame preventivo ou a médica tentando me convencer a ter os filhos que nunca desejei pra ganhar um dinheirinho extra ou minha Vó permanecendo. passada, trinta e cinco — ela disse. o sorrisinho estalando no canto da boca. trompas de falópio constrangidas. mexida, trinta e cinco. você me desculpa? almocei nhoque da fortuna. as avós não morrem nas canções de ninar. papila, fáschia, aréola. o crescimento espontâneo de neoplasias malignas não apareciam nas cartas natalis do nosso jardim de rosas táteis. bússola absurda. registros em áudio, fotografias sem bordas, monóculos de estilhaços. meu próximo livro? guardei as lágrimas debaixo das unhas. retinas vacilantes, tuas falanges amornadas. sorte que o Tarot não termina no arcano XIII.

nodulares

1.

nodo norte traz sorte
nódulo na mama direita
morte?

2.

câncer na casa três
brinca com o lote da fortuna
vovó teima e esconde o peito, queima

3.

gânglio à vista
fogo no sol, água no ascendente
câncer dá em bicho, gente

4.

crescimento anormal do número de células
águas antigas, corpo trincado
sorte que a voz não morre

5.

cintilografia óssea
no café da manhã
neoplasia maligna tira o apetite

6.

roseira com espinhos
de arrepiar
as avós não morrem nas canções de ninar

Pequi

Gabriela Conrado

passaram a vender pequi no centro da cidade
a lata é cinco reais
fruta que dá no cerrado
pequena e alaranjada
dá no grande pequizeiro que chega até seus doze metros de
[altura
cuidado não pode morder o pequi
tem espinhos lá dentro
me avisa minha mãe
num domingo ensolarado na casa de roça dos tios
o cheiro de pequi impregnando tudo
e fazia um calor danado de dezembro após temporada de
[chuvas
raspei com o esforço do cuidado excessivo
deixando nos dentes os entremeados da fruta
o pai
a vó todo mundo comia
fazia silêncio e achei penoso difícil
dá muito trabalho comer pequi
os homens vêm empurrando um carrinho de mão
vendem latas de pequi por cinco reais no ponto de ônibus perto
[da praça sete

faz calor e o cheiro do pequi me impregna
você deve ter alguma coisa de pequi
talvez seja a cor meio dourada ou o rosto oval
grande como um pequi graúdo
deve ser esse seu jeito espontâneo de não se importar
mas completamente consciente da sua presença
que me empesteia entre a pele
a lata é cinco reais
será que sempre venderam pequi no centro?
minha mãe acharia graça eu chegando em casa com uma
[sacola de pequi
sacola não lata
as pessoas vão comprando
as pessoas devem gostar mesmo de pequi
eu que sempre tive medo de pequi e talvez do medo tenha
[criado uma aversão
costumava afirmar categoricamente
eu odeio pequi
eu amo o cerrado mas pequi não
pequi com carne de sol e arroz
assim você estraga a carne de sol mãe
o gosto impregna
não adianta separar meticulosamente a carne do pequi o
[arroz do pequi
fica tudo igual
você tem alguma coisa de pequi deve ser o cheiro

que chega antes
que anuncia precocemente sua presença
que continua palpitando por todos os cantos
quando você vai e tudo que te toca
mesmo brevemente
já não te esquece
a lata é cinco reais
vender pequi como quem vende qualquer outra coisa
balas açaí panos
rede
maçã san marino
foto na hora
chip da oi almoço latão pequi
é pra acabar o pequi
se eu levasse pequi para casa o que minha mãe iria dizer
eu nem me lembro da última vez que comi pequi
não dizem que o gosto muda com a idade
não me lembro quando decidi que não gostava não foi pelo
[gosto
foi pelo cheiro
o pequi tem cheiro de pequi
cheira pequizal
flor de pequi e pétalas amarelas
pequenas porque no cerrado por vezes falta água
e o fogo começa a crepitar no mato seco
a flor pequena

nasce dela o pequi
o cheiro é para atrair passarinho
abelha beija-flor gambá
que ficam sujos de pólen e o pólen entremeia no gineceu e seus
[pistilos
e junto com gametófitos arredondados
faz novo pequi
vai brotando a vida outra vez
acho que você tem alguma coisa de pequi
devem ser os olhos meio redondos
meio incertos puxados de cada lado que traçam sorrisos
[marrons
talvez tenham em comum isso de vir de outra terra
de atravessar uma linha reta meio encurvada entre alguns
[pontos
atravessar mato mato capim seco
sobre um caminhão remexendo
e o caminhão na estrada deixando o rastro de pequi
nuvem de cheiros até desembarcar num grande galpão
e depois ir pra outro grande lugar
mais caminhões e homens ensacando enlatando
carregando pequis nas costas ou empurrados
por carrinhos de três rodas que chegam até o ponto de ônibus
este no centro de belo horizonte
onde vendem o pequi por cinco reais a lata
quando viajamos até casa de minha tia

passamos por uma cidade chamada pequi
você achou graça dos pés de tronco retorcidos que vão caindo
[na estrada
alguns carros param para pegar o pequi
ali é de graça as latas e sacolas que vão enchendo
o cheiro veio para dentro do carro
você quis parar
catou quatro com sua mão suportei o cheiro o resto da viagem
por que você não gosta de pequi
me perguntou
sei lá
não lembro bem o motivo talvez o cheiro impregna tudo
te respondi
talvez também fosse o medo dos espinhos
se eu mordesse o pequi com força
os espinhos cortariam minha garganta
pequi é uma fruta perigosa
tem que comer pelas beiradas
roçando apenas a superfície
controlar a ânsia de abocanhar tudo numa só dentada
minha mãe talvez gostasse se eu levasse um pouco de pequi
a lata é cinco reais
pelo menos o cheiro só para impregnar a casa inteira
e a gente ficar pensando nas tantas vezes que não comi
ela me perguntando por quê
eu dizendo sei lá

era o cheiro
eu tinha medo
ela sorrindo os pequis cozinhando
até os vizinhos perguntarem no outro dia
fizeram pequi?
e para sempre o cheiro ficaria impregnando nas gretas dos
[armários
debaixo da cama
entre os tacos da sala
fazendo desse dia memória e todo mundo lembraria rindo do
[pequi
é pra acabar cinco reais a lata!
talvez você tenha mesmo alguma coisa de pequi
essa sensação que o calor aumenta
em dezembro depois das chuvas
quando a cidade se enche de mosquitos e pernilongos
o corpo fica molhado
o cheiro vem a lata de pequi é cinco reais
o ônibus finalmente chega
eu corro para dentro
ainda é quente o corpo transpira
eu passo a roleta o ônibus vai
o vento entra rápido pela janela
mormaço mesmo assim o cheiro continua
o cheiro vai continuar
mesmo sem ter tocado

comido
chegado suficientemente perto
é como se tivesse me enlambuzado de pequi
e não adianta os banhos
a bucha
o sabão me esfregando
não adianta me esfregar em outro alguém
o cheiro de pequi fica
na minha cama
nos meus lençóis
cabelos por dentro
por fora
você deve ter alguma coisa de pequi
espero que não sejam os espinhos

Indique-nos o nome de dois amigos ou familiares que possam estar interessados nas nossas obras.

IMPRESSO

Por favor cole aqui selo taxa impresso

© Publicações Europa-América, Lda.

PUBLICAÇÕES EUROPA-AMÉRICA

Apartado 8
2726 MEM MARTINS CODEX

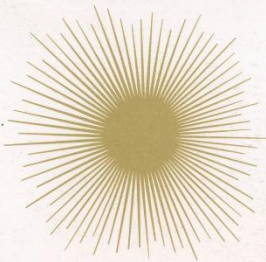
NOME _____ PROFISSÃO _____
 MORADA _____ LOCALIDADE _____
 CÓDIGO POSTAL _____ LOCALIDADE _____
 NOME _____ PROFISSÃO _____
 MORADA _____ LOCALIDADE _____
 CÓDIGO POSTAL _____ LOCALIDADE _____

Mod 133 073

Vamos h

a Liberdade.

ALBERTINE



- ABCP
- outros eventos
- artigo Telma
- artigo cl lu
- TCC Raquel

Invoice

Centre
sex, PO22 9SA England

INVOICE No. CS978430
Always quote this number

DATE 17/01/96
(Tax Point) Day Month Year

National Giro Account
GB 314 0156

TERMS NET

DAYS CREDIT

VIA (CARRIER)

PULLER

NO. OF PARCELS

PACKER

DATE DESPATCHED

Binding

ISBN

Price

Amount

VAT Rate

F18D

FAX

10/301

Editores Nicole Alvarenga Marcello e Jorge Miranda
Projeto gráfico e diagramação Jorge Miranda
Concepção de capa Nicole Alvarenga Marcello
Revisão Nicole Alvarenga Marcello

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(**BENITEZ Catalogação Ass. Editorial, MS, Brasil**)

Revista Quarup, vol. 1 [revista eletrônica] / editores Nicole Alvarenga Marcello, Jorge Miranda. – 5. ed. – Belo Horizonte, MG : Casa Quarup, 2025. PDF.

ISSN 2965-792X

1. Artes. 2. Cultura. 3. Ensaios literários. 4. Poesia brasileira. 5. Prosa brasileira. I. Marcello, Nicole Alvarenga. II. Miranda, Jorge.

03-2025/06

CDD B869

Índice para catálogo sistemático:

1. Literatura brasileira B869

Aline Grazielle Benitez – Bibliotecária – CRB-1/3129



revista
QUARUP

www.casaquarup.com.br

www.instagram.com/casaquarup

casaquarup@gmail.com

A **Revista Quarup n. 5** foi publicada no outono de 2025, nos 80 anos da execução do fascista Benito Mussolini; nos 80 anos de morte do poeta, romancista, musicólogo e historiador de arte Mário de Andrade; nos 50 anos de lançamento do filme *Salò ou os 120 Dias de Sodoma*, e do assassinato do seu realizador, o escritor, poeta e cineasta italiano Pier Paolo Pasolini; na celebração dos centenários de nascimento do filósofo francês Gilles Deleuze, do ativista afro-americano Malcolm X e da cantora, folclorista, bibliotecária e apresentadora Inezita Barroso; ano em que se comemoram os 90 anos de nascimento da filósofa, intelectual, ativista e escritora Lélia Gonzalez, e os 65 anos de lançamento dos discos *Se acaso você chegasse* e *A Bossa Negra*, os primeiros da carreira da cantora Elza Soares.



LOJAS AMERICANAS S/A
R SETE DE SETEMBRO, 267
CGC 33.014.556/0041-83
INSC 181002.0015815-9

CUPOM FISCAL V.VISTA

DAT: 26/11/92 HOR: 11:21
OPER: 4424 CX: 036
LOJ: 0037 - C.F.: 149.566

DP QT VALOR

6 01 12.350,00+

igo Carol
a Bella
a minha
a Castro nev.
Castro novo

- Paimon a Skoppe
de manô (antes
da estante chegar)

- folhas até o início
da tarde 15h
Milca - começar

FILIA **OUT! CECÍLIA MEIRELES**

Je parle français.

Livros Técnicos Científicos Suprimentos

rioaliancafrancesa.com.br

Sexta-feira, 17 de setembro de 1993 - às 19:30 hs.

Não será permitido o ingresso na sala após o início do espetáculo

Platéia **Q - 13**

GOVERNO DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO
SECRETARIA DE ESTADO DE CULTURA
FUNDAÇÃO DE ARTES DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO - FUNARJ

Original pintado com a boca
David L. Cawthorne

Cooperativa Editora e de Cultura Médica Ltda.

A VISTA CR\$ 520,00
A PRAZO CR\$ 650,00

AUTOR VERISSIMO
TÍTULO O CONFINE E VOL. 1
O/A

I P S E M G - HGTE

HOSPITAL GOVERNADOR IS

Setor de

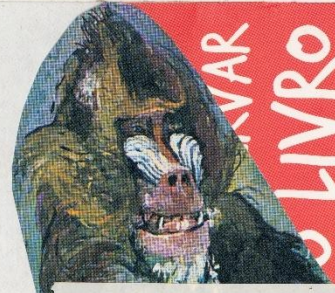
COMPROVANTE (Reg)

UFMG - BIBLIOTECA UNIVERSITÁRIA

120x200

MOD. BU - 013 OUTUBRO/05 25.000

O BRASIL É CAMPEÃO EM CONSTRUIR OBRAS SEM MANTÉ-LAS. É UMA TENDÊNCIA HISTÓRICA.



AGÊNCIA VAN DAMME LTDA.

Rua Guajajaras, 505 - C. Postal, 1037 e 2962
Fone: (031) 226-6492 - Fax: (031) 226-6636

30180-100 - BELO HORIZONTE - MINAS GERAIS

Quant	Nº	Codigo	MERCADORIAS
01 exp			Entre o tempo e a
01 exp			Rodney Mathew
01 exp			A vida do espir

Jesus Justino de Araujo - Av
RH - CEP 30.120 - CGC 16.668.
20 Blocos 86x3 - 093751 a 094750
Operação isenta de Impostos Fe
Não incidência de ICMS cont. I

AUTOR: JOSÉ COSTA LEITE

Os Sinais do Fim do Mundo

ELETRIC. AO SEU DISPOR EMERGÊNCIA 24hs. TODOS OS DIAS

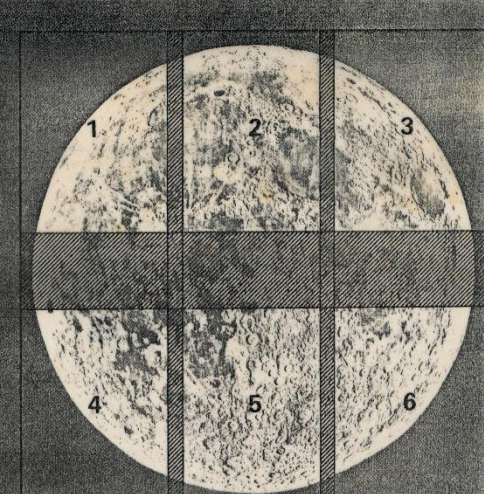
- Aumento de carga
- Requerimento junto à UGHT
- Projetos e Instalações ELÉTRICA
- REDE DE COMPUTADORES
- Reforma de PC

GRAND BOOK
8 Broadway at
New York, NY 10011
- Sat 9:30am-11:00am
- Sun 11:00am-10:00am

CENTRAL PARK
60th St at 5th
- Sat 9:30am-11:00am
- Sun 11:00am-10:00am

212.473.1415

strandbooks.com
Online. On the web
sit us on the web
your mobile phone



Agência Status

LIVROS, JORNALS E REVISTAS NACIONAIS E IMPORTADAS

AGÊNCIA STATUS LTDA.

Av. Cristóvão Colombo, 280 - Tel: 261-6045 - Bairro Funcionários
CEP 30140-150 - BELO HORIZONTE - MINAS GERAIS

CGC (ME) 21.450.937/0001-99 - INSC. EST. 0622441350055

Nome *Raulo An. J. Feijó*

Endereço

Vendedor CGC Insc. E

Quant.	Unid.	Descrição das Mercadorias	Preço
01		hww: O Matador	
01		" : Entre as nuvens	
01		" : Sobre o Rio Amazonas	
01		" : Anais sobre a Filosofia	
01		CD-ROM - II Guerra Mundial	

Salustiano Pires & Cia. Ltda. - R. Itapericera, 261 - Fds. - B. Légioina - Insc. Est. 062.007756.0050 - CGC 17.192.469/0001-72 BH 20 Bts. 50x3 de 028.801 a 024.800
Série D - Aut. de DT-SRF - Metro. de B. Hje. n.º 00033451985 em 05-8-95

NOTA FISCAL - SÉRIE D
VENDAS A CONSUMIDOR
1ª VIA - Consumidor

Nº 024193
Data 13/10/1995